

JORNADA DE FÉ

Uma breve história da Igreja de Cristo Internacional do Brasil

Jornada de Fé: Uma breve história da Igreja de Cristo Internacional do Brasil _v.1

30 anos de história (1987 – 2017)

Coloque marcos e ponha sinais nas estradas, preste atenção no caminho que você trilhou [...].

(Jeremias 31:21)

O discernimento sobre a humanidade da Igreja e de suas fraquezas, próprias do ser humano, irá fortalecer e não diminuir nosso amor. Esse é o caminho que nos permite aprender a distinguir o elemento humano do divino no coração da Igreja; isso se chama amadurecimento.

(Ivan Illich)

Agradecimentos

Agradecemos ao Pai pelo eterno e gracioso plano de revelar sua multiforme sabedoria por meio da Igreja. Agradecemos ao nosso Senhor Jesus Cristo por abrir as portas do Reino divino na terra e por estar à frente da Igreja, pastoreando seus discípulos com amor e soberania até o fim dos tempos. Somos gratos ao Espírito Santo que habita em nós, nosso conselheiro e guia de nossas vidas.

A vida em união com Cristo Jesus é a maior aventura que um ser humano pode experimentar em sua caminhada terrena. É um privilégio fazer parte dessa longa jornada de fé, que começou nos primórdios da Humanidade e permanece viva entre nós em pleno século XXI. Somos eternamente gratos a todos os homens e mulheres que disseram “sim” para a vida em Cristo e que, de alguma forma, contribuíram para que a mensagem de fé, esperança e amor chegasse até nossas famílias. Em especial, em nossa história como Igreja de Cristo Internacional do Brasil, agradecemos a todos que dedicaram suas vidas ao evangelho e que com coragem espalharam as boas novas de Cristo. Obrigado aos missionários que vieram ao Brasil e iniciaram uma semente de fé que hoje floresce como uma árvore robusta que sobreviveu às diversidades de cada estação, dando fruto no tempo certo e sendo sombra para os pássaros. Somos gratos a todos os discípulos e discípulas que nos ofereceram relatos vivos, que se tornaram a principal fonte para a redação deste texto histórico. Vocês fizeram e são os sujeitos dessa história, ainda que nossa interpretação seja imperfeita quanto aos eventos ocorridos. Deus é testemunha de que vocês são homens e mulheres de fé, contados entre aqueles que deram suas vidas pela causa de Cristo.

Aos santos que se reúnem nas igrejas locais espalhadas pelo Brasil, que esse texto sirva de inspiração para seguirmos sonhando alto, renovados pela chama de Cristo. Nossa esperança e oração é que as novas gerações sejam um fruto ainda mais excelente, para que essa jornada alcance, no poder do Espírito que corre em nós como fonte de água inesgotável, a largura, a altura e a profundidade do amor de Cristo Jesus, nosso Senhor. Amém.

Nota dos Autores

(1) As referências bíblicas contidas neste documento foram extraídas da **Nova Versão Internacional - NVI**, exceto quando outra versão for expressamente mencionada.

(2) Utilizamos ao longo deste documento as palavras **líder, liderança, liderar** e outras derivadas da mesma raiz. Nosso entendimento para essas expressões, a partir do ponto de vista bíblico, é aquele definido por Jesus em **Marcos 10:42-45**, que basicamente enxerga o líder como um servo, contrariamente ao que via de regra encontramos nas estruturas sociais e políticas desta era:

Jesus os chamou e disse: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Pelo contrário, quem quiser tomar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".

Assim, preferimos manter os termos comumente usados em nossas comunidades, ressaltando e realçando seu verdadeiro significado bíblico (servos escolhidos e capacitados por Deus para guiar seu povo). Optamos por usar esses termos e não outros para designar as funções ministeriais de direção da igreja, mesmo sabendo do viés secular neles impregnado, com o objetivo de evitar maiores confusões e ao mesmo tempo contribuir para a associação do significado bíblico aos vocábulos que comumente empregamos nesses contextos para a igreja.

(3) Acreditamos que nossa vida como cristãos e como comunidade cristã devem permanecer na luz, pois **“Deus é luz e nele não há treva alguma”** (1 João 1:5). Dessa forma, a intenção ao rever episódios de nossa história não é meramente remexer o passado, mas sim colocá-lo à luz de uma forma não evidenciada e registrada anteriormente por nós, aqui no Brasil. Este incentivo vem da própria Bíblia, que expõe a vida dos servos de Deus, revelando pecados como adultério, assassinato, desavenças familiares de personagens como Davi, por exemplo, e tantos outros do Antigo e do Novo Testamentos. No entanto, enfatizamos a maravilhosa promessa para todos aqueles que amam a Deus: o Senhor age em todas as coisas para nosso bem maior, que é formar Cristo em nós (Romanos 8:28-29).

(4) Entendemos que rever o passado pode produzir inúmeros efeitos em nossos corações, desde alegria, satisfação e gratidão até raiva, rancor e angústia; todos eles podem brotar em nossa alma. No entanto, ao olharmos para a Bíblia vemos que a paz de Cristo, que somente ele pode nos dar, deve reinar em nossos corações e que nenhuma raiz de amargura deve encontrar abrigo em nós:

Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbem os seus corações, nem tenham medo. (João 14:27).

Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo. (João 16:33).

Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações, visto que vocês foram chamados a viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecidos. (Colossenses 3:15).

Cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura brote e cause perturbação, contaminando a muitos. (Hebreus 12:15).

Nesse sentido, decidimos começar este documento por uma abordagem teológica à luz da Bíblia. O intuito é enxergarmos todas as coisas em nossas vidas e em nossa história, como cristãos e como comunidade, a partir da perspectiva de Deus, de um mundo real, mas também espiritual e eterno, que envolve e ao mesmo tempo transcende nosso mundo físico, visível e efêmero. No entanto, se qualquer emoção negativa vier à tona ao revisitar a história, encorajamos você a expor esse sentimento ou sensação, primeiro a Deus, e depois a irmãos e irmãs de confiança, para uma ajuda espiritual adequada.

Índice de assunto

Introdução.....	4
1ª Parte.....	9
Perspectiva Teológica	9
Capítulo 1.....	10
A Igreja no contexto do Reino de Deus.....	10
1.1. No Princípio	10
1.2. O Reino Cósmico de Deus.....	11
1.3. O ser humano e seu papel na criação.....	12
1.4. A usurpação de Satanás e o Império das Trevas.....	13
1.5. O Reino de Cristo, o Redentor.....	16
1.6. A igreja e o Reino de Deus.....	19
Capítulo 2.....	22
A Igreja e a natureza de Deus.....	22
2.1. O Deus Triúno da Bíblia.....	22
2.2. A Igreja e a Trindade	25
2.3. A igreja como uma comunidade terapêutica.....	29
2.4. A Igreja como uma Comunidade de Aprendizado	32
Capítulo 3.....	34
A Igreja no Contexto das Alianças Bíblicas.....	34
3.1. O conceito de aliança.....	34
3.2. Alianças no Antigo Testamento (AT).....	35
3.3. A Nova Aliança e a Igreja.....	37
3.4. A Igreja e as Tradições.....	42
Capítulo 4.....	48
As Metáforas da Igreja	48
4.1. A Igreja como Templo (Santuário).....	49
4.2. A Igreja como Sacerdócio.....	49
4.3. A Igreja como Rebanho.....	51
4.4. A Igreja como Família.....	52
4.5. A Igreja como Corpo.....	54
4.6. A Igreja como Noiva.....	56
4.7. A Igreja como Exército.....	58
4.8. Nota sobre o Reino	59

2ª Parte	62
Perspectiva Histórica	62
Capítulo 1.....	63
Vinte Séculos de História – Uma síntese de 2000 anos de Cristianismo...	63
1.1. A Igreja na Antiguidade: Dos primórdios (29 d.C.) até a Queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).....	63
1.1.1. Definição das relações da igreja com o Judaísmo, com o Império Romano e com a Filosofia na Antiguidade.....	63
1.1.2. Os Pais da Igreja (Séculos II e III).....	66
1.1.3. De igreja perseguida a religião oficial do Império.....	67
1.1.4. Outros pais influentes na igreja (séculos IV e V).....	68
1.1.5. Os quatro Concílios Ecumênicos da Antiguidade (Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia).....	69
1.1.6. O fim da Idade Antiga.....	70
1.2. A Igreja na Idade Média: Da Queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) à Queda do Império Romano do Oriente (1453 d.C.).....	70
1.2.1. Duas colunas da igreja na baixa Idade Média.....	71
1.2.2. A igreja no Oriente e os concílios ecumênicos de Constantinopla (II e III) e Niceia (II).....	72
1.2.3. O surgimento do Islamismo.....	72
1.2.4. As reformas da Igreja no Ocidente e o cisma entre a Igreja Católica (Occidental) e a Igreja Ortodoxa (Oriental).....	73
1.2.5. O domínio muçulmano e as Cruzadas.....	73
1.2.6. Novas ordens monásticas e a Teologia Escolástica.....	74
1.2.7. O surgimento das grandes catedrais e o auge do papado.....	76
1.2.8. Guerras, pestes e o fim do feudalismo.....	76
1.2.9. O Grande Cisma do Ocidente.....	76
1.2.10. Os movimentos reformadores.....	77
1.2.11. A Igreja no Oriente e a queda de Constantinopla.....	78
1.3. A Igreja na Idade Moderna: Da Queda do Império Romano do Oriente (1453) até a Revolução Francesa (1789).....	78
1.3.1. A Renascença e a crise do papado e da teologia escolástica.....	78
1.3.2. A Reforma Protestante.....	79
1.3.3. A Contrarreforma.....	80
1.3.4. Guerras religiosas na Europa.....	81
1.3.5. Reações ao rigor ortodoxo.....	82
1.3.6. A Revolução Francesa.....	83
1.4. Igreja nos Séculos XIX e XX.....	83
1.4.1. Ideais de democracia e livre imprensa.....	83

1.4.2.	O protestantismo norte-americano	83
1.4.3.	Fundamentalismo e Liberalismo protestantes.....	84
1.4.4.	A postura católica romana diante da Modernidade	84
1.4.5.	A expansão missionária cristã pelo mundo	85
1.4.6.	A utopia moderna.....	85
1.4.7.	As três principais ramificações do Cristianismo: Catolicismo, a Igreja Oriental e o Protestantismo	85
1.4.8.	O movimento ecumênico moderno.....	87
1.4.9.	Perspectivas Contemporâneas	87
Capítulo 2.....		90
	O Movimento de Restauração e as Igrejas de Cristo.....	90
2.1.	Os dois grandes avivamentos norte-americanos	90
2.2.	O Movimento de Restauração e as Igrejas de Cristo	91
Capítulo 3.....		95
	O Surgimento das Igrejas de Cristo Internacionais	95
3.1.	Movimento Crossroads.....	95
3.2.	Igreja de Cristo de Lexington e o Movimento de Boston	97
3.3.	As Igrejas de Cristo Internacionais	98
3.4.	Expansão e esgarçamento da estrutura mundial da ICI	100
3.5.	O artigo de Henry Kriete.....	101
3.6.	Reestruturação da ICI.....	101
Capítulo 4.....		104
	A Igreja de Cristo Internacional do Brasil.....	104
4.1	Primeira fase: implantação (1986-1988).....	111
4.2	Segunda fase: estruturação (1988 a 1993).....	116
4.3	Terceira fase: liderança nacional (1993 a 1998).....	123
4.4	Quarta fase: estruturação das megaigrejas (1998 a 2003).....	125
4.5	Quinta fase: reconstrução (De 2003 a 2018).....	131
	Considerações Finais	138
	Referências Bibliográficas	140
	Nota sobre os autores	143

Introdução

Do conhecimento revelado de Deus, sabemos que ele é relacional e ama contar histórias. O texto que você lerá nos capítulos seguintes é inspirado nesses dois aspectos do caráter de nosso Criador. A ideia original que culminou na elaboração deste documento surgiu a partir do profícuo convívio (**relacionamento**) que tivemos por ocasião do encontro de representantes das Igrejas de Cristo Internacionais do Brasil, em março de 2016, em São Paulo. Em algumas rodas de conversa falamos sobre como os irmãos em nossas comunidades locais enxergavam e lidavam de forma tão diferente com os eventos ocorridos nas últimas décadas (**história**), no contexto de nossa família de igrejas. Alguns usufruíam de grandes aprendizados colhidos ao longo desse tempo, outros eram saudosistas, outros defrontavam-se com raízes de amargura no coração e ainda outros queriam simplesmente esquecer o passado e seguir em frente. Observamos que diferentes experiências e temperamentos conduziam a percepções e a reações diversas.

Por outro lado, consideramos que a maioria de nós acreditava que estávamos mudando e que Deus nos guiava com sua graça, tratando-nos como seus filhos. No entanto, percebemos que poucos haviam feito uma análise mais aprofundada e rigorosa da história recente para verificar erros, ressaltar acertos, confrontar nossas práticas com os princípios da Bíblia e, assim, alcançar o máximo de aprendizado dos valiosos ensinamentos e da disciplina de Deus para conosco, valorizando num outro nível o amor e a misericórdia de nosso Pai Celestial.

Diante disso, pensamos que elaborar um registro escrito de nossa história, ainda que resumido e imperfeito, poderia ir ao encontro da necessidade que se desenhava diante de nós. Ressaltamos que nossa intenção com a empreitada de escrever este resumo histórico¹ é, sobretudo, uma tentativa de organizar num documento nossa visão sobre alguns eventos que vivemos como igreja. Nossas principais fontes para compor essa parte de nossa história foram entrevistas e conversas com alguns irmãos mais antigos, além de nossas próprias experiências. Não temos a pretensão de sermos exaustivos ou perfeitos na interpretação dos acontecimentos. Almejamos, com isso, contribuir com as futuras reflexões e conversas sobre nossa história e identidade, esperando que outros textos ou depoimentos venham somar a esta singela e imperfeita contribuição.

¹ Três décadas de história das ICIs no Brasil.

Acreditamos que Deus deseja que vivamos a plenitude do presente, com esperança e sonhos para o futuro, e em paz com as ricas experiências do passado. Para isso, não basta simplesmente seguirmos adiante.

Com relação ao passado, é preciso reconhecer, aceitar, examinar, abraçar nossa história, aprendendo dela e enxergando o Senhor em nossos caminhos. Qualquer perturbação não lidada a respeito de eventos anteriores roubará a integridade espiritual de nosso presente e a exuberância de nosso futuro. Por exemplo, não é saudável nos consumirmos tentando restaurar o passado tal e qual vivemos em certo período que guardamos com carinho na memória. Os anos passam e nós, a igreja e os nossos amigos nos transformamos. Quem é idoso não retornará à sua juventude, assim como os casados com filhos não retornarão aos tempos de solteiro, tal como viveram um dia. Assim também não é saudável deixar raízes de amargura no coração, seja remoendo o rancor a cada dia, seja tentando esquecer o episódio desconfortável, fazendo do tempo um ídolo com o falso poder de curar. Mas em paz com o passado, podemos experimentar com gratidão, na presença de nosso eterno Criador, a beleza de cada fase de nossas vidas.

Dessa forma, o presente poderá, então, ser abundante em nossos corações, guiados por relacionamentos saudáveis e frutíferos com Deus e com o próximo, a partir do exercício de nossa vocação. E teremos, ainda, a liberdade de Cristo para projetarmos o futuro, usufruindo da transcendência que nos é própria, como seres humanos restaurados por Jesus. Essa é a vida que glorifica nosso Criador.

Além desse benefício, Deus nos ensina a registrar acontecimentos, percepções e sentimentos como forma de transmiti-los a outras gerações.

Por meio da Bíblia, o Senhor nos conta a história que começou muito antes de nós, com a criação, e se projeta para além de nossa jornada terrena, na consumação de todas as coisas. O Criador nos conta sobre o pecado e seu plano de redenção, tornando seu perfeito amor mais vívido para todos. Com essa compreensão ampla, cada geração pode encaixar tanto a história individual, como a história da comunidade, nessa grande história do povo de Deus, que tem se desenrolado por milênios. Quanto mais nitidamente nos enxergamos nesse amplo contexto e nos sentimos, de fato, parte dele, mais temos fundamento para definir nossa identidade e, assim, darmos profundo sentido à nossa experiência de fé e caminhada com Deus na atualidade. Além disso, percebemos melhor nossa transcendência e temos mais força espiritual para nos livrarmos da cultura consumista, autocentrada e imediatista do nosso tempo.

Um exemplo bíblico de como tudo isso funciona pode ser encontrado na carta escrita por Judas, irmão do Senhor Jesus. Nesse penúltimo livro da Bíblia, Judas chama os cristãos a batalharem “pela fé uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3) e descreve a ação de pessoas que se infiltraram na igreja para desvirtuar o evangelho da graça de Deus, colocando em risco a saúde espiritual da comunidade e a salvação de muitos. Mas o interessante é que para confrontar as falsas histórias trazidas pelos enganadores, Judas usa a verdadeira história registrada por Deus no Antigo Testamento (AT). Mesmo numa carta tão breve, ele fala de Sodoma e Gomorra, de Caim, de Balaão e de Corá. Judas, inspirado pelo Espírito Santo, sabia que essas histórias de séculos atrás eram conhecidas da igreja e tinham o poder de iluminar a situação presente daqueles irmãos e irmãs na fé. Nas palavras de John Piper²: “Não está claro, então, que Deus ordena que os eventos aconteçam e que sejam registrados como história, para que possamos aprender deles e nos tornarmos mais sábios e perspicazes sobre o presente?” (Tradução livre).

Das páginas do Novo Testamento, lembramo-nos do encontro de Jesus com dois discípulos no caminho de Emaús. Confusão, decepção, tristeza e medo possivelmente pairavam sobre o coração daqueles discípulos. Em suas mentes havia desconexão entre as histórias que conheciam sobre a vida e a morte do Senhor e a realidade que viviam no momento. Jesus, por sua vez, ao invés de se apresentar a eles de imediato como o Cristo ressurreto, passou a explicar-lhes as histórias registradas por Moisés e os profetas. O coração deles ardia ao se atentarem para a história bíblica exposta por Jesus, e quando partiram o pão seus olhos foram abertos. Tudo passou a fazer sentido e a ter significado. Entenderam a grande história, seu principal personagem e como eles, simples seguidores, eram preciosos aos olhos de Deus e parte desse grande enredo. Então deram meia volta, retornaram a Jerusalém e se reuniram com os irmãos.

Por isso, precisamos conhecer cada vez mais a Bíblia. As histórias inspiradas registradas nas Escrituras é a revelação especial de Deus para seu povo hoje. Com a ação do Espírito em nossas vidas e a Palavra enchendo nossos corações, sempre poderemos dizer como o salmista: “A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (Salmo 119:105).

Além disso, é bom conhecermos a nossa história particular, a maneira que Deus tem agido em nosso meio e nos guiado nos eventos modernos. O que vivemos nessas três

² PIPER, John. **The Value of Learning History**. A Lesson From Jude. 2000, disponível em <http://www.desiringgod.org/articles/the-value-of-learning-history>, acessado em 29jul2017.

décadas de história da Igreja de Cristo Internacional do Brasil tem extraordinário potencial para nos instruir atualmente, além de guardar preciosas lições para as futuras gerações.

A palavra *história* vem direto do grego (ἱστορία) e encontra-se no título da obra elaborada por Heródoto³, conhecido como o Pai da História. O termo revela a base do método empregado por Heródoto e por toda a pesquisa histórica posterior ao trazer a ideia de investigar ou examinar algo com o intuito de buscar conhecimento. Esse foi o exercício que tentamos empreender e cujo resultado está registrado nas páginas seguintes. Mas nosso propósito com tal esforço vai além de meramente examinar, elaborar registros cronologicamente organizados e alcançar algum conhecimento histórico. A intenção maior é que, por meio da nossa história como igreja, cheguemos ao conhecimento mais profundo da Palavra e da vontade de Deus, que nos conduz à piedade, à pureza e ao discernimento do que é melhor perante o Senhor (Tito 1:1; Filipenses 1:10)⁴.

Este documento está organizado em duas partes. A primeira parte, *Perspectiva Teológica*, trata de fundamentos bíblicos que julgamos importantes para a compreensão e construção da igreja, sendo, de certa forma, a própria história do povo de Deus com uma roupagem teológica. Além disso, esses fundamentos nos ajudam a enxergar a história a partir do “mundo de Deus”, ou seja, de uma perspectiva espiritual que transcende o simples olhar e avaliação humanos de fatos que ocorrem ao nosso redor. Como afirma Habacuque ao final do seu livro: “o Senhor Soberano é a minha força; ele faz os meus pés como os do cervo; ele me habilita a andar em lugares altos” (Habacuque 3:19). Também Paulo em sua carta aos efésios diz que Deus “[...] nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”. É a partir dessa perspectiva (lugares altos ou regiões celestiais), descortinada para nós por meio da Bíblia e por estarmos “em Cristo”, que devemos olhar, analisar e julgar todas as coisas que nos rodeiam e que faz parte da nossa história. Nos quatro capítulos dessa *Perspectiva Teológica* são abordados os seguintes temas: *A Igreja no contexto do Reino de Deus*, *A Igreja e a natureza de Deus*, *A Igreja no contexto das alianças bíblicas* e *As metáforas sobre a igreja*.

A segunda parte, *Perspectiva Histórica*, contém a narrativa de eventos que marcaram a Igreja, desenvolvendo-se também ao longo de quatro capítulos. Começando

³ Exposição das Investigações de Heródoto de Túrios (Ἡροδότου Θουρίου ἱστορίας ἀπόδεξις).

⁴ **Tt 1:1** = Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade que conduz à piedade. **Fp 1:10** = para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo.

com a história mais ampla, vamos lançando foco nos eventos que nos encaminham para a Igreja de Cristo Internacional do Brasil. O primeiro capítulo traz de forma resumida os dois mil anos da história da Igreja do Senhor Jesus, desde o capítulo 2 de “Atos dos Apóstolos”, até nossos dias. Reconhecemos que a história do povo de Deus inicia-se muitos séculos antes do primeiro advento de Jesus, conforme as narrativas de Gênesis; porém, o propósito dessa parte do trabalho é ressaltar a história que se origina com a constituição da Igreja do Senhor Jesus. O segundo capítulo aborda com um pouco mais de detalhe o chamado Movimento de Restauração, do século XIX, do qual surgiram as Igrejas de Cristo. O terceiro registra a constituição das Igrejas de Cristo Internacionais. E o quarto discorre sobre nossa família de igrejas no Brasil, tema que originalmente ensejou a elaboração deste trabalho.

Por fim, esta é a nossa oração:

[...] que com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite em seus corações mediante a fé; e oro para que vocês, arraigados e alicerçados em amor, possam juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus. (Efésios 3:16-19).

No amor de Cristo,

Bruno Ochman
Denilson Campos
Edson Nakashima
Neto Leão
Sérgio Ricardo Costa

1ª Parte

Perspectiva Teológica

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito.

Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

(Romanos 8:28,29, grifo nosso)

Não é a força do cavalo que lhe dá satisfação, nem é a agilidade do homem que lhe agrada; o Senhor se agrada dos que o temem, dos que colocam a esperança no seu amor leal.

(Salmos 147:10,11, grifo nosso)

Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes.

(1 Pedro 5:5, grifo nosso)

Capítulo 1

A Igreja no contexto do Reino de Deus

1.1. No Princípio

“No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Eis a descrição bíblica para o início do Universo no qual estamos inseridos. Antes desse princípio, havia simplesmente Deus, que naquele instante começou a trazer à existência toda a criação, coisas visíveis e invisíveis. Deus criou o grande palco (céus e terra) e o tempo (princípio) para que os eventos da **História** pudessem acontecer. Na sequência, os dois primeiros capítulos de Gênesis mostram o processo de criação que transformou o *caos* (terra sem forma e vazia) em *cosmos* (universo ordenado). Esta é a origem do que somos e também do que conhecemos (física, química, biologia, história, etc.).

Estas páginas iniciais da Bíblia revelam muito da natureza de Deus. Em especial, **Deus é amor**⁵ (1 João 4:19). Essa característica primordial ressaltada por João, no Novo Testamento (NT), fica claramente demonstrada na criação, pois é próprio da essência do amor mover-se para fora de si, dar, compartilhar, relacionar-se.

Deus é autossuficiente ao existir eternamente na amizade plena e perfeita entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, portanto, ele não planejou e criou o universo por necessidade, mas por puro amor, para que esse perfeito amor pudesse ser conhecido e experimentado de diferentes formas por toda a sua criação. Assim, ao criar o Universo, Deus se manteve íntegro à sua natureza relacional e também se mostrou bom⁶ (Gênesis 1:4,10,12,18,21,25, 31).

Muitas eras depois desse marco inicial de Gênesis 1:1, temos diante de nós os “livros” completos através dos quais o próprio Criador se manifesta. Primeiramente o **livro das obras de Deus** (a criação), por meio do qual a glória e os atributos do Senhor

⁵ **1 Jo 4:19**: conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

⁶ **Gn 1: (4)** Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. **(10)** À parte seca Deus chamou terra, e chamou mares ao conjunto das águas. E Deus viu que ficou bom. **(12)** A terra fez brotar a vegetação: plantas que dão sementes de acordo com as suas espécies, e árvores cujos frutos produzem sementes de acordo com as suas espécies. E Deus viu que ficou bom. **(18)** governar o dia e a noite, e separar a luz das trevas. E Deus viu que ficou bom. **(21)** Deus criou os grandes animais aquáticos e os demais seres vivos que povoam as águas, de acordo com as suas espécies; e todas as aves, de acordo com as suas espécies. E Deus viu que ficou bom. **(25)** Deus fez os animais selvagens de acordo com as suas espécies, os rebanhos domésticos de acordo com as suas espécies, e os demais seres vivos da terra de acordo com as suas espécies. E Deus viu que ficou bom. **(31)** E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia.

se mostram de forma geral ⁷(Salmo 19:1-6; Romanos 1:20). Depois o **livro das palavras de Deus** (a Bíblia), uma maneira de Deus se revelar a nós de forma especial ⁸(Salmo 19:7-11; 2 Timóteo 3:16-17) ao registrar acontecimentos que deveríamos conhecer dessa maravilhosa e épica história do ser humano e seu Criador.

1.2. O Reino Cósmico de Deus

A obra de trazer coisas à existência culminou na formação do que podemos chamar de **Reino Cósmico de Deus**. A Bíblia registra que ao final do sexto dia Deus terminou o processo de Criação, observando que tudo havia ficado muito bom ⁹(Gênesis 1:31). No sétimo dia Deus descansou, pois já havia concluído a obra que realizara ¹⁰(Gênesis 2:1). É fato, porém, que Deus descansou de sua obra criadora, mas continua trabalhando até agora na provisão de graça e sustento da criação, como nos ensina Jesus: “Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando” (João 5:17). Deus é eterno e santo (sempre existiu e não se confunde com a criação), mas caso Deus se ausentasse ou desse as costas para o universo criado, este entraria em colapso, pois sem o poder do Criador o cosmos não subsiste ¹¹(Hebreus 1:3a).

O Universo não foi mera obra do acaso, mas o resultado do pensamento e da ação do Deus todo-poderoso, sábio, bondoso, santo e amoroso – atributos revelados nos próprios atos da criação. De acordo com a descrição bíblica (Gênesis 1 e 3), o Cosmos

⁷ **Sl 19:1-6**: Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite. Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo. Nos céus ele armou uma tenda para o sol, que é como um noivo que sai de seu aposento e se lança em sua carreira com a alegria de um herói. Sai de uma extremidade dos céus e faz o seu trajeto até a outra; nada escapa ao seu calor. **Rm 1:20**: Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis.

⁸ **Sl 19:7-11**: A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos, e dão alegria ao coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos, e trazem luz aos olhos. O temor do Senhor é puro, e dura para sempre. As ordenanças do Senhor são verdadeiras, são todas elas justas. São mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo. Por elas o teu servo é advertido; há grande recompensa em obedecer-lhes. Quem pode discernir os próprios erros? Absolve-me dos que desconheço! Também guarda o teu servo dos pecados intencionais; que eles não me dominem! Então serei íntegro, inocente de grande transgressão. Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a ti, Senhor, minha Rocha e meu Resgatador! **2 Tm 3:16-17**: Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

⁹ **Gn 1: 31**: E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia.

¹⁰ **Gn 2:1**: Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há.

¹¹ **Hb 1:3a**: O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa.

consistia em luz, céu, mares e terra seca, com diversas formas de vida (vegetal, animal, angelical e humana), coexistindo organizadamente num contexto amplo, total, integral e harmonioso a partir de conexões, modelos, forças e leis.

Na verdade, a narrativa bíblica de Gênesis (assim como toda a Escritura) vai primariamente ao encontro das necessidades do povo que inicialmente recebeu as instruções, ao mesmo tempo que também ensina a todos os seguidores de Deus que viriam posteriormente.

A mensagem dada por Deus a Moisés, para que fosse transmitida ao povo no deserto, após a saída do Egito, supre a necessidade de uma comunidade carente de orientação em meio a um mundo idólatra, com inúmeros templos e variados deuses. A Bíblia descreve a **criação como a construção de um templo cósmico** que, por fim, recebeu os seres humanos como a imagem de Deus. Lembrando-nos da antiga poesia dos Salmos, “[...] ele estende os céus como uma tenda, e põe sobre as águas dos céus as vigas dos seus aposentos” (Salmo 104: 2-3), e da contemporânea poesia de nossas canções, “são as cortinas da tua morada, os céus numa noite estrelada”¹².

Observamos ainda que, na qualidade de Criador, Deus revela-se como **supremo governador** ou **autoridade suprema do universo**: “O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe” (Salmo 103:19).

Com isso, temos a completa descrição do Reino Cósmico de Deus. Um reino envolve basicamente três aspectos: uma pessoa - **rei** (autoridade suprema); o exercício efetivo da autoridade real - **ato de reinar**; e a área de exercício da autoridade real - **domínio ou território**. Com relação ao Reino Cósmico, encontramos esses elementos no fato de Deus ser o grande e verdadeiro Rei, que efetivamente exerce autoridade sobre todo o Universo. **Essencialmente reino é o domínio de alguém sobre algo**. O Reino de Deus refere-se ao domínio de Deus sobre o Universo.

1.3. O ser humano e seu papel na criação

A Bíblia registra que Deus criou o homem e a mulher à sua **imagem e semelhança** ¹³(Gênesis 1:27) e lhes deu o **domínio** sobre parte de sua criação ¹⁴(Gênesis 1:26, 28 e

¹² Trecho da letra da música *Bendize*, de Carlos Sider, baseada no Salmo 104. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M6jvFXQJAVs>, acesso em 02 nov 2018.

¹³ **Gn 1:27**: Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

¹⁴ **Gn 1:26,28**: Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. [...]. Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e

2:15). Assim, a partir daquilo que o Senhor havia criado, o ser humano deveria desenvolver todo tipo de trabalho como agricultura, pecuária, comércio, indústria, arte, etc. Além de dominar e cultivar a terra, o ser humano deveria estruturar a sociedade a partir da família ¹⁵(Gênesis 2:18, 23-24) e viver em comunhão com o Senhor ¹⁶(Gênesis 2:9, 16-17), por meio da obediência e da ratificação do laço eterno de amor e vida com o Criador (caracterizado pela árvore da vida¹⁷).

Dessa forma, o homem e a mulher gozavam de grandes privilégios no Reino Cósmico de Deus, dadas as suas responsabilidades, prerrogativas e bênçãos. Na linguagem do salmista: “Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste **dominar** sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste” (Salmo 8:5-6, grifo nosso). No entanto, os seres humanos deveriam lembrar-se sempre que são apenas **criaturas** diante do único e suficiente **Criador**. Viver a cada dia dessa forma (como criaturas diante do Criador) abre caminho para duas coisas essenciais: um coração agradecido e uma vida que glorifica a Deus!

1.4. A usurpação de Satanás e o Império das Trevas

Em certo momento, uma das criaturas de Deus encheu-se de orgulho e autoconfiança. Querendo ser como Deus, o anjo Lúcifer rebelou-se contra o Criador transformando-se em Satanás ¹⁸(Isaías 14:12-15; Ezequiel 28:12-15; Lucas 10:18). Como

subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. **Gn 2:15**: O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo.

¹⁵ **Gn 2:18,23-24**: Então o Senhor Deus declarou: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”. [...] Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.

¹⁶ **Gn 2:9,16-17**: O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E o Senhor Deus ordenou ao homem: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá”.

¹⁷ A **árvore da vida**, proibida ao homem em Gênesis (2:9; 3:22-24) e oferecida gratuitamente aos que foram purificados e redimidos pelo sacrifício de Cristo em Apocalipse (2:7; 22:14), caracteriza a comunhão plena e a vida eterna com Deus. Assim, a história bíblica mostra como o paraíso perdido em Gênesis é totalmente recuperado em Apocalipse por meio da execução do Plano Eterno de Deus.

¹⁸ **Is 14:12-15**: Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à terra, você, que derrubava as nações! Você, que dizia no seu coração: “Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”. Mas às profundezas do *Sheol* você será levado, irá ao fundo do abismo! **Ez 28:12-15**: “Filho do homem, erga um lamento a respeito do rei de Tiro e diga-lhe: Assim diz o Soberano, o Senhor: “Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Você estava no Éden, no jardim de Deus; todas as pedras preciosas o enfeitavam: sárdio, topázio e diamante, berilo, ônix e jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Seus engastes e guarnições eram feitos de ouro; tudo foi preparado no dia em que você foi criado. Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as

criatura de Deus constituída de senso moral, Satanás tinha potencialidade e liberdade para rebelar-se contra o Senhor e tentar usurpar o **domínio** de Deus. Ao fazê-lo, iniciou seu plano de estabelecer um reino de trevas.

Este inimigo, então, astutamente e com acusações mentirosas lançou dúvidas, confusão e ilusão no coração de Eva. O objetivo claro era provocar rebelião contra Deus no íntimo daqueles aos quais Deus havia dado o **domínio** para administrar a criação. A acusação satânica colocava dúvidas sobre o amor de Deus, tornando o Senhor mentiroso e mesquinho (que enganava e impedia o prazer e o sucesso do homem), ao passo que prometia ao ser humano a vida eterna e o tornar-se como Deus. À parte da herança pecaminosa que herdamos de nossos primeiros pais, a mesma semente de engano encontrada em Gênesis 3 vem sendo lançada nos corações dos homens ao longo dos séculos até nossos dias. Não raro, o mal encontra terreno fértil, produzindo toda sorte de maldade ¹⁹(Gálatas 5:19-21; Marcos 7:20-22; Apocalipse 21:8; 2Timóteo 3:1-5), como orgulho, egoísmo e desejo por poder e controle humano, inclusive em ambientes religiosos.

Por sua desobediência e infidelidade (falta de fé na Palavra de Deus), o ser humano abraçou o pecado (afastando-se do alvo original que o Criador tinha), perdendo dignidade e segurança. A criatura quis tornar-se senhor de seu caminho e, com isso, definiu sua própria destruição (com origem na **ingratidão** e na **busca de glória pessoal**²⁰ - Romanos 1:21). A harmonia anterior dos relacionamentos foi quebrada em pelo menos quatro dimensões: com Deus (desobediência e afastamento), com o Cosmos (fracasso no papel de administrador), um com o outro (egoísmo e acusação mútua) e consigo mesmo (a consciência tornou-se atormentada pela culpa moral, pelo desejo de esconder o pecado).

pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado até que se achou maldade em você. **Lc 10:18**: Ele respondeu: “Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago”.

¹⁹ **Gl 5:19-21**: Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus. **Mc 7:20-22**: E continuou: “O que sai do homem é que o torna ‘impuro’. Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem ‘impuro’”. **Ap 21:8**: Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte”. **2 Tm 3:1-5**: Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens Serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afastem-se desses também.

²⁰ **Rm 1:21**: porque, tendo conhecido a Deus, *não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças*, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se (grifo nosso).

A imagem e semelhança de Deus persistem, mas desde então foram fortemente ofuscadas pelo pecado.

Com isso, a rebelião de Satanás e seus demônios inaugurou um domínio no cosmos ²¹(Colossenses 1:13). Ao corromper o coração daqueles que exerciam o **domínio delegado por Deus** sobre a criação, o inimigo estendeu sua influência por todo o cosmos. Este reino, no entanto, não tem vida em si e não pode existir de forma independente, apenas subsiste em função do Reino Cósmico de Deus - este sim, criado e sustentado pelo Senhor. Alguns autores apropriadamente chamam este domínio satânico de reino parasita. Satanás, o príncipe deste mundo ²²(João 12:31, 14:30, 16:11; Efésios 2:2), embora muito mais poderoso do que os seres humanos, é mera criatura, com limitações inerentes à sua natureza, e jamais será como Deus.

A Bíblia registra em diversas partes a influência maligna deste domínio de trevas ²³(1 João 5:19; Efésios 6:12). Por exemplo, ao tentar Jesus no deserto, logo após seu batismo, Satanás chegou a oferecer a Cristo todos os reinos do mundo e o seu esplendor ²⁴(Mateus 4:8-9), em troca da adoração devida somente a Deus. Assim, deixou claro que seu império de trevas incluía forte influência sobre os reinos deste mundo.

Com tudo isso, porém, o Reino Eterno de Deus permanece inabalável. Na voz do salmista: “O teu reino é reino eterno, e o teu domínio permanece de geração em geração” (Salmo 145:13), “O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe” (Salmo. 103:19) e “do Senhor é o reino; ele governa as nações” (Salmo 22:28). Isso demonstra quanto o domínio de Satanás é limitado, passageiro e enganoso. O Reino de Deus sempre existiu e sempre existirá, é **Reino inabalável** ²⁵(Hebreus 12:28). Deus executa juízos sobre a terra, supre as necessidades das criaturas e controla soberanamente todas as coisas de acordo com seus propósitos – tudo isso caracteriza a

²¹ **Ci 1:13-14:** Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados.

²² **Jo 12:31:** Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. **Jo 14:30:** Já não lhes falarei muito, pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim. **Jo 16:11:** e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado. **Ef 2:2:** nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência.

²³ **1 Jo 5:19:** Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno. **Ef 6:12:** pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.

²⁴ **Mt 4:8-9:** Depois, o Diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: “Tudo isto te darei, se te prostrares e me adorares”.

²⁵ **Hb 12:28:** Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor.

providência de Deus. Na antiguidade, certa vez o rei Nabucodonosor compreendeu isso e louvou o Altíssimo: “Ele age como lhe agrada com os exércitos dos céus e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de resistir à sua mão ou dizer-lhe: ‘O que fizeste?’” (Daniel 4:35). Com isso, podemos exercitar a fé e estabelecer laços de confiança com o Pai Celestial: “Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nele, e ele agirá” (Salmo 37:5).

1.5. O Reino de Cristo, o Redentor

Diante do pecado de Adão e Eva, Deus não se afastou ou simplesmente agiu com justiça castigando-os com a morte. Mas com **amor e firmeza**, o Senhor foi ao encontro deles e manifestou sua **graça**, enquanto tentavam esconder-se cheios de culpa e vergonha ²⁶(Gênesis 3:8-9). A graça foi claramente derramada por meio do abrandamento do castigo e pela promessa de um **Redentor** futuro: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15). Milênios depois, Satanás feriu o calcanhar de Cristo na cruz do calvário, mas este lhe esmagou a cabeça ao cumprir cabalmente o **Plano Eterno de Deus** ²⁷(Efésios 1:3-14), sem qualquer sombra de pecado, decretando o iminente fim do domínio parasita das trevas.

O pecado dos primeiros seres humanos afetou fortemente a humanidade (o homem na sua integralidade) e o cosmos, porém a promessa desde o princípio foi que haveria um Salvador que remiria tanto o cosmos quanto aqueles que depositassem completamente sua confiança nele, no Redentor. O apóstolo João registra que “Deus tanto amou o mundo [cosmos] que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Somente o **sacrifício perfeito e suficiente de Cristo**

²⁶ **Gn 3:8-9:** Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: “Onde está você?”

²⁷ O texto de **Ef 1:3-14** expõe o **Plano Eterno de Redenção**, que foi concebido pelo **Pai** antes da fundação do mundo (v. 3-6), executado pelo **Filho** na plenitude dos tempos (v. 7-12) e aplicado na vida dos cristãos pelo **Espírito Santo** (v. 13-14): “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos destinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus, a qual ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento. E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos. Nele fomos também escolhidos, tendo sido destinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória. Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória”.

poderia satisfazer os requisitos divinos de amor e justiça. O Senhor ama o ser humano e ama sua criação a ponto de entregar-se em completo sacrifício para resgatar e eternizar o vínculo de amor e vida com todo aquele que crer²⁸.

Nessa linha, o ensino bíblico traça uma antítese entre Cristo e Adão ²⁹(Romanos 5:12-21). De maneira semelhante, o Novo Testamento trata temas espirituais como morte e vida, pecado e justificação:

Se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo [...] assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos (Romanos. 5:17, 19).

Jesus, como Servo Sofredor (Isaías 52 - 53), deixou a glória nos céus, e deu sua vida para resgate de muitos, tornando-se fonte de vida eterna: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente; o último Adão, espírito vivificante” (1 Coríntios 15:45). No entanto, após a humilhação da cruz, depois de ter obedecido até a morte, o Pai ressuscitou Cristo e o exaltou à mais alta posição ³⁰(Filipenses 2:5-11), colocando-o “à direita da Majestade nas alturas, [...] tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles” (Hebreus 1:3).

²⁸ **Crer** no sentido bíblico do NT (grego *πιστεύω*) significa entender, confiar completamente e obedecer às palavras do Redentor e Senhor Jesus Cristo. Essa ideia é coerente com a palavra correspondente no AT (hebraico *emun*), que tem o sentido de fidelidade ou de ser fiel a uma pessoa ou crença.

²⁹ **Rm 5:12-21**: Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram; pois antes de ser dada a Lei, o pecado já estava no mundo. Mas o pecado não é levado em conta quando não existe lei. Todavia, a morte reinou desde o tempo de Adão até o de Moisés, mesmo sobre aqueles que não cometeram pecado semelhante à transgressão de Adão, o qual era um tipo daquele que haveria de vir. Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. Pois se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos! Não se pode comparar a dádiva de Deus com a consequência do pecado de um só homem: por um pecado veio o julgamento que trouxe condenação, mas a dádiva decorreu de muitas transgressões e trouxe justificação. Se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo. Consequentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens. Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos. A Lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

³⁰ **Fp 2:5-11**: Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.

Jesus é o Cordeiro e o Leão, o Servo e o Rei. Ao vir ao mundo e derrotar Satanás, ele inaugura seu Reino de Luz no coração do império das trevas ³¹(João 1:4-5). Jesus venceu o inimigo (e resgatou muitos discípulos) ao não sucumbir às tentações ³²(Hebreus 4:15) e manter-se fiel aos valores e princípios do Pai, em **perfeita submissão** ao Plano Eterno de Deus. Por isso foi entronizado e reinará eternamente. Na primeira carta aos Coríntios, Paulo descreve como será esse futuro, onde Deus reinará eternamente:

Então virá o fim, quando ele entregar o **Reino** a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo **domínio**, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. [...]. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos (1 Coríntios 15: 24-26, 28, grifo nosso).

A obra de Cristo, que está sendo cumprida, é a de destruir as obras ³³(1 João 3:8) e todo o domínio de Satanás (império das trevas), resgatar o povo de Deus, e, por fim, sujeitar ao Pai todas as coisas no céu e na terra. Por isso é possível notar a **centralidade do Reino de Deus (ou Reino dos céus) na mensagem de Jesus**. O tema marcou o início da pregação de Cristo ³⁴(Mateus 4:17) e foi assunto recorrente em parábolas, sermões e conversas, até mesmo no período entre a ressurreição e a ascensão ³⁵(Atos 1:3).

Jamais houve na História a intensidade de “milagres, sinais e maravilhas” ocorrida nas décadas que marcaram o ministério de Cristo e dos apóstolos. Perdão de pecados, curas, ressurreições e expulsões de demônios prefiguraram a restauração completa que Deus trará. Tais fatos demonstram as coisas se acertando debaixo do domínio do Senhor. Assim, Deus visitou a história humana de forma ímpar, tornando-se ser humano e trazendo seu domínio para onde reinavam as trevas. Em Mateus 12:28, Jesus afirma: “se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus”.

³¹ **Jo 1:4-5:** Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram.

³² **Hb 4:15:** pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado.

³³ **1 Jo 3:8:** aquele que pratica o pecado é do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo.

³⁴ **Mt 4:17:** Daí em diante Jesus começou a pregar: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo”.

³⁵ **At 1:3:** do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus.

1.6. A igreja e o Reino de Deus

Pela graça de Deus, a obra de Cristo transforma a vida dos discípulos. Cada cristão foi perdoado e justificado pelo sangue de Jesus, libertou-se da culpa e tornou-se participante do seu Reino de Luz: “ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados” (Colossenses 1:13-14). Essas palavras de Paulo se conectam perfeitamente com o exposto em ³⁶Mateus 28:19, que coloca o **batismo** como um marco no processo de conversão a Cristo ao dizer que os discípulos de Jesus devem ser batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O termo grego para “em nome” (εἰς τὸ ὄνομα) era usado no comércio da época e quer dizer literalmente “para dentro do nome”, significando no caso da passagem bíblica o selo de transferência de propriedade, mediante o qual passamos a pertencer ao Senhor (**domínio de Deus**). Ou seja, no batismo somos resgatados das trevas e passamos a pertencer ao Senhor, fazendo parte do seu Reino Eterno e nascendo para uma vida nova ³⁷(Romanos 6:4), coroando o processo de conversão a Cristo. Do início ao fim, o processo de conversão e salvação é conduzido pelo Espírito Santo, numa manifestação plena da graça de Deus, não havendo qualquer mérito do ser humano. Este, ao tornar-se cristão, simplesmente aceita o incomensurável presente de Deus, rendendo-se ao Senhor em obediente submissão, com decisão interior de buscar e fazer toda a vontade de Deus, no poder do Espírito Santo.

A comunidade formada pelos discípulos de Cristo de todos os tempos chamamos **Igreja**. Nesse caso, não estamos falando sobre instituições religiosas, nem sobre igrejas locais, mas a respeito da Igreja de Jesus Cristo, aquela família espiritual que somente o próprio Deus conhece em plenitude. Diante disso, fazemos de imediato a distinção entre os conceitos de Igreja e Reino, afirmando, com segurança, que bíblicamente **a Igreja não é o Reino**. Podemos dizer que a **Igreja é o povo, a comunidade do Reino de Deus**, mas não é o Reino em si. **O Reino de Deus é muito mais amplo que a Igreja**. Na verdade, ele cria a Igreja, no sentido de que a comunidade redimida somente se tornou realidade a partir da manifestação do poder e da graça de Deus na terra, o que permitiu pessoas serem espiritualmente transportadas das trevas para a Luz.

³⁶ **Mt 28:19:** Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

³⁷ **Rm 6:4:** Portanto, fomos sepultados com ele na morte *por meio do batismo*, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma *vida nova (grifo nosso)*.

É importante considerar ainda que Deus deu à Igreja, no Novo Testamento, importantes papéis relacionados ao Reino. Primeiramente, a Igreja deve **testemunhar** a respeito do Reino de Deus ³⁸(Mateus 24:14). As boas novas de Cristo são as boas notícias do Reino de Deus (evangelho do Reino). Isso inclui o testemunho sobre a vida e toda a obra do Rei Jesus. No livro de Atos dos Apóstolos, numa das conversas com os discípulos sobre o Reino, Jesus os chama a testemunharem dele por toda a terra. Na sequência da história, vemos a obediência dos cristãos ³⁹(Atos 2:32, 3:15, 5:32, 10:39, 13:31). Associado ao testemunho, Deus deu à Igreja a guarda das **chaves do Reino** ⁴⁰(Mateus 16:19). Esta é uma grande responsabilidade dos cristãos para com o próximo, dentro e fora da Igreja.

A Igreja é ainda um importante instrumento do Reino, devido à habitação do Espírito Santo nos cristãos. Com toda sua obra, Jesus revelou o Pai e deixou claro **princípios e valores do Reino**, tais como paz, justiça e alegria ⁴¹(Romanos 14:17). O Senhor deseja que esses valores sejam demonstrados por meio de nossas vidas, deseja que seus sonhos, planos e sua vida sejam transmitidos por meio dos seus discípulos ⁴²(João 20:21; 1 João 2:6; Gálatas 2:20). A obra de Cristo em nós é interior (no coração, mudança de mente, conversão, santificação), mas reflete-se no exterior (atitudes, comportamento e transformação da realidade à nossa volta). A Igreja deve ser **coluna e fundamento da verdade** e deve ao mesmo tempo manifestar sua justiça pública, fazendo o que é certo, ajudando os oprimidos e socorrendo os aflitos ⁴³(Tiago 1:27, 2: 14-25),

³⁸ **Mt 24:14:** E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

³⁹ **At 2:32:** Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. **At 3:15:** Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós somos testemunhas disso. **At 5:32:** Nós somos testemunhas destas coisas, bem como o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem”. **Atos 10:39:** Nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém, onde o mataram, suspendendo-o num madeiro. **At 13:31:** e, por muitos dias, foi visto por aqueles que tinham ido com ele da Galileia para Jerusalém. Eles agora são testemunhas dele para o povo.

⁴⁰ **Mt 16:19:** Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus.

⁴¹ **Rm 14:17:** Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

⁴² **Jo 20:21:** Novamente Jesus disse: “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio”. **1 Jo 2:6:** aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou. **Gl 2:20:** Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

⁴³ **Tg 1:27:** A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. **Tg 2:14-26:** De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Mas alguém dirá: “Você tem fé; eu tenho obras”. Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras. Você crê que

numa demonstração da pura **ética cristã**. Tiago 2:8 resume todo o ponto: “Se vocês de fato obedecerem à lei do Reino encontrada na Escritura que diz: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’, estarão agindo corretamente”.

Por fim, como Cristo venceu a batalha espiritual contra as trevas, sua Igreja também vencerá. Certos de que “nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, **contra os dominadores deste mundo de trevas**, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Efésios 6:12, grifo nosso). Valendo-nos das armas espirituais que o Senhor nos deu, venceremos! Alicerçados na rocha que é o Rei Jesus, temos a promessa de que o próprio Senhor edificará sua Igreja, “e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mateus 16:18).

existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem — e tremem! Insensato! Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil? Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”, e ele foi chamado amigo de Deus. Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé. Caso semelhante é o de Raabe, a prostituta: não foi ela justificada pelas obras, quando acolheu os espias e os fez sair por outro caminho? Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta.

Capítulo 2

A Igreja e a natureza de Deus

2.1. O Deus Triúno da Bíblia

Dentre as três grandes religiões monoteístas do mundo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), o Cristianismo distingue-se pela crença no **Deus Trino** (ou Triúno), além de outros aspectos relevantes. A doutrina cristã da Trindade concebe a existência de um só Deus ⁴⁴(Isaías 43:10-11), que subsiste em três Pessoas ⁴⁵(Pai, Filho, Espírito Santo – Mateus 28:19; Lucas 3:22; João 14:26; 2 Coríntios 13:14; 1 Pedro 1:2) com a mesma natureza, poder e glória, sendo cada uma delas plenamente Deus. Ou seja, a Divindade revelada na Bíblia constitui-se de três pessoas com a mesma essência (natureza), formando um único Ser. O termo *personas* refere-se a centros de consciência, conhecimento e vontade distintos (personalidades), que indicam os modos de existência e atuação do Ser (Deus). E por **essência** ou **natureza** entendemos, além dos atributos fundamentais comuns às três pessoas (onipotência, onisciência, onipresença, eternidade, etc.), o fato de haver uma só vontade, um só poder, uma só mente, uma só determinação, um só sentimento, que demonstram a existência de um único Ser. Assim, enquanto nas demais religiões monoteístas Deus se apresenta solitário antes do princípio dos tempos e participante de relações subalternas depois da criação, no Cristianismo encontramos a **comunhão eterna da Trindade de pessoas** - o Senhor Eterno, que, ao trazer à existência todas as coisas, inicia uma **relação de amor e vida com sua criação**.

Embora o Criador seja santo (separado de toda a criação) e pleno em poder, glória e sabedoria, podemos hoje conhecê-lo por **revelação** ⁴⁶(Romanos 1:19) e ter **comunhão**

⁴⁴ **Is 43:10-11**: “Vocês são minhas testemunhas”, declara o Senhor, “e meu servo, a quem escolhi, para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim. Eu, eu mesmo, sou o Senhor, e além de mim não há salvador algum”.

⁴⁵ **Mt 28:19**: vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Lc 3:22**: o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba. Então veio do céu uma voz: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado”. **Jo 14:26**: o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse. **2 Co 13:14**: A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês. **1 Pe 1:2**: escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue.

⁴⁶ **Rm 1:19**: o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.

com ele hoje por meio de Jesus ⁴⁷(Mateus 11:27). Dessa forma, não compreendemos a Trindade em sua plenitude, uma vez que nossas falhas, imperfeições e limites contrastam com a perfeição, excelência e infinitude de Deus; mas com **corações humildes** diante do Senhor podemos buscá-lo e encontrá-lo, mediante sua **graça** e sua **revelação**. Podemos conhecer Deus o suficiente para nos rendermos a ele, participarmos de sua aliança, aprendermos com sua natureza trina e, maravilhados, irrompermos em adoração ao Senhor:

Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! “Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” “Quem primeiro lhe deu, para que ele o recompense?” Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém (**Romanos 11:33-36**).

Observamos nas Escrituras que as pessoas da Trindade possuem diferentes funções com relação ao mundo. Verificamos isso, por exemplo, observando a atuação de Deus no âmbito dos quatro pilares ou conceitos que estruturam a forma de ver o mundo segundo a **cosmovisão cristã** bíblica: **criação, queda, redenção e consumação**. O Deus trino está preponderantemente presente em todas as fases dessa história. Na **criação**, o Pai fez todas as coisas proferindo as palavras criadoras ⁴⁸(Gênesis 1: 3,6,9,11,14,20,24,26), o Filho ⁴⁹(a eterna Palavra de Deus – João 1: 1-3) executou os decretos criadores do Pai; e o Espírito Santo movia-se no princípio em meio ao universo criado ⁵⁰(Gênesis 1:2). Na **queda** (Gênesis 3), o ser humano peca, corrompendo-se com a desobediência e afastando-se do Criador. Deus, então, inicia a execução de seu plano redentor, buscando libertar-nos do pecado e do domínio das trevas. O Pai planejou a

⁴⁷ **Mt 11:27**: Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar.

⁴⁸ **Gn 1: (3)** Disse Deus: “Haja luz”, e houve luz. **(6)** Depois disse Deus: “Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas”. **(9)** E disse Deus: “Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça a parte seca”. E assim foi. **(11)** Então disse Deus: “Cubra-se a terra de vegetação: plantas que deem sementes e árvores cujos frutos produzam sementes de acordo com as suas espécies”. E assim foi. **(14)** Disse Deus: “Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite. Sirvam eles de sinais para marcar estações, dias e anos. **(20)** Disse também Deus: “Encham-se as águas de seres vivos, e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento do céu”. **(24)** E disse Deus: “Produza a terra seres vivos de acordo com as suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie”. E assim foi. **(26)** Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”.

⁴⁹ **Jo 1:1-5**: No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram.

⁵⁰ **Gn 1:2**: Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

redenção e no tempo certo enviou o Filho ao mundo ⁵¹(João 3:16; Gálatas 4:4; Efésios 1:9-10). O Filho buscou a vontade e a direção do Pai e o obedeceu em tudo até completar cabalmente sua missão ⁵²(João 6:38; Hebreus 10:5-7). Ao ascender ao céu, o Filho (juntamente com o Pai) enviou o Espírito Santo em nome do Filho ⁵³(João 14:26, 16:7, 15:26). O Espírito Santo tem o papel de tornar real nos discípulos de Cristo a redenção, por meio da regeneração ⁵⁴(João 3:5-8), santificação ⁵⁵(Romanos 15:16) e fortalecimento para o serviço cristão ⁵⁶(1 Coríntios 12:7-11). Finalmente na **consumação** de todas as coisas, veremos novo céu e nova terra, onde tudo será de acordo com o propósito original do Senhor e onde conheceremos de forma plena o Deus Trino ⁵⁷(Apocalipse 21:1-5; 1 Coríntios 13:12).

Interessante notar que, embora havendo pessoas diferentes, com papéis diferentes, há um só Deus, por meio da plena união, ação e submissão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Há **completa humildade no coração da Divindade** no cumprimento da ordem,

⁵¹ **Jo 3:16:** Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. **Gl 4:4:** Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei. **Ef 1:9-10:** E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos.

⁵² **Jo 6:38:** Pois desci dos céus, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou. **Hb 10:5-7:** Por isso, quando Cristo veio ao mundo, disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste. Então eu disse: Aqui estou, no livro está escrito a meu respeito; vim para fazer a tua vontade, ó Deus”

⁵³ **Jo 14:26:** Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse. **Jo 16:7:** Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei. **Jo 15:26:** “Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, ele testemunhará a meu respeito.

⁵⁴ **Jo 3:5-8:** Respondeu Jesus: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês nasçam de novo. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”.

⁵⁵ **Rm 15:16:** de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo Espírito Santo.

⁵⁶ **1 Co 12:7-11:** A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer.

⁵⁷ **Ap 21:1-5:** Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou”. Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança”. **1 Co 13:12:** Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.

função e ação no cosmos. Não há a mínima disputa, o mínimo lampejo de competição, inveja, ciúme ou orgulho. As funções e ações complementam-se perfeitamente. O Pai planejou e dirigiu a missão do Filho e o Filho cumpriu perfeitamente o plano do Pai com reverente submissão ⁵⁸(Hebreus 5:7; Filipenses2:7), gerando grande alegria ⁵⁹(Mateus3:17). O Pai e o Filho enviaram o Espírito Santo, e este cumpre perfeitamente sua função na Terra. O Pai não quis desordenadamente cumprir a função do Filho, ao passo que o Filho e o Pai respeitaram totalmente a esfera de ação do Espírito Santo. **Há ordem, harmonia e subordinação.** Subordinação aqui não quer dizer inferioridade, mas dependência, subsistência e complementaridade nas ações. A unidade perfeita vem da essência de cada pessoa da Trindade, que é o **amor** - o elo perfeito ⁶⁰(1 João 4:16; Colossenses 3:14).

2.2. A Igreja e a Trindade

A Igreja demonstra a multiforme sabedoria de Deus. Essa sabedoria, capaz de arquitetar e executar um plano que satisfaz os pressupostos de justiça e misericórdia do próprio Deus, além de restaurar os propósitos originais do Senhor de reunir em torno de si uma família digna da plena comunhão com ele, impressionou poderes e autoridades celestiais ⁶¹(Efésios 3:10). Ao longo do AT observamos o desenrolar do plano redentor de Deus. **A revelação⁶² do Senhor é progressiva** desde a queda até os últimos profetas no período pós-exílio (Ageu, Zacarias e Malaquias). Depois disso, para cumprir a Lei e os Profetas, Deus enviou o Filho na plenitude dos tempos ⁶³(Gálatas 4:4), revelando-se ao ser humano de forma especial por meio dele ⁶⁴(João 1:17; Hebreus 1:1-3) e

⁵⁸ **Hb 5:7:** Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão. **Fp 2:7:** mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

⁵⁹ **Mt 3:17:** então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”.

⁶⁰ **1 Jo 4:16:** Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. **Cl 3:14:** Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.

⁶¹ **Ef 3:10:** A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais.

⁶² **Revelação:** ato de mostrar o que é desconhecido ou o que está escondido. Sobre o tema, pode-se consultar um estudo sintético no livro O Progresso da Revelação no Antigo Testamento, de Gerard Van Groningen.

⁶³ **Gl 4:4:** Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei.

⁶⁴ **Jo 1:17:** Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo. **Hb 1:1-3:** Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem

possibilitando, mediante seu sacrifício, o efetivo resgate de todos aqueles que serão salvos da ira vindoura ⁶⁵(1 Tessalonicenses 1:10), tanto dos tempos do Antigo quanto do Novo Testamento (NT) ⁶⁶(Hebreus 9:15). Nas palavras de Paulo, ouvimos que “Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios 5:25). O próprio Cristo, de acordo com o plano do Pai e com a cooperação do Espírito Santo, santifica e edifica a igreja ⁶⁷(Mateus 16:18), até alcançarmos a consumação de todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos ⁶⁸(Efésios 1:10).

Um fator chave para participarmos efetivamente desse maravilhoso plano de Deus é nossa união com o Senhor e com a igreja. Em João 13:34-35, Jesus afirma: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”.

Jesus classifica suas palavras como mandamento e coloca seu próprio padrão de amor como referência para nossos relacionamentos na comunidade cristã. Um mandamento antigo ⁶⁹(Levítico 19:18) tornou-se novo e ainda mais vivo com o exemplo de Cristo (“*como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros*”). E sabemos que Jesus nos amou e continua nos amando eternamente (“*até o fim*”) de forma sacrificial ⁷⁰(João 15:13 e 13:1; Romanos 5:8). O Senhor ainda caracteriza **o amor como nossa identidade**, como aquilo que demonstrará, sem qualquer sombra de dúvida, que verdadeiramente somos cristãos ⁷¹(ou discípulos dele – Atos 11:26c). Ou seja, para ser cristão não é preciso

fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas.

⁶⁵ **1 Ts 1:10**: e esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir.

⁶⁶ **Hb 9:15**: Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.

⁶⁷ **Mt 16:18**: E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la.

⁶⁸ **Ef 1:10**: isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos.

⁶⁹ **Lv 19:18**: Não procurem vingança, nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o Senhor.

⁷⁰ **Jo 15:13**: Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos. **Jo 13:1**: Um pouco antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. **Rm 5:8**: Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.

⁷¹ **At 11:26c**: Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos.

grande maturidade, nem profundo conhecimento, ou notáveis habilidades; mas é preciso amor! O amor comprova o que a mera liturgia, a correta doutrina ou as muitas programações não são capazes de demonstrar, por si só, numa comunidade cristã. Esse **amor é a essência da vida na igreja**, pois manifesta a própria presença do Deus Trino em seu meio ⁷²(1 João 3:16; Mateus 28:20b; Apocalipse 1:12-13,20). Trata-se de um amor que em muito transcende as palavras, mas que emerge com força na vida prática, como registra Tertuliano⁷³ sobre o testemunho dado por pagãos a respeito dos cristãos do segundo século, em meio à perseguição: “Vejam como eles se amam! [...] Como estão prontos a morrer uns pelos outros”.

Esse amor, no entanto, não vem de nós mesmos, é dom de Deus, fruto do Espírito ⁷⁴(1 João 4:19; Gálatas 5:22). Assim, estando unidos com Cristo (cheios do Espírito Santo), amaremos uns aos outros. Esse é o plano de Deus: refletir sua própria natureza de amor na Igreja resgatada por Cristo. Ela não é mais uma instituição deste mundo. Isso a torna a Igreja do Senhor Jesus, parte do Reino de Deus, mediante a obra do Espírito Santo, no coração de cada discípulo que participa desse organismo espiritual. Jesus se concentra fortemente nesse propósito em sua oração antes da crucificação:

Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. **(João 17:20-21)**.

O relacionamento do Filho com o Pai é tomado como referencial para os discípulos de Cristo. Primeiramente, o mistério da Trindade torna-se modelo de relacionamento e união entre cristãos (“*para que todos sejam um, como tu estás em mim e eu em ti*”) para a construção da igreja. Mas como isso só é possível mediante profunda comunhão com Deus, pelo Espírito ⁷⁵(1 João 4:13), Jesus ora para que sejamos levados para o seio da Trindade (“*que eles também estejam em nós*”). Sobre esse fundamento, a

⁷² **1 Jo 3:16**: Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. **Mt 28:20b**: E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos. **Ap 1:12-13, 20**: Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro e entre os candelabros alguém “semelhante a um filho de homem”, com uma veste que chegava aos seus pés e um cinturão de ouro ao redor do peito. [...]. Este é o mistério das sete estrelas que você viu em minha mão direita e dos sete candelabros: as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas.

⁷³ Apologia, cap. 39, de Tertuliano (160 a 220 d.C).

⁷⁴ **1 Jo 4:19**: Nós amamos porque ele nos amou primeiro. **Gl 5:22**: Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade.

⁷⁵ **1 Jo 4:13**: Sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, porque ele nos deu do seu Espírito.

igreja espalhará a luz do evangelho para que muitos outros creiam e encontrem salvação em Cristo. Assim, a **doutrina da Trindade** deixa de ser tema teórico e pouco relevante, transformando-se numa realidade que define a genuína vida cristã.

Observando o relacionamento harmonioso de conexão e respeito das pessoas da Trindade e a expressão do coração de Deus em sua revelação, verificamos que o Senhor deixa claro suas principais **linguagens de amor**: a obediência aos seus mandamentos ⁷⁶(João 14:21; 1 João 2:3-6) e o cuidado de amor uns para com os outros ⁷⁷(João 21:15-17). Ou seja, se realmente amamos o Senhor, isso deve ser demonstrado por meio da obediência a ele e do cuidado para com o próximo, especialmente os irmãos de nosso convívio ⁷⁸(igreja local – Gálatas 6:10).

Obediência e amor são marcas indeléveis do ministério de Jesus na terra e a Igreja deve mantê-las visíveis a toda a humanidade em cada geração. Obedecendo ao plano do Pai e guiado pelo Espírito ⁷⁹(Lucas 4:1,14), Cristo resgatou muitos das trevas a fim de tornar-se o primogênito entre muitos irmãos ⁸⁰(Romanos 8:29). A estes, que negaram a si mesmos, tomaram sua cruz e seguiram Jesus ⁸¹(Lucas 9:23), o Senhor disse: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio” (João 20:21). Seguindo os passos do Mestre, a igreja deve continuar espalhando a mensagem do evangelho, em amor e obediência, no poder do Espírito Santo.

⁷⁶ **Jo 14:21**: Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele. **1 Jo 2:3-6**: Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: “Eu o conheço”, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou.

⁷⁷ **Jo 21:15-17**: Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, você me ama mais do que estes?” Disse ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse Jesus: “Cuide dos meus cordeiros”. Novamente Jesus disse: “Simão, filho de João, você me ama?” Ele respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse Jesus: “Pastoreie as minhas ovelhas”. Pela terceira vez, ele lhe disse: “Simão, filho de João, você me ama?” Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez “Você me ama?” e lhe disse: “Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Cuide das minhas ovelhas”.

⁷⁸ **Gl 6:10**: Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé.

⁷⁹ **Lc 4:1,14**: Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, [...]. Jesus voltou para a Galileia no poder do Espírito, e por toda aquela região se espalhou a sua fama. (grifo nosso).

⁸⁰ **Rm 8:29**: Pois aqueles que de antemão conheceu, também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. (grifo nosso).

⁸¹ **Lc 9:23**: Jesus dizia a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. [...]".

2.3. A igreja como uma comunidade terapêutica

A aplicação desses princípios relacionados com a Trindade nos leva à construção de igrejas locais, que funcionam como **comunidades terapêuticas** (comunidades que curam, restauram, mediante o cuidado e o serviço cristão). O termo terapia (grego *θεραπεία*) aparece muitas vezes nos evangelhos e indica serviço, cuidado e cura. Nesse sentido, a ação de Jesus era terapêutica, pois proporcionava cura física, emocional e espiritual às pessoas.

Mateus apresenta o ministério de Jesus como sendo tríplice: **ensinar, pregar e curar** ⁸²(Mateus 4.23 e 9.35). No entanto, observamos que a cura sempre estava entrelaçada com a pregação e o ensino, a ponto de um mesmo evento ser narrado por um evangelista como ensino e por outro como cura ⁸³(Marcos 10:1 e Mateus 19:1-2).

Assim, a Igreja de Jesus também tem a vocação de ensinar, pregar e curar. Jesus foi um homem poderoso em obras e palavras ⁸⁴(Lucas 24:19). Ele andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo ⁸⁵(Atos 10:38). Esta ação intensa de Jesus, por todo o seu ministério, que supomos ter durado três anos, revelou o que ele, na cruz, realizou uma vez por todas e para toda a eternidade. Ele trouxe resposta para os sofrimentos humanos, mostrando que a superação de todos eles estaria nele. Assim, a terapêutica de Jesus será assumida pela igreja, o corpo de Cristo na terra, na esperança de que a ação eterna que ele obteve na sua obra se concretize na vida de todos os que sofrem e vivem as opressões desta vida⁸⁶.

Contudo, comunidades com essa característica são construídas com **amor** e dependência de Deus (verdadeira **humildade**), por meio da ação do Espírito em nossas vidas. Se nossas amizades, dentro e fora da igreja, são relacionamentos que refletem o amor de Deus manifestado pela Trindade, certamente levaremos conforto e cura para

⁸² **Mt 4:23**: Jesus foi por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. **Mt 9:35**: Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.

⁸³ **Mc 10:1-2**: Então Jesus saiu dali e foi para a região da Judéia e para o outro lado do Jordão. Novamente uma multidão veio a ele e, segundo o seu costume, ele a ensinava. **Mt 19:1**: Tendo acabado de dizer essas coisas, Jesus saiu da Galileia e foi para a região da Judéia, no outro lado do Jordão. Grandes multidões o seguiam, e ele as curou ali.

⁸⁴ **Lc 24:19**: “Que coisas?”, perguntou ele. “O que aconteceu com Jesus de Nazaré”, responderam eles. “Ele era um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo. [...]”

⁸⁵ **At 10:38**: como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele.

⁸⁶ PESTANA, Álvaro César. **Introdução à Terapêutica de Jesus**. Curso Livre de Teologia Bíblica. Módulo Como Exercer Cuidado e Serviço, 2011, Aula 1, pág. 4. (**Escola de Teologia em Casa – ETC** <<http://www.teologiaemcasa.com.br/>>).

muitos. Cura que vem com a salvação, com o perdão, com o livramento da culpa, com a aceitação, com o alívio da opressão. Sem dúvida, Deus quer que nossos relacionamentos produzam cura para feridas e traumas gerados por este mundo árido, carente de compaixão, e não que sejam fonte de mais dor e desilusão para as pessoas.

O processo se completa, quando, no âmbito dos nossos relacionamentos, ajudamos nossos amigos a olharem para Deus, que é a fonte de poder real e verdadeira solução para nossas questões. Sobre isso, na Bíblia temos o grande exemplo de André, discípulo de Jesus, que sempre aparece conduzindo pessoas a Cristo ⁸⁷(João 1:40-42, 6:8, 12:20-22).

Portanto, a base de construção de igrejas que são verdadeiras comunidades terapêuticas está nos **relacionamentos**. Inicialmente, no relacionamento pessoal de cada cristão com Deus (criatura-Criador). O Criador é infinito, mas pessoal, e ao nos relacionarmos com Ele devemos ter, ao mesmo tempo, a reverência pelo Senhor (Criador) e a proximidade com o Pai, gerada pela comunhão pessoal, pois Deus jamais nos trata de forma mecânica e impessoal. Na verdade, “por Deus ser infinito, ele pode tratar cada um de nós pessoalmente, como se cada um fosse a única pessoa que existisse”⁸⁸. Depois, dentro desse relacionamento com o Pai-Criador podemos expressar com honestidade e profundidade nossos corações, certos de que Ele nos compreende e nos ama, sendo poderoso para curar nossas feridas. Ou seja, podemos nos relacionar conosco mesmo, de maneira profunda e eficaz, na presença de Deus. E, finalmente, podemos ainda nos relacionar também com o próximo, de igual para igual (criatura-criatura) e com amor fraterno, sem carregarmos a pesada e impossível missão de sermos Deus para nossos irmãos e amigos⁸⁹. Dessa forma, Cristo e sua obra perfeita oferece a firme esperança de o ser humano restaurar os vínculos quebrados com o Criador, consigo mesmo e com o próximo.

⁸⁷ **Jo 1:40-42**: André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e que haviam seguido Jesus. O primeiro que ele encontrou foi Simão, seu irmão, e lhe disse: “Achamos o Messias” (isto é, o Cristo). E o levou a Jesus. **Jo 6:8**: Outro discípulo, André, irmão de Simão Pedro, tomou a palavra: “Aqui está um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas o que é isto para tanta gente?” **Jo 12:20-22**: Entre os que tinham ido adorar a Deus na festa da Páscoa, estavam alguns gregos. Eles se aproximaram de Filipe, que era de Betsaida da Galileia, com um pedido: “Senhor, queremos ver Jesus”. Filipe foi dizê-lo a André, e os dois juntos o disseram a Jesus.

⁸⁸ SCHAEFFER, Francis A. **Verdadeira Espiritualidade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, 2ª ed., pág. 199.

⁸⁹ “[...] quando sou criatura na presença de Deus, e vejo que o relacionamento máximo é com o Deus infinito, e que esses relacionamentos humanos se verificam entre iguais, eu posso levar de um relacionamento humano aquilo que Deus quis que ele oferecesse, sem colocar a estrutura inteira sob um peso intolerável. E ainda, quando reconheço que nenhum de nós é perfeito nessa vida, posso gozar aquilo que é belo em um relacionamento, sem esperar que ele seja perfeito”. (Schaeffer, Francis A. **Verdadeira Espiritualidade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, 2ª ed., pág. 204).

Pelo fato de o homem ser formado à imagem do Deus Triúno, especialmente os cristãos (regenerados pelo Espírito) têm a vocação para a comunhão e a união. O mundo religioso à nossa volta parece contradizer essa premissa com suas notórias divisões. No entanto, isso apenas demonstra a intensidade da batalha espiritual e o foco satânico em ferir o cerne do relacionamento com Deus e com o próximo. Na condição de cristãos, somos verdadeiramente livres ⁹⁰(1 Pedro 2:16; Gálatas 5:13); e devemos usar nossa liberdade para servir o próximo. Quanto mais profundamente entendemos nossa liberdade em Cristo, mais intensamente compreendemos o valor da comunhão e da união, e voluntariamente decidimos na direção da interdependência⁹¹.

Numa comunidade terapêutica, sem dúvida, deve imperar **perdão**⁹² e também **reconciliação**⁹³. Não alcançaremos a perfeição nessa vida terrena e vamos errar uns com outros, por mais que não desejemos isso. Mas a humildade e a disposição de se ter a vida na luz⁹⁴, de perdoar e pedir perdão, de expressar nosso coração com mansidão⁹⁵, respeito⁹⁶ e **vulnerabilidade**⁹⁷, tudo isso contribui para o fortalecimento e a reconstrução de relacionamentos.

⁹⁰ **1 Pe 2:16:** Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus. **Gl 5:13:** Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor.

⁹¹ O conceito de *interdependência* associa-se à decisão de vivermos em comunhão uns com os outros, compreendendo que somos livres para tomar decisões e que a união é a melhor escolha, pois Deus nos formou para nos relacionarmos com ele e com o próximo.

⁹² **Mc 11:25-26:** E quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, *perdoem-no*, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados. Mas se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está no céu não perdoará os seus pecados. (grifo nosso)

⁹³ **Mt 5:23-24:** “Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro *reconciliar-se* com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta”. (grifo nosso)

⁹⁴ **1 Jo 1:7:** Se, porém, andamos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

⁹⁵ **Gl 6:1-2:** Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado. Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo.

⁹⁶ **1 Pe 2:17:** Tratem a todos com o devido respeito: amem os irmãos, temam a Deus e honrem o rei.

⁹⁷ O conceito de *vulnerabilidade* diz respeito à comunicação por meio da qual nos expressamos a partir do compartilhamento de nossas fraquezas, sentimentos e necessidades, desculpando-nos quando necessário, sem acusação ou imputação de culpa ao próximo.

2.4. A Igreja como uma Comunidade de Aprendizado

De forma semelhante, a aplicação desses princípios relacionados à Trindade também nos leva à construção de igrejas locais que funcionam como **comunidades de aprendizado**. Esse aspecto pode ser observado por meio da **iniciativa** (importante aspecto da **proatividade**⁹⁸) e da cooperação dos cristãos.

A iniciativa que pulsa no coração como um desejo ardente vem do fato de um discípulo ser, na essência, um aprendiz⁹⁹. Faz parte da natureza dos discípulos de Cristo a iniciativa, a busca intensa pelo aprendizado (pela maior proximidade com Deus), a constante fome e sede por compreender e praticar o que é certo e justo, segundo a vontade do Pai. E, no caso dos discípulos de Jesus (cristãos – Atos 11:26¹⁰⁰), o Mestre é Cristo. Por isso, o desejo maior é aprender de Jesus, tornar-se parecido com ele pela compreensão e prática dos seus ensinamentos, por meio da obra do Espírito Santo.

Observamos que proatividade caracterizou os discípulos de Jesus desde suas primeiras atividades. Ao ouvirem o testemunho de João Batista (“Vejam! É o Cordeiro de Deus!” – João 1:36), dois de seus seguidores espontaneamente tiveram a iniciativa de ir ao encontro de Cristo. E, ao serem questionados por Jesus sobre o que queriam (“O que vocês querem?” – João 1:38), eles tinham claramente a resposta: queriam aprender de Cristo por meio da amizade com ele. De acordo com os registros bíblicos, os demais discípulos demonstraram a mesma disposição de coração quando, em diferentes circunstâncias, deixaram claro que o amor ao Mestre sobrepujava os demais interesses da vida. O próprio **Jesus tornou-se exemplo perfeito** nesse aspecto ao buscar o Pai e sua vontade prioritariamente a cada dia ¹⁰¹(João 5:19,30; 7:16-18; 8:26-30, 12:49-50) e

⁹⁸ **Proatividade**: ação baseada em valores empreendida a partir de decisões responsáveis. Não se trata de reações com forte carga emocional, mas de iniciativas pautadas em princípios e valores universais (ética cristã).

⁹⁹ **Discípulo**: aprendiz; quem estuda e é receptivo a ensinamentos; seguidor devotado, convicto, disposto a dar prosseguimento ao trabalho (de seu mestre) – Dicionário Houaiss.

¹⁰⁰ **At 11:26c**: [...]Em Antioquia, os **discípulos** foram pela primeira vez chamados **cristãos**. (grifo nosso)

¹⁰¹ **Jo 5:19,30**: Jesus lhes deu esta resposta: “Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz. [...]Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme ouço, e o meu julgamento é justo, pois não procuro agradar a mim mesmo, mas àquele que me enviou.” **Jo 7:16-18**: Jesus respondeu: “O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo. Aquele que fala por si mesmo busca a sua própria glória, mas aquele que busca a glória de quem o enviou, este é verdadeiro; não há nada de falso a seu respeito.” **Jo 8:26-30**: “Tenho muitas coisas para dizer e julgar a respeito de vocês. Pois aquele que me enviou merece confiança, e digo ao mundo aquilo que dele ouvi.” Eles não entenderam que lhes estava falando a respeito do Pai. Então Jesus disse: “Quando vocês levantarem o Filho do homem, saberão que Eu Sou, e que nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou. Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, pois sempre faço o que lhe agrada”. Tendo dito essas coisas, muitos creram nele. **Jo 12:49-50**: Pois não falei por mim mesmo, mas o Pai que me enviou me ordenou o que dizer e o que falar. Sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu digo é exatamente o que o Pai me mandou dizer.

revelando a natureza de Deus a nós como nenhum outro havia feito ¹⁰²(João 1:18). Dessa forma, Cristo, mesmo sendo Deus, perfeito e sem qualquer pecado, ao longo de seus dias na terra, aprendeu, cresceu e foi aperfeiçoado, por meio dos sofrimentos que enfrentou ¹⁰³(Hebreus 5:7-9).

Em complemento a isso, a **cooperação** vem pelo compartilhar fraternal da vida, pelo exercício dos diferentes dons e pelo fato de termos em comum algo maior que nós mesmos. O interesse em servir o próximo e a Deus nos faz enxergar necessidades a serem supridas ao nosso redor, ao mesmo tempo em que evidencia nossas próprias necessidades, fraquezas e limitações. Individualmente decidimos servir, mas a beleza maior vem do movimento produzido pela igreja (organismo espiritual e vivo), da ação complementar dos diferentes dons distribuídos aos discípulos pelo Espírito Santo. Também só haverá cooperação continuada quando o propósito for o mesmo e todos tiverem em mente o mesmo fim. No caso dos cristãos, construímos a confiança de que queremos glorificar a Deus como verdadeiros adoradores e cumprir a missão que Jesus nos deixou.

No âmbito de uma comunidade de aprendizado fortalecida em **iniciativa** e **cooperação**, podemos visualizar a efetividade do **discipulado cristão**, entendido como o processo por meio do qual o discípulo (cristão) torna-se cada vez mais parecido com o Mestre (Cristo). Esse processo de **formar Cristo em nós** basicamente acontece a partir de relacionamentos: um vertical (discípulo-Deus) e outro horizontal (discípulo-discípulo). Num contexto de amor da comunidade cristã, pode-se praticar plenamente verdade e graça, firmeza e bondade, justiça e misericórdia, por meio do compartilhamento afetuoso de vida com encorajamento, ensino, repreensão e exortação.

¹⁰² **Jo 1:18:** Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido.

¹⁰³ **Hb 5:7-9:** Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão. Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu; e, uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte de salvação eterna para todos os que lhe obedecem.

Capítulo 3

A Igreja no Contexto das Alianças Bíblicas

3.1. O conceito de aliança

A Bíblia deixa claro o amor incondicional e perfeito de Deus pelo ser humano. Antes de o homem pecar, Deus o amava, e este amor em nada foi modificado com o pecado. O pecado humano não tem poder para mudar a natureza de Deus. Assim, verificamos que inicialmente o Senhor quis estabelecer sua aliança de comunhão com Adão e, mesmo com o distanciamento do ser humano ¹⁰⁴(Oseias 6:7a), Deus veio à sua procura: “*Onde está você?*” (Gênesis. 3: 10) é a pergunta feita ao homem no Éden que ecoa através da História até alcançar nossos corações. Além disso, as Escrituras também mostram que a forma escolhida pelo Senhor para restaurar o relacionamento conosco, buscando, por sua graça, anular os efeitos do pecado, continuou sendo por meio de **alianças**. Dos primórdios até a atualidade, Deus nos chama a entrar em aliança com ele.

Podemos entender aliança como sendo um **pacto de sangue soberanamente administrado**¹⁰⁵. Aliança essencialmente é um **pacto**, pois estabelece o compromisso e a base de união entre pessoas. Ao estabelecer conosco sua aliança, Deus graciosamente se compromete com suas criaturas e define o que espera de nós ao colocar as bases de nosso compromisso com ele. O fato de ser um pacto **de sangue** demonstra a intensidade do compromisso que alcança consequências de vida e morte. Este conceito é mostrado com grande nitidez em Gênesis 15, quando Deus estabeleceu sua aliança com Abraão: animais foram sacrificados, cortados ao meio e a aliança foi selada quando simbolicamente o Senhor passa entre os animais divididos. O ritual simboliza um “penhor de morte” e retrata a maldição que o autor da aliança evoca sobre si no caso de violação do compromisso estabelecido. Isto é coerente com o ensino encontrado na Lei de que “*a vida da carne está no sangue*” (Levítico 17:11) e de que “*sem derramamento de sangue não há perdão*” (Hebreus 9:22). É neste contexto pactual que compreendemos a morte substitutiva do Senhor Jesus: ele tomou a culpa e a maldição do infrator da aliança, morrendo em nosso lugar. Por fim, este pacto de sangue é **soberanamente administrado**,

¹⁰⁴ *Os 6:7a*: Eles, porém, como Adão, transgrediram o pacto. (Versão Almeida Revisada Imprensa Bíblica).

¹⁰⁵ Esta definição de aliança é encontrada no livro **O Cristo dos Pactos**, de Owen Palmer Robertson.

significando que os termos da aliança são sempre estabelecidos unicamente pelo soberano e todo-poderoso Senhor dos céus e da terra.

3.2. Alianças no Antigo Testamento (AT)

Na criação, Deus estabeleceu soberanamente uma **aliança com Adão e Eva**. Ele determinou que o homem:

- 1) *Tivesse comunhão eterna com ele* ¹⁰⁶(Gênesis 1:27; 2:9 - única criatura feita segundo à imagem e semelhança de Deus e com acesso livre à árvore da vida¹⁰⁷ – significando a possibilidade de vida eterna em plena comunhão com o Criador);
- 2) *Construísse relacionamentos sociais a partir da base familiar* ¹⁰⁸(Gênesis 1:27; 2:18,21-25 – criação do homem e da mulher e a direção para que se unissem, deixando os pais e construindo novas famílias); e
- 3) *Interviesse no mundo criado* (cosmos), desenvolvendo-o culturalmente a partir dos recursos colocados à sua disposição ¹⁰⁹(Gênesis 1:26,28 e 2:15 – aspecto cultural no sentido de domínio, guarda, cuidado e cultivo do cosmos).

Esses **três mandatos (espiritual, social e cultural)** são representados respectivamente por três instituições idealizadas por Deus:

- **o sábado** (tempo de descanso para usufruir da comunhão direta com o Criador);
 - **o casamento e a família** (núcleo da unidade familiar e base da sociedade);
- e

¹⁰⁶ **Gn 1:27:** Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. **Gn 2:9:** Então o Senhor Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

¹⁰⁷ A **árvore da vida**, proibida ao homem em Gênesis (2:9; 3:22-24) e oferecida gratuitamente aos que foram purificados e redimidos pelo sacrifício de Cristo em Apocalipse (2:7; 22:14), caracteriza a comunhão plena e a vida eterna com Deus. Assim, a história bíblica mostra como o paraíso perdido em Gênesis é totalmente recuperado em Apocalipse por meio da execução do Plano Eterno de Deus.

¹⁰⁸ **Gn 2:18, 21-25:** Então o Senhor Deus declarou: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”. [...]. Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher vivem nus, e não sentiam vergonha.

¹⁰⁹ **Gn 1:26,28:** Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. [...]. Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. **Gn 2:15:** O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo.

- **o trabalho** (forma de interação com o mundo).

Deus, por sua vez, supriria com sua presença todas as necessidades para a manutenção eterna desse pacto de amor e vida. Além disso, o Senhor estabeleceu um teste para o coração do ser humano, uma oportunidade de se demonstrar obediência e honra ao Senhor: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gênesis 2:16). E nas palavras finais dessa declaração, Ele esclarece as consequências de vida e morte da aliança (pacto de sangue).

Como sabemos, pela história bíblica e pelas consequências visíveis em nossas próprias vidas, o ser humano quebrou a **aliança da criação** ao desobedecer ao Senhor (Gênesis 3). Imediatamente, Deus manifestou seu caráter gracioso suavizando as consequências do rompimento do pacto (morte) e possibilitando a redenção. Ao anunciar a maldição pelo rompimento da aliança da criação, Deus lançou as bases para a **aliança da redenção**¹¹⁰(Gênesis 3: 14-19). Assim, o Senhor planejou alcançar para o homem as bênçãos originalmente perdidas por causa do pecado e traçou um caminho para restaurar, manter e consumir a aliança da criação.

Deus, inicialmente, mencionou a **guerra espiritual** que perdurará até o final dessa era e na qual hoje¹¹¹(Efésios 6:12) estamos imersos: “Porei inimizade entre você [serpente/satanás] e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela” (Gênesis 3:15a). Em seguida, aponta para a redenção futura ao anunciar o que muitos autores acreditam ser a primeira revelação redentora do AT: “este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”¹¹² (Gênesis 3:15b). No Gólgota a batalha espiritual atingiu seu clímax

¹¹⁰ **Gn 3:14-19:** Então o Senhor Deus declarou à serpente: “Uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida. Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. À mulher, ele declarou: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará”. E ao homem declarou: “Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará”.

¹¹¹ **Ef 6:12:** pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.

¹¹² Esta passagem tem sido chamada de **Protoevangelho**, no sentido de conter o vislumbre ou a semente do evangelho de Cristo.

quando Cristo foi ferido na cruz e derrotou completamente os ideais satânicos, possibilitando o resgate de todo aquele que crê¹¹³, por meio de sua obra redentora.

Ao longo de todo o AT, a manifestação da graça e o plano de Deus visando resgatar um povo santo para si seguiram seu curso. O cerne da aliança feita com Adão foi mantido e ampliado com outros mediadores no decorrer dos séculos: **Noé** (Gênesis 6:17-22; 8:20-22 e 9:1-17), **Abraão** (Gênesis 12: 1-9; 15: 1-21 e 17: 1-27), **Moisés** (Êxodo 19:1-25; 24:1-18) e **Davi** (2 Samuel 7:1-29). Com Davi, a revelação dos propósitos do Senhor chegou ao seu auge no AT e jogou luz sobre a intenção de Deus de estabelecer completamente o seu Reino sobre toda a criação novamente. Porém, os descendentes de Davi desviaram-se da vontade de Deus, confirmando a tendência do coração humano corrompido e deixando explícita a necessidade de algo superior, providenciado por Deus. Com a destruição do templo em Jerusalém e o exílio na Babilônia, o povo não pode mais praticar suas leis cerimoniais (maldição relacionada à quebra da aliança mosaica), foram expulsos da terra prometida (maldição associada ao pacto com Abraão) e deixaram de ser uma monarquia (maldição quanto à aliança davídica). No entanto, todo o cenário estava sendo preparado para a grande intervenção de Deus no palco da história humana. Os fracassos e as deficiências verificadas com a administração das alianças no período antigo (AT) foram perfeitamente reparados sob a égide da **nova aliança em Cristo**¹¹⁴ (Hebreus 9: 11-12).

3.3. A Nova Aliança e a Igreja

Os profetas levantados por Deus à época da deportação dos judeus para a Babilônia falaram sobre julgamento, mas também indicaram no horizonte o advento de algo novo – a **nova aliança**. A passagem de Jeremias 31:31-32¹¹⁵ fala exatamente sobre isso:

‘Estão chegando os dias’, declara o Senhor, ‘quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-

¹¹³ **Crer** no sentido bíblico do NT (grego *pisteuo*) significa entender, confiar completamente e obedecer às palavras do Redentor e Senhor Jesus Cristo. Essa ideia é coerente com a palavra correspondente no AT (hebraico *emun*), que tem o sentido de fidelidade ou de ser fiel a uma pessoa ou crença.

¹¹⁴ **Hb 9:11-12**: Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos benefícios agora presentes, ele adentrou o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito pelo homem, isto é, não pertencente a esta criação. Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção.

¹¹⁵ Passagens paralelas do AT sobre a nova aliança são encontradas em Jr 32: 27-44; 50:4-5 e Ez 37: 15-28.

los do Egito; porque quebraram a minha aliança, apesar de eu ser o Senhor deles’, diz o Senhor. ‘Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias’, declara o Senhor: ‘Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior’, diz o Senhor. ‘Porque eu lhes perdorei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados’.

O desejo expresso de Deus para o relacionamento com o ser humano, descrito no contexto das alianças, pode ser resumido na declaração “Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo” (Levítico 26:12; Jeremias 31:1, 33; 32:38; Ezequiel 11:20; 37:23, 27; 2 Coríntios 6:16; Hebreus 8:10). De um lado, Deus sempre sonhou com um grupo de adoradores que amasse buscar e praticar a vontade dele; por outro, ele sempre exerceu seu papel ensinando, dirigindo e cuidando. A igreja vive na era cristã a realidade da nova aliança em Jesus. Como discípulos de Cristo, somos unidos uns com os outros e com Deus, por meio do Espírito, enquanto Jesus nos acompanha a cada dia até o fim dos tempos ¹¹⁶(Mateus 28:20b). Assim temos a bênção e a alegria de participar do povo de Deus, enquanto Deus se alegra ao estar em nosso meio (e habitar em nós), provendo-nos direção e proteção. Cristo é o mediador desta nova aliança ¹¹⁷(Hebreus 9:15) e nós, discípulos de Cristo nesta geração, temos o ministério de anunciar os termos da aliança (evangelho de Cristo), chamando os homens a se reconciliarem com Deus:

Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus. Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus (**2 Coríntios 5: 18-21**).

A nova aliança manifesta um poder, jamais visto anteriormente, de transformar o homem a partir do interior, do íntimo do coração. Assim Deus purifica ¹¹⁸(Ezequiel

¹¹⁶ **Mt 28:20b**: E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.

¹¹⁷ **Hb 9:15**: Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.

¹¹⁸ **Ez 37:23**: Não se contaminarão mais com seus ídolos e imagens detestáveis, nem com nenhuma de suas transgressões, pois eu os salvarei de todas as suas apostasias pecaminosas e os purificarei. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.

37:23), perdoa totalmente ¹¹⁹(Jeremias 31:34; 50:20), limpa a consciência ¹²⁰(Hebreus 9:9), habita em nós ¹²¹(Ezequiel 37:14), ensina ¹²²(Jeremias 31:33-34) e coloca santo temor no coração ¹²³(Jeremias 32:40) de todo aquele que participa com ele dessa aliança. Tudo isso foi resumido por Pedro na resposta que alicerçou o começo da igreja cristã, quando milhares de judeus, quebrantados e aflitos com a mensagem do evangelho, perguntaram aos apóstolos o que deveriam fazer:

Pedro respondeu: ‘Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para **perdão dos seus pecados**, e receberão o **dom do Espírito Santo**. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar’ (**At. 2: 38-39**, grifo nosso).

A resposta de Pedro (ensino apostólico) contém o anúncio de uma **dupla cura**: uma para a culpa oriunda do pecado e outra para a alma humana.

Primeiramente, a culpa pode finalmente ser lançada fora por meio do perdão perfeito, proveniente do sacrifício de Jesus. O pecador, debaixo de constante condenação, separado do Criador desde a quebra do pacto com Adão e alvo da ira de Deus, pode obter o perfeito perdão, pois Cristo tomou sobre si o pecado e a culpa, pagando o preço na cruz. Como resultado, Deus oferece completo perdão, plena remissão, justificação e libertação do medo da condenação e do inferno. Este é o **perdão dos pecados** que Pedro anuncia.

Uma segunda cura, porém, é oferecida: a cura para a alma. O efeito do pecado é profundo na alma, tornando a natureza humana inclinada a todo tipo de pecado. Assim, o pecado não afeta apenas nosso relacionamento com Deus, mas toda a nossa vida e todo o

¹¹⁹ **Jr 31:34**: Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior”, diz o Senhor. “Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.” **Jr 50:20**: Naqueles dias, naquela época”, declara o Senhor, “se procurará pela iniquidade de Israel, mas nada será achado, pelos pecados de Judá, mas nenhum será encontrado, pois perdoarei o remanescente que eu poupar.

¹²⁰ **Hb 9:9**: Isso é uma ilustração para os nossos dias, indicando que as ofertas e os sacrifícios oferecidos não podiam dar ao adorador uma consciência perfeitamente limpa.

¹²¹ **Ez 37:14**: Porei o meu Espírito em vocês e vocês viverão, e eu os estabecerei em sua própria terra. Então vocês saberão que eu, o Senhor, falei, e fiz. Palavra do Senhor.

¹²² **Jr 31:33-34**: “Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias”, declara o Senhor: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior”, diz o Senhor. “Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.”

¹²³ **Jr 32:40**: Farei com eles uma aliança permanente: Jamais deixarei de fazer o bem a eles, e farei com que me temam de coração, para que jamais se desviem de mim.

nosso ser. O evangelho oferece a cura para a doença da alma, que não era possível no AT: o novo nascimento, ou a **regeneração**.

O perdão oferecido no contexto das antigas alianças ¹²⁴(Levítico 4:20b) não tinha o poder de remover o pecado, justificando o pecador. Por isso, os sacrifícios e as cerimônias de purificação tinham que ser repetidas ao longo dos anos. No contexto da nova aliança, o sacrifício de Jesus não apenas proporciona perdão para aquele que se torna cristão ¹²⁵(Atos 2:38), mas tem o poder de **justificar**, pela fé, o seguidor de Cristo ¹²⁶(Romanos 3:21-26; 5:1, 18). Isto é o que Pedro anunciou: “[...] receberão o dom do Espírito Santo”. O Espírito é dado de forma constante para regenerar o coração do pecador e dar poder a ele para superar o pecado no dia-a-dia. Por isso, precisamos alimentar o Espírito a cada dia (momento a momento) em nós, abraçando os **meios de graça** colocados por Deus à nossa disposição, que são as **disciplinas espirituais** (oração, estudo bíblico, jejum, confissão, reflexão, etc.).

Essas disciplinas espirituais nos ajudam a perseverarmos com fé diante da tensão que vivemos entre o **“já”** (presente) e o **“ainda não”** (futuro). A Bíblia registra esta tensão em diversos aspectos e diferentes passagens. Por exemplo, sabemos que Cristo inaugurou uma nova era, a partir da nova aliança do seu sangue ¹²⁷(Lucas 22:20), livrando-nos deste mundo perverso ¹²⁸(Gálatas 1:4), transportando-nos das trevas para a luz ¹²⁹(Colossenses 1:13), ressuscitando-nos da morte e nos assentando em lugares celestiais ¹³⁰(Efésios 2:6). No entanto, também sabemos que a velha natureza humana continua manifestando-se em

¹²⁴ **Lv 4:20b**: Assim o sacerdote fará propiciação por eles, e serão perdoados.

¹²⁵ **At 2:38**: Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo”.

¹²⁶ **Rm 3:21-26**: Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. **Rm 5:1,18**: Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, [...]. Consequentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens.

¹²⁷ **Lc 22:20**: Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês”.

¹²⁸ **Gl 1:4**: que se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos resgatar desta presente era perversa, segundo a vontade de nosso Deus e Pai.

¹²⁹ **Cl 1:13**: Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado.

¹³⁰ **Ef 2:6**: Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.

nós com o pecado, pois não foi completamente destruída. Por isso, precisamos decidir nos livrarmos do velho homem a cada dia ¹³¹(Efésios 4:22-24)¹³² e buscar a renovação diária da nossa mente (entendimento), para que, a partir de um novo modo de pensar, tenhamos, por consequência, um novo modo de vida ¹³³(Romanos 12:2). Assim, nós já fomos salvos, mas também seremos salvos um dia ¹³⁴(Romanos 8:24; 5:9-10; 13:11). Já temos a redenção, mas o dia da redenção ainda é futuro ¹³⁵(Colossenses 1:14; Efésios 4:30). Já somos filhos adotivos de Deus, mas também aguardamos a nossa adoção ¹³⁶(Romanos 8:15,23). Já passamos da morte para a vida, mas a vida eterna é também uma dádiva futura ¹³⁷(João 5:24; 11:25-26; Romanos 8:10-11). Já somos novas criaturas, embora Deus ainda não tenha feito novas todas as coisas ¹³⁸(2 Coríntios 5:17; Apocalipse. 21:5). Nós já recebemos a plenitude, mas ainda não chegamos à plenitude de Deus ¹³⁹(Colossenses 2:10; Efésios 5:18; 3:19). Cristo já está reinando, embora seus inimigos

¹³¹ **Ef 4:22-24:** Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade.

¹³² O tempo verbal (despir-se, revestir-se) dá ideia de ação contínua, algo que é parte da rotina diária cristã.

¹³³ **Rm 12:2:** Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

¹³⁴ **Rm 8:24:** Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? **Rm 5:9-10:** Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus! Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida! **Rm 13:11:** Façam isso, compreendendo o tempo em que vivemos. Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos.

¹³⁵ **Cl 1:14:** em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados. **Ef 4:30:** Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção.

¹³⁶ **Rm 8:15,23:** Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: “Aba, Pai”. [...]. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo.

¹³⁷ **Jo 5:24:** “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida”. **Jo 11:25-26:** Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?” **Rm 8:10-11:** Mas se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês.

¹³⁸ **2 Co 5:17:** Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas! **Ap 21:5:** Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança”.

¹³⁹ **Cl 2:10:** e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude. **Ef 5:18:** Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito. **Ef 3:19:** e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.

ainda não se tenham tornado estrado de seus pés ¹⁴⁰(Salmo 110:1; Efésios 1:22; Hebreus 2:8; 1 Coríntios 15: 24-26).¹⁴¹

Dessa forma **perseveramos**¹⁴², aguardando a consumação de todas as coisas ¹⁴³(Hebreus 9:28; 1 Pedro 1:3-4; 1 João 3:2). E perseveramos firmados na certeza de que a aliança que selamos com Deus, baseada na perfeita obra de Cristo, não é apenas a nova aliança, mas a última e definitiva aliança¹⁴⁴ entre Deus e os homens – a **aliança da consumação** –, que traz em si os elementos dos pactos anteriores e a concretização de todo plano de Deus, pois foi perfeitamente consumada por Jesus na cruz ¹⁴⁵(João 19:30), trazendo paz aos nossos corações e enchendo-nos de esperança.

3.4. A Igreja e as Tradições

Muitas vezes na história, ideias e tradições humanas confrontaram os pressupostos estabelecidos pela aliança com Deus. Na passagem de Marcos 7:1-23 ⁽¹⁴⁶⁾, Jesus, a Palavra

¹⁴⁰ **Sl 110:1**: O Senhor disse ao meu Senhor: “Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés”. **Ef 1:22**: Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja. **Hb 2:8**: tudo sujeitaste debaixo dos seus pés. **1 Co 15:24-26**: Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.

¹⁴¹ A tensão entre o “já” e o “ainda não” foi descrita por diversos autores e pode ser encontrada na abordagem de John Stott, no seguinte endereço: <https://pt.scribd.com/doc/51557203/O-Ja-e-o-Ainda-Nao-John-Stott>.

¹⁴² **Perseverança**: constante determinação de seguir em frente, independentemente da tentação de diminuir o ritmo ou desistir (*Bíblia de Estudo Macarthur*. Notas de Rodapé, pág. 1710).

¹⁴³ **Hb 9:28**: assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam. **1 Pe 1:3-4**: Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês. **1 Jo 3:2**: Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.

¹⁴⁴ A nova aliança tem o caráter permanente (Jr 50:5). As alianças abraâmica (Gn 17:7; Sl 105:10), mosaica (Ex 40:15; Lv 16:34; 24:8; Is 24:5) e davídica (2 Sm 7:13, 16; Sl 89:3-4, 132:11-12) também são caracterizadas como eternas; no entanto, são apenas consideradas perpétuas na exata medida em que encontram seu cumprimento no pacto perfeito providenciado por Cristo - a nova aliança.

¹⁴⁵ **Jo 19:30**: Tendo-o provado, Jesus disse: “Está consumado!” Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito.

¹⁴⁶ **Mc 7:1-23**: Os fariseus e alguns dos mestres da lei, vindos de Jerusalém, reuniram-se a Jesus e viram alguns dos seus discípulos comerem com as mãos “impuras”, isto é, por lavar. (Os fariseus e todos os judeus não comem sem lavar as mãos cerimonialmente, apegando-se, assim, à tradição dos líderes religiosos. Quando chegam da rua, não comem sem antes se lavarem. E observam muitas outras tradições, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metal). Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: “Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos líderes religiosos, em vez de comerem o alimento com as mãos ‘impuras’?” Ele respondeu: “Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas: como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram: seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens’. Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens”. E disse-lhes: “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às suas tradições! Pois Moisés disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’, e ‘quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã’, isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus,

encarnada ¹⁴⁷(João 1:14), mostrou o verdadeiro propósito e autoridade das Escrituras e confrontou a tradição humana existente no contexto religioso de sua época.

Ao longo dos séculos, os judeus construíram e solidificaram uma forte tradição oral paralelamente à lei escrita (*Torah*). Interessante notar que grande parte dessa tradição oral se desenvolveu pelo zelo de se querer proteger a Lei do Antigo Testamento entregue por Deus ao povo. Eram, no geral, detalhamentos elaborados pelos homens para se chegar à perfeita obediência da Lei divina. Porém, essa prática demonstrou-se contrária aos princípios da Palavra e fez com que o legalismo prevalecesse ao genuíno relacionamento com Deus.

Os rituais estabelecidos pelo Judaísmo tinham por base a crença de que a fonte do mal (impureza) é exterior ao homem. Ou seja, alguém se torna impuro ao ter contato com coisas ou pessoas impuras. **Sistemas legalistas** por definição enfatizam o exterior, ainda que tentem lidar com questões do coração (interior do homem). Assim, tentando ser interiormente puros e guardar o coração, a cultura religiosa judaica concentrava-se em **externalidades** - por exemplo, a guarda legalista do sábado, a distância mantida de pessoas classificadas como pecadoras ou impuras e a lavagem ritual das mãos e de utensílios, dentre outras. E, ao se focar em coisas exteriores, o engano do coração florescia livre, contaminando a prática e sobrepondo-se ao sentido primário e verdadeiro da Palavra, como visto claramente no exemplo dado por Jesus do *Corbã* (oferta dada a Deus pelos filhos, com a prerrogativa de se livrar da obrigação divina de cuidar de seus pais idosos).

Dessa forma, a **tradição humana**, ao confrontar-se com a **Palavra de Deus**, prevaleceu sobre ela em diversos aspectos na prática judaica. Foi exatamente isso que Jesus confrontou na passagem, utilizando-se da autoridade única da revelação escrita inspirada por Deus. O Senhor respaldava-se ainda em seu próprio **exemplo de vida**, pois

por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa". Jesus chamou novamente a multidão para junto de si e disse: "Ouçam-me todos e entendam isto: não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo 'impuro'. Pelo contrário, o que sai do homem é que o torna 'impuro'. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!" Depois de deixar a multidão e entrar em casa, os discípulos lhe pediram explicação da parábola. "Será que vocês também não conseguem entender?", perguntou-lhes Jesus. "Não percebem que nada que entre no homem pode torná-lo 'impuro'? Porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, sendo depois eliminado". Ao dizer isto, Jesus declarou "puros" todos os alimentos. E continuou: "O que sai do homem é que o torna 'impuro'. Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem 'impuro'".

¹⁴⁷. **Jo 1:14**: Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

a estrutura ⁽¹⁴⁸⁾ estabelecida por Cristo privilegiava os relacionamentos e enxergava o estado atual do homem a partir da queda (Gênesis 3) e de sua necessidade de redenção ¹⁴⁹(Marcos 7:23; Lucas 19:10).

Jesus é o Redentor que veio até nós trazendo salvação da ira de Deus sobre o pecado, viabilizando a consumação futura dos propósitos originais de Deus na criação. O que Jesus implementou em seu ministério foi uma **estrutura simples** que criava um ambiente no qual se privilegiava a abertura de coração, a reflexão pessoal e a consequente formação de um caráter responsável e criativo, vinculado a profundas convicções e atitudes que permitiam servir a Deus com gratidão, fé, amor e esperança, a partir de decisões pessoais livres. E certamente ele queria que seus ensinamentos e suas práticas fossem transmitidas de forma a se perpetuarem por gerações futuras, criando **boas tradições**¹⁵⁰ **espirituais**.

Nesse sentido, verificamos que a Bíblia menciona **dois tipos de tradições**. Um de caráter espiritual benéfico, que, embora seja definido em termos de prática pelo ser humano, tem por base o mandamento de Deus e guia-se por princípios das Escrituras e coaduna-se com a vontade do Senhor. Podemos pensar, por exemplo, em formas de celebrar a ceia, de fazer ofertas e de cultuar a Deus. Porém, há outro tipo de tradição de caráter contrário à Sua Palavra, que nos conduz a práticas meramente humanistas, legalistas e secularizadas.

O Novo Testamento fala sobre tradições humanas em outras passagens além de Marcos 7 e de seu texto correspondente em Mateus 15. Por exemplo, em Gálatas 1:14¹⁵¹ Paulo lembra de seu zelo na observância das tradições dos antepassados judeus e em Colossenses 2:8¹⁵² menciona as tradições que servem de base para filosofias vãs e

¹⁴⁸ Jesus estabeleceu um modo simples e organizado de construir seu ministério: apoiou e identificou-se com o trabalho de João Batista, reuniu os doze discípulos a quem constituiu apóstolos, trabalhou com outros círculos de discípulos (como os 72 descritos – Lucas 10:1), ensinou multidões e também indivíduos, iniciou e terminou seu ministério terreno no tempo certo estabelecido pelo Pai, dentre outros aspectos que não são escopo deste trabalho.

¹⁴⁹ **Mc 7:23**: “[...] Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem ‘impuro’”. **Lc 19:10**: “[...] Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”.

¹⁵⁰ Tradição no sentido do “ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência, ato de conferir” (Dicionário Houaiss). O Novo Testamento é a versão escrita, inspirada por Deus, da tradição oral cristã transmitida inicialmente por Jesus e pelos apóstolos e profetas, sobre a qual a igreja se edifica (**Ef 2:20**: “*edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular*”).

¹⁵¹ **Gl 1:14**: No judaísmo, eu superava a maioria dos judeus da minha idade, e era extremamente zeloso das tradições dos meus antepassados.

¹⁵² **Cl 2:8**: Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo.

enganosas. Entretanto, o próprio Paulo menciona também boas tradições que deveriam ser observadas pelos cristãos, como nos exemplos a seguir: “*Eu os elogio por se lembrarem de mim em tudo e por se apegarem às **tradições exatamente como eu as transmiti a vocês***” (1 Coríntios 11:2, grifo nosso); “*Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às **tradições que lhes foram ensinadas, quer de viva voz, quer por carta nossa***” (2 Tessalonicenses 2:15, grifo nosso); “*Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não **conforme a tradição que vocês receberam de nós***” (2 Tessalonicenses 3:6, grifo nosso).

Retomando a conversa entre Jesus e os fariseus e mestres da lei (Marcos 7), observamos como o Senhor lidou com as tradições que contrariavam os princípios e mandamentos de Deus. Primeiramente Jesus usou a citação de Isaías 29:13¹⁵³ como um espelho¹⁵⁴ para revelar a hipocrisia e a superficialidade da adoração farisaica. Ele denunciou que novamente o homem estava seguindo seus próprios preceitos (regras humanas), ao invés de buscar e fazer a vontade de Deus. E na sequência demonstrou, a partir do mandamento de Êxodo 20:12¹⁵⁵ (repetido em Deuteronômio 5:16¹⁵⁶) e da prática do **Corbã**, como o engano da tradição e a manipulação da Palavra de Deus se processavam. A conclusão do Senhor é forte e deve produzir temor em nossos corações: “vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições” (Marcos 7:9) e “vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram” (Marcos 7:13). Por fim, Jesus cuidou de ensinar à multidão e aos seus discípulos o princípio correto: é do **interior** corrompido do homem (coração), e não do exterior, que surge todo tipo de pecado.

Com tudo isso, sabemos que a Igreja é de Cristo e que cada membro deve refletir a imagem do nosso Senhor. Todavia, cada comunidade ou família de igrejas está situada numa determinada constelação de **aspectos culturais**, e isso é inevitável. Tomemos o exemplo do lavar os pés (João narra esse episódio no capítulo 13). Esse ato de profunda humildade que Cristo ensinou aos seus discípulos faz bastante sentido se levamos em

¹⁵³ **Is 29:13**: “O Senhor diz: “Esse povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. A adoração que me prestam é feita só de regras ensinada por homens.”

¹⁵⁴ **Tg 1:23-24**: Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência.

¹⁵⁵ **Êx 20:12**: “Honra a teu pai e a tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”.

¹⁵⁶ **Dt 5:16**: “Honra a teu pai e a tua mãe, como te ordenou o Senhor, o teu Deus, para que tenhas longa vida, e tudo te vá bem na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”.

conta os costumes culturais da época. Era comum que numa casa do primeiro século, na região da Palestina, tivesse algum utensílio que facilitasse e permitisse que aqueles que entrassem na casa pudessem lavar seus pés. Não sabemos se essa prática ensinada por Cristo se manteve entre os discípulos no contexto da Igreja (“...vocês também devem lavar os pés uns dos outros” – João 13:14).

De qualquer forma, o ensinamento eterno dessa passagem não está no **costume cultural**, isto é, lavar os pés, mas no princípio da **humildade** (“*Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou*” – João 13:15-16). Jesus ilustrou o exercício da humildade com clareza, e fez isso por meio de um elemento cultural que, sem dúvida, causou constrangimento e espanto, justamente porque podia ser compreendido por todos; basta lembrarmos da reação de Pedro quando se deu conta do que estava acontecendo.

Sendo assim, o princípio deve ser claramente observado em cada prática que se insere em nossa cultura. Alguns traços culturais que já existem numa determinada comunidade, região, cidade ou país, podem servir de exemplo para ilustrar princípios espirituais, porém, jamais esse traço cultural (esse costume,) deve esconder, sufocar ou substituir o princípio que lhe dá significado. Em outras palavras, não podemos simplesmente definir uma fórmula: *lavar os pés de alguém = humildade*. A humildade de um discípulo do século XXI, por exemplo, não está fundamentada no lavar dos pés de seus irmãos. Além do mais, sabemos que não basta lavarmos os pés uns dos outros para alcançarmos a humildade de Cristo, pois essa prática de forma alguma substitui ou define exclusivamente o princípio da humildade. Portanto, devemos evitar que as boas tradições calcifiquem, tornando-se camisas de força a engessar princípios que poderiam ser praticados com maior simplicidade e vida.

Os exemplos do *Corbã* e da lavagem dos pés são apenas dois entre vários que podemos encontrar na Bíblia para refletirmos sobre tradições humanas *versus* prática saudável dos ensinamentos de Cristo no interior dos nossos corações (sã doutrina). De modo geral, para exercer na terra a vontade do Pai e viver aqui e agora um Reino eterno onde Cristo reina, e, portanto, reinam seus ensinamentos na sua forma mais pura, enfrentamos pelo menos dois grandes desafios como Igreja quando o assunto é tradição e costume: ora a cultura de nossa época adentra a Igreja e toma forma litúrgica no nosso exercício da fé (o exemplo da lavagem dos pés), ora criamos costumes dentro de nossas

igrejas ou famílias que se tornam exercícios reconhecidos pela comunidade local como práticas litúrgicas que exprimem conduta de fé (o caso da *Corbã*).

Hoje certamente não estamos livres desse tipo de armadilha. Ao contrário, desde a queda, há constante conflito entre a **vontade humana** e a **vontade do Criador** em todas as esferas da vida. Contudo, no âmbito religioso esse conflito torna-se bastante sutil, pois muitas vezes as tradições humanas mostram-se falsamente disfarçadas de verdadeira espiritualidade, enganando a muitos. Na verdade, trata-se de uma espécie muito peculiar de **idolatria**, na qual a própria religião¹⁵⁷, ou algum de seus elementos, torna-se o ídolo. Sutilmente a confiança e a glória são colocadas na estrutura, na instituição, no sistema teológico, na cultura da organização, nas pessoas que ocupam cargos e funções consideradas importantes, ao invés de estarem inconfundivelmente centradas em Deus. Ao invés de defender a sã doutrina, passa-se a defender as instituições ou as tradições humanas. Assim, pela aparência exterior, tem-se a impressão de existir comunhão com Deus, mas o coração afasta-se do Criador à medida que cresce um orgulho religioso, espiritualmente mortal.

Concluindo, podemos observar, por meio dessa história relatada por Marcos, como **o pensamento cria a estrutura** (nesse caso, os rituais religiosos do Judaísmo) e **essa estrutura trabalha para perpetuar o sistema de pensamento**. Por outro lado, demonstramos nosso amor por Deus quando, ao enxergarmos algo da tradição em desacordo com a Palavra de Cristo, rapidamente abandonamos as práticas humanas e novamente voltamos ao eixo da vontade de Deus. Caso contrário, quando a resistência à mudança (arrependimento) sobrepuja a clara direção do Espírito Santo, por meio da Bíblia, caminhamos na direção de deixarmos de ser igreja de Cristo em movimento sobre a Terra para nos tornarmos mera instituição humana. E não se trata aqui de mudanças levianas, de quem se deixa levar ao sabor das ondas, mas de decisões de humilde arrependimento, alicerçadas em estudo bíblico profundo e em íntima **convicção espiritual, construída no conselho de Deus**¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Diferencia-se, neste contexto, a religião como instituição humana e a verdadeira religião, tal como definida pela Bíblia (**1 Timóteo 5:4 e Tiago 1:26-27**).

¹⁵⁸ **Jr 23:18. 22:** Mas qual deles esteve no conselho do Senhor para ver e ouvir a sua palavra? Quem deu atenção e obedeceu à minha palavra? [...] Mas se eles tivessem comparecido ao meu conselho, anunciariam as minhas palavras ao meu povo e teriam feito com que se convertessem do seu mau procedimento e das suas obras, e o teriam feito más.

Capítulo 4

As Metáforas da Igreja

Para obtermos um entendimento mais aprofundado sobre a natureza da igreja na sua relação com Deus, precisamos dar mais atenção à grande variedade de metáforas bíblicas relacionadas à comunidade cristã. Compreender essas metáforas e suas possíveis aplicações à vida cristã pode abrir-nos a mente e o coração, no sentido de quão preciosos somos para Deus e para seus propósitos.

Basicamente a metáfora é uma figura de linguagem na qual se usa uma palavra ou uma expressão em um sentido que não é muito comum, revelando uma relação de semelhança entre dois termos. Transfere-se o significado de um vocábulo para outro, por meio de comparação não claramente explícita. Por exemplo, quando ouvimos que se encontrou “a chave do problema”, entendemos metaforicamente que foi achado o elemento que soluciona determinada questão, pois conhecemos bem a função das chaves para abrirem fechaduras. Assim sendo, grandiosa é a riqueza de sentidos revelados em escrituras do NT que estabelecem relações da igreja com imagens, por exemplo, de uma lavoura (1 Coríntios 3:6-9), um ramo de uma videira ¹⁵⁹ (João 15:5), uma oliveira ¹⁶⁰ (Romanos 11:17-24), uma colheita ¹⁶¹ (Mateus 13:30 e João 4:35), um edifício (1 Coríntios 3:9) e uma casa ¹⁶² (Hebreus 3:3-6). A seguir, nos debruçaremos sobre

¹⁵⁹ **Jo 15:5:** “Eu sou a videira: vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma”.

¹⁶⁰ **Rm 11:17-24:** Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira cultivada, não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, saiba que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. Então você dirá: “Os ramos foram cortados para que eu fosse enxertado”. Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema. Pois se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você. Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na bondade dele. De outra forma, você também será cortado. E quanto a eles, se não continuarem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é capaz de enxertá-los outra vez. Afinal de contas, se você foi cortado de uma oliveira brava por natureza e, de maneira antinatural, foi enxertado numa oliveira cultivada, quanto mais serão enxertados os ramos naturais em sua própria oliveira?

¹⁶¹ **Mt 13:30:** Deixem que cresçam juntos até à colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro. **Jo 4:35:** Vocês não dizem: ‘Daqui a quatro meses haverá a colheita’? Eu lhes digo: Abram os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita.

¹⁶² **Hb 3:3-6:** Jesus foi considerado digno de maior glória do que Moisés, da mesma forma que o construtor de uma casa tem mais honra do que a própria casa. Pois toda casa é construída por alguém, mas Deus é o edificador de tudo. Moisés foi fiel como servo em toda a casa de Deus, dando testemunho do que haveria de ser dito no futuro, mas Cristo é fiel como Filho sobre a casa de Deus; e esta casa somos nós, se é que nos apegamos firmemente à confiança e à esperança da qual nos gloriamos.

ilustrações metafóricas da igreja, cujo uso de associações figurativas é feito com recorrência por Jesus e pelos escritores do NT. Ainda que algumas, mais do que outras, expressem com vivacidade a ideia do amor único de Deus para com a igreja, tal como a metáfora da noiva, não há hierarquia de valores na sequência elencada a seguir.

4.1. A Igreja como Templo (Santuário)

Uma das analogias que mais exprimem a ideia de um Deus que deseja ardentemente viver entre nós, fazendo sua morada no íntimo de nosso ser, é a metáfora da igreja como templo.

O apóstolo Pedro, cuja fé inspiradora constitui-se no reconhecimento da identidade messiânica de Jesus, sobre a qual este promete erigir sua igreja ¹⁶³(Mateus 16:18), afirma que todos nós somos pedras vivas utilizadas na “edificação de uma casa espiritual” (1 Pedro 2:5).

A título de curiosidade, a palavra igreja em si, derivada do termo grego ἐκκλησία (“ἐκ” = fora; “κλησία” = chamado), refere-se a uma comunidade que recebeu um chamado para sair de seus lares e formar uma assembleia em público. No cristianismo, desenvolveu-se o conceito espiritual de separar-se dos modos de vida do mundo, isto é, santificar-se. Desse modo, Paulo ensina que nós, que somos “o templo de Deus”, não podemos nos associar nem estar de acordo com a maldade, com Belial (Satanás), com os ídolos e com os descrentes, pois somos “santuário do Deus vivo” (2 Coríntios 6:14-16).

Deus nos converteu de tal maneira que estamos crescendo, sendo ajustados e edificados em Cristo, nossa pedra angular, para nos tornarmos “morada de Deus por seu Espírito” (Efésios 2:20-22). À medida que Cristo, o fundamento insubstituível de nossa fé, é o único qualificado para conectar, alinhar, estruturar e direcionar a base de nossos relacionamentos como igreja, fortalecendo nosso amor e engajamento com seus propósitos, Deus não somente nos transforma em um santuário, mas em SEU santuário, o local de habitação do próprio Espírito Santo!

4.2. A Igreja como Sacerdócio

Outra imagem metafórica que tem muito a nos ensinar sobre o prazer que Deus tem nos nossos sacrifícios de louvor e nas dádivas que oferecemos a Ele, é a da igreja

¹⁶³ **Mt 16:18:** E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la.

como sacerdócio. Em suma, um sacerdote era um sacrificador selecionado somente entre os levitas, alguém de função nobre na comunidade judaica que intermediava o relacionamento entre o povo e Deus, ministrando sacrifícios de animais para a propiciação (perdão divino) dos pecados cometidos pelo povo. Depois da nova aliança mediante Cristo, seus seguidores passaram a receber esse título com uma nova gama de significados práticos. Em 1 Pedro 2:5-9, aprendemos que os cristãos formam parte integrante de um templo “para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo”. Mais adiante, Pedro afirma que somos “sacerdócio real” para anunciar as grandezas de Cristo, que nos salvou (v.9). Tendo o mesmo conceito em mente, o apóstolo João diz que “Deus nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue (de Cristo), e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai” (Apocalipse 1:5b-6).

É relevante notar que a metáfora sacerdotal ganha desdobramentos no sentido prático dos sacrifícios que devemos apresentar. Vemos, por exemplo, que nosso culto racional implica nos oferecermos como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Romanos 12:1). Sim, nossas vidas são o próprio sacrifício! Paulo via a aproximação de sua morte, depois de uma vida de entrega e servidão totais a Cristo, como uma libação: “Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida” (2 Timóteo 4:6). Ademais, o escritor de Hebreus nos encoraja a continuamente oferecermos sacrifícios de louvor, “que é fruto de lábios que confessam o seu nome (o de Cristo)”, da prática do bem e do compartilhamento material do que temos com os outros, pois “tais sacrifícios agradam a Deus” (Hebreus 13:15-16). Que tipo de vida, portanto, temos oferecido ao nosso Senhor Jesus, nosso sumo sacerdote ¹⁶⁴(Hebreus 5:10)?

Assim, o NT mostra a igreja como sacerdócio, os cristãos como sacerdotes e Cristo como sumo sacerdote. O Senhor Jesus é o sumo sacerdote que precisávamos (santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus - Hebreus 7:26) e tornou-se sumo sacerdote para sempre ¹⁶⁵(Hebreus 6:20), sendo o único mediador de nossa aliança com Deus ¹⁶⁶(1 Timóteo 2:5; Hebreus 9:15). Então, a realidade espiritual

¹⁶⁴ **Hb 5:10**: sendo designado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.

¹⁶⁵ **Hb 6:20**: onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar, tornando-se sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

¹⁶⁶ **1 Tm 2:5**: Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus. **Hb 9:15**: Por essa razão. Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.

entre os discípulos na igreja é que todos são sacerdotes, não havendo mais intermediários humanos entre Deus e os cristãos. Com isso, podemos tecer pelo menos três considerações: (i) individualmente somos responsáveis por nosso relacionamento com Deus e nossa oferta de vida a ele, por meio do Senhor Jesus; (ii) coletivamente na igreja somos irmãos, sacerdotes e filhos de Deus, não havendo hierarquia ou prevalência de um sobre o outro, independente dos dons ou das funções exercidas; e (iii) olhando para a comunidade à nossa volta, tendo Cristo vivendo em nós por meio do Espírito, nos tornamos sal e luz para o mundo, por meio da servidão, da conexão graciosa com o próximo e da pregação do evangelho.

4.3. A Igreja como Rebanho

A metáfora da igreja como rebanho é abundantemente encontrada na Bíblia e pode nos ajudar a criar convicções profundas sobre o sonho que Deus tem de salvar e cuidar de nossas vidas, guiando-nos por veredas seguras e certas, ao passo que espera de nós um coração vulnerável, humilde e plenamente entregue ao seu chamado.

Jesus via seus discípulos como um "pequeno rebanho" ao encorajá-los a não terem medo dos desafios da vida ¹⁶⁷(Lucas 12:32). Segundo algumas de suas parábolas, os cristãos são como ovelhas que ouvem e conhecem a voz do Bom Pastor, o qual dá sua vida por elas ¹⁶⁸(João 10: 3-4,11). O amor de Cristo é tão grande por sua igreja que, tal qual um verdadeiro pastor, ele deixaria o rebanho todo para ir atrás da ovelha extraviada e perdida ¹⁶⁹(Mateus 18:12). Repleto de compaixão, enxergava as multidões como ovelhas sem pastor ¹⁷⁰(Mateus 9:36). Em última instância, tornou-se, por meio de sua paixão por nós demonstrada na cruz e da resultante conversão de nossas vidas a ele, o "grande Pastor das ovelhas" (Hebreus 13:20), o "Pastor e Bispo de suas almas" (1 Pedro 2: 25).

Dessa maneira, os que exercem função de liderança também passam a compreender a seriedade de seu trabalho através da imagem metafórica em questão. Em

¹⁶⁷ **Lc 12:32**: "Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino".

¹⁶⁸ **Jo 10:3-4,11**: O porteiro abre-lhe a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora. Depois de conduzir para fora todas as suas ovelhas, vai adiante delas, e estas o seguem, porque conhecem a sua voz. [...]. "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas."

¹⁶⁹ **Mt 18:12**: "O que acham vocês? Se alguém possui cem ovelhas, e uma delas se perde, não deixará as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu?"

¹⁷⁰ **Mt 9:36**: Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor.

Atos 20: 28-31, por exemplo, Paulo chama de Mileto os presbíteros da igreja de Éfeso e os exorta a cuidar do “rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue” Como se isso não bastasse, Pedro também disse aos presbíteros da Ásia Menor (Turquia), onde fica Éfeso:

Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória (1 Pedro. 5:2-4).

Sem dúvidas, Cristo, e absolutamente ninguém mais, deve ser a referência perfeita de pastoreio – o Supremo Pastor – para qualquer pessoa que queira servir nessa área. Esse exemplo e padrão de Jesus também se torna referência para os relacionamentos cristãos, na medida em que nos dedicamos e cuidamos uns dos outros: “dediquem-se uns aos outros com amor fraternal” (Romanos 12:10a) e “como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (João 13:34).

De tudo isso pode-se concluir que a analogia da igreja como um rebanho nos revela conotações profundas do amor de Cristo pela comunidade cristã e nos dá a ideia do tamanho de nossa perdição e limitações espirituais se não nos prontificarmos a ouvir e seguir sua voz.

4.4. A Igreja como Família

Muitas vezes pode nos passar despercebido o fato de que, do ponto de vista da retórica, a imagem de Deus como Pai, e nós como seus filhos, é uma aplicação metafórica. Se pensarmos na literalidade dos fatos, nos lembraremos que fomos gerados por pais humanos, ao passo que Jesus, embora tenha nascido em um ventre materno, foi literalmente concebido pelo poder do Espírito Santo ¹⁷¹(Mateus 1:19-20; Lucas 1:35). Ele é Filho no sentido de ser Deus manifesto em forma humana ¹⁷²(João 1:1,14 – reveja o

¹⁷¹ **Mt 1:19-20:** Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente. Mas, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: "José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. **Lc 1:35:** O anjo respondeu: "O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus."

¹⁷² **Jô 1:1.14:** No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. [...] Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

conceito sobre Trindade anteriormente analisado). No entanto, o conjunto de escrituras sagradas, carregadas de associações metafóricas que relacionam os cristãos aos membros de uma família fraternal, numa relação profundamente paterna com Deus ¹⁷³(2 Coríntios 6: 18), deve nos incentivar, na prática, a aumentar o nosso amor e a nossa comunhão mútuos ¹⁷⁴(1 João 3:14-16).

Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos (1 João 3: 1). Claramente o amor imensurável de Deus por nós se traduz no momento em que somos transformados em seus filhos. Quando isso ocorre? A adoção espiritual de nossa vidas e nosso direito de filiação divina acontecem no instante em que recebemos e cremos em Jesus Cristo, o Filho Primogênito de Deus. Esse processo de regeneração espiritual – um novo nascimento da água e do Espírito ¹⁷⁵(João 3:5-6) – não é resultante de uma descendência natural nem da vontade da carne, mas nascemos de Deus ¹⁷⁶(João 1: 12). É porque somos filhos, que recebemos da parte de Deus o Espírito de Cristo que clama em nossos corações: “Aba, Pai” (Gálatas 4: 6). Isso posto, Jesus nos ensina que ninguém na terra deve ser chamado de pai, visto que temos um só Pai, aquele que está nos céus ¹⁷⁷(Mateus 23:9).

Dentro desse contexto de transformação espiritual e santificação, o próprio Cristo torna-se nosso irmão: Ora, tanto o que santifica, quanto os que são santificados provêm de um só. Por isso Jesus não se envergonha de chamá-los irmãos. Ele diz: “Proclamarei o teu nome a meus irmãos; na assembleia te louvarei (Hebreus 2:11-12).

Desse modo, a formação da família de Cristo, a igreja, que é um desdobramento do reino de Deus na terra ¹⁷⁸(Efésios 3:14-15 – veja o estudo anterior sobre o reino), inicia-se no ministério de Jesus e se consolida com a vinda do Espírito Santo (Atos 2). Muitos até hoje ficam chocados com as palavras de Jesus no episódio em que sua mãe e

¹⁷³ **2 Co 6:18:** “e lhes serei Pai, e vocês serão meus filhos e minhas filhas”, diz o Senhor Todo-poderoso.

¹⁷⁴ **1 Jo 3:14-16:** Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem vida eterna em si mesmo. Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos.

¹⁷⁵ **Jo 3:5-6:** Respondeu Jesus: "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito.

¹⁷⁶ **Jo 1:12:** Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus.

¹⁷⁷ **Mt 23:9:** A ninguém na terra chamem ‘pai’, porque vocês só têm um Pai, aquele que está nos céus.

¹⁷⁸ **Ef 3:14-15:** Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra.

seus irmãos foram atrás dele, por acharem que estava enlouquecendo. Jesus reconstrói metaforicamente o sentido de uma verdadeira família aos olhos de Deus, instituindo a obediência ao Pai como parâmetro determinante de pertencimento a ela: “Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mateus 12:50).

Para atingirmos, como igreja, a união perfeita, tão ansiada por Jesus antes de ser crucificado ¹⁷⁹(João 17: 20-23), certamente um dos meios seria tratarmos-nos uns aos outros como membros de uma família espiritual, na qual os homens e mulheres mais velhos são como nossos pais e mães, os jovens como irmãos e as moças como irmãs ¹⁸⁰(1 Timóteo 5:1-2).

Nossos irmãos e irmãs do primeiro século ¹⁸¹(Atos 2: 42-47) nos deixaram um belíssimo exemplo prático do espírito e coração que devem impulsionar a construção de nossa família espiritual, para que o mundo todo seja convencido do amor do Pai em Cristo.

Uma família funcional é caracterizada pela amizade entre seus membros, fruto do verdadeiro amor que se materializa na abertura de coração, compartilhamento de vida e servidão diária, que efetivamente supre as diferentes necessidades da família. Jesus deixa clara essa amizade em João 15:15: “Já não os chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz. Em vez disso, eu os tenho chamado amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido”.

4.5. A Igreja como Corpo

Essencialmente desenvolvida nos escritos paulinos, a metáfora da igreja como a estrutura física de um ser humano equaliza os cristãos aos membros de um corpo, numa relação precisa de interdependência entre o aspecto da unidade e o da diversidade.

¹⁷⁹ **Jo 17:20-23:** “Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste.”

¹⁸⁰ **1 Tm 5:1-2:** Não repreenda asperamente ao homem idoso, mas exorte-o como se ele fosse seu pai; trate os jovens como a irmãos; as mulheres idosas, como a mães; e as moças, como a irmãs, com toda a pureza.

¹⁸¹ **Atos 2:42-47:** Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.

Considerando todas as barreiras socioeconômicas, políticas e culturais que Jesus derribou com o preço de seu amor por nós, não deve haver, sob hipótese alguma, em nossa união e interação como membros de um mesmo corpo, espaço para aceitação de pessoas e partidarismo ¹⁸²(1 Coríntios 12:12-13), autossuficiência e falta de pertencimento coletivo ¹⁸³(1 Coríntios 12:14-20), independência e soberba ¹⁸⁴(1 Coríntios 12:21-26; Romanos 12:3-4). Tampouco devemos entregar o nosso corpo a práticas de imoralidade sexual ¹⁸⁵(1 Coríntios 6:15-16), visto que agora estamos unidos a Cristo. Ao mesmo tempo, somos dotados de particularidades – dons única e exclusivamente dados por Deus ¹⁸⁶(Romanos 12:6-8) – que nunca atingirão seu propósito pleno se não forem postas em prática e exercidas para a glória do próprio Deus ¹⁸⁷(João 15:8). Sim, é uma diversidade uniformizadora, pois cada parte, por mais distinta que seja, tem o mesmo objetivo em comum: servir e honrar a Cristo.

Vale destacar uma diferenciação no campo metafórico referente a Cristo como a cabeça do corpo. Por um lado, como Grudem ¹⁸⁸bem elucida, Cristo é a cabeça e a igreja

¹⁸² **1 Co 12:12-13:** Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.

¹⁸³ **1 Co 12:14-20:** O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: "Porque não sou mão, não pertencerei ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: "Porque não sou olho, não pertencerei ao corpo", nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo.

¹⁸⁴ **1 Co 12:21-26:** O olho não pode dizer à mão: "Não preciso de você!" Nem a cabeça pode dizer aos pés: "Não preciso de vocês!" Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são indispensáveis, e os membros que pensamos serem menos honrosos, tratamos com especial honra. E os membros que em nós são indecorosos são tratados com decoro especial, enquanto os que em nós são decorosos não precisam ser tratados de maneira especial. Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. **Rm 12:3-4:** Pois pela graça que me foi dada digo a todos vocês: ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, pelo contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu. Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função.

¹⁸⁵ **1 Co 6:15-16:** Vocês não sabem que os seus corpos são membros de Cristo? Tomarei eu os membros de Cristo e os unirei a uma prostituta? De modo nenhum! Vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta é um corpo com ela? Pois, como está escrito: "Os dois serão uma só carne".

¹⁸⁶ **Rm 12:6-8:** Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria".

¹⁸⁷ **Jo 15:8:** Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos.

¹⁸⁸ Grudem, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, pág. 720.

é o corpo, distinta da cabeça ¹⁸⁹(Efésios 1:22-23, 4:15-16, 5:23; Colossenses 1:18 e 2:19). Aqui torna-se vital o princípio de que todo o corpo está ligado à Cabeça, que é Cristo, a partir do qual somos edificados na fé e somos ajustados por meio dos “ligamentos” e “juntas” (relacionamentos espirituais e de discipulado entre cristãos), na busca de nossa total unidade. Essas passagens reforçam também a ideia de unidade entre Cristo e a igreja, que se constitui no cumprimento de sua promessa: “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28:20).

Por outro lado, em 1 Coríntios 12:12-27, Paulo aplica uma figura de linguagem corporal em que Cristo não é representado como a cabeça conectada ao corpo, uma vez que alguns membros são individualmente parte da cabeça, tais como o "olho", o "ouvido" e o sentido "olfato", que sugere o nariz. Segundo Grudem, “Cristo é nessa metáfora o Senhor que está ‘fora’ do corpo que representa a igreja, aquele a quem a igreja serve e adora”.

De todo modo, a metáfora da igreja como um corpo de Cristo é de grande valia para encorajar-nos a aprofundar nosso entendimento de que Jesus é o único capaz de manter unidade e orientar sua igreja, crescer em nossa dependência recíproca e aumentar o nosso apreço pela resplandecente diversidade de dons no corpo.

4.6. A Igreja como Noiva

Expressão metafórica de longa data, que adorna até mesmo os manuscritos do Antigo Testamento ¹⁹⁰(Isaías 62:5), a imagem da igreja como uma noiva é estimada porque nos mostra o anseio profundamente íntimo de Deus de estabelecer uma aliança singular com a igreja (veja o estudo anterior sobre as alianças entre Deus e a igreja). Quando questionado sobre o porquê seus discípulos não jejuavam, Jesus diz: "Como podem os convidados do noivo ficar de luto enquanto o noivo está com eles? Virão dias quando o noivo lhes será tirado; então jejuarão." (Mateus 9:15). Ainda que os discípulos

¹⁸⁹ **Ef 1:22-23, 4:15-16, 5:23:** Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou como cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância. [...] Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função. [...] Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. **Cl 1:18, 2:19:** Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja: é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. [...] Trata-se de alguém que não está unido à Cabeça, a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus.

¹⁹⁰ **Is 62:5:** Assim como um jovem se casa com sua noiva, os seus filhos se casarão com você; assim como o noivo se regozija por sua noiva, assim o seu Deus se regozija por você.

sejam mencionados como “convidados” e não noiva, Jesus não tarda em aplicar sobre si a figura metafórica de um noivo. Seu primo, João Batista, também o reconhece como o noivo, a quem a noiva, dessa vez a igreja, pertence. Não apenas isso, mas o “amigo do noivo” atinge sua plena alegria à medida que Cristo ganha eminência ao ser revelado para o mundo ¹⁹¹(João 3:29). Além disso, o livro de Apocalipse anuncia a concretização do casamento de Cristo, o Cordeiro, com a igreja. Ela estará adornada de linho fino, brilhante e puro que “são os atos justos dos santos” (Apocalipse 19:6-9).

Paulo compreendia tão bem essa promessa de elo “matrimonial” entre Cristo e a igreja que, ao exprimir seu intenso zelo pela igreja de Corinto, disse: “[...] Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como uma virgem pura” (2 Coríntios 11:2b). Se isso não bastasse, Paulo extrai de suas reflexões sobre o amor ágape de Cristo pela igreja os princípios práticos, inspiradores e desafiantes que usa para instruir os casados na igreja de Éfeso (Efésios 5:22-33). E nos dias de hoje, os casamentos cristãos têm refletido o mesmo respeito, cuidado e amor que Jesus demonstrou pela igreja?

Seguindo essa ideia, Paulo usa a ilustração do casamento ¹⁹²(Romanos 7:1-6) para demonstrar como nós morremos para a Lei e passamos a pertencer a Cristo. Antes de nos unirmos com Cristo, éramos controlados pela carne, com suas paixões pecaminosas, de forma que dávamos fruto para a morte. Mas agora nossa união com Cristo gera frutos de vida que glorificam a Deus.

Por fim, a ideia de que a igreja é a noiva de Cristo “deve incentivar-nos a lutar por mais pureza e santidade, e também para que cresça em nós o amor por Cristo e a submissão a ele”.¹⁹³

¹⁹¹ **Jo 3:29:** A noiva pertence ao noivo. O amigo que presta serviço ao noivo e que o atende e o ouve, enche-se de alegria quando ouve a voz do noivo. Esta é a minha alegria, que agora se completa.

¹⁹² **Rm 7:1-6:** Meus irmãos, falo a vocês como a pessoas que conhecem a lei. Acaso vocês não sabem que a lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto ele vive? Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não será adúltera. Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus. Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas despertadas pela lei atuavam em nossos corpos, de forma que dávamos fruto para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que antes nos prendia, fomos libertados da lei, para que sirvamos conforme o novo modo do Espírito, e não segundo a velha forma da lei escrita.

¹⁹³ Grudem, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, pág. 720.

4.7. A Igreja como Exército

Mesmo que a expressão “Senhor dos Exércitos”, conhecido epíteto de Deus, apareça inúmeras vezes no Antigo Testamento (80 só no livro de Jeremias!), e duas, no Novo Testamento ¹⁹⁴(Romanos 9:29; Tiago 5:4), cumpre esclarecer que em nenhum momento no período da nova aliança localizamos uma metáfora explícita descrevendo a igreja como um exército, tais como “Vocês são o exército do Senhor” ou “Levantem-se, ó tropas e falanges de Cristo!”. Jesus fala abertamente sobre legiões de anjos que poderiam estar à sua disposição ¹⁹⁵(Mateus 26:53) e sobre exércitos romanos rodeando Jerusalém ¹⁹⁶(Lucas 21:20), mas nunca se refere à igreja como um agrupamento militar. Vemos também que o livro de Apocalipse faz menções a exércitos ¹⁹⁷(Apocalipse 9:16, 19:19), mas por conta de sua linguagem particularmente figurada, encontramos num terreno muito escorregadio para firmar interpretações categóricas.

Na verdade, a mensagem do Novo Testamento deixa de lado o uso de armas para defender os propósitos de Deus ¹⁹⁸(Mateus 26:50-52) – o que certamente frustrou vários judeus, especialmente os zelotes, que aguardavam um Messias Militar para livrar o povo judeu da opressão e domínio romanos – e passa a explorar mais o sentido de uma guerra espiritual, que, por sinal, existe supostamente desde a criação do mundo.

Quem aborda e desenvolve esse tema de forma metafórica é o apóstolo Paulo. Sempre envolto de amigos, ele frequentemente se referia aos cristãos que o auxiliavam na propagação do Evangelho de Cristo como “companheiros de lutas” (Filemon 1:2; Filipenses 2:25). Durante seus momentos de sofrimento, encorajou Timóteo a suportá-los juntamente com ele como um “bom soldado de Cristo Jesus” (2 Timóteo 2:3) e, em orientações gerais ao jovem e fiel discípulo, a “combater o bom combate da fê” (1 Timóteo 6:12).

¹⁹⁴ **Rm 9:29:** Como anteriormente disse Isaías: "Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendentes, já estaríamos como Sodoma, e semelhantes a Gomorra". **Tg 5:4:** Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que por vocês foi retido com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

¹⁹⁵ **Mt 26:53:** Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?

¹⁹⁶ **Lc 21:20:** “Quando virem Jerusalém rodeada de exércitos, vocês saberão que a sua devastação está próxima.”

¹⁹⁷ **Ap 9:16, 19:19:** O número dos cavaleiros que compunham os exércitos era de duzentos milhões: eu ouvi o seu número. [...] Então vi a besta, os reis da terra e os seus exércitos reunidos para guerrear contra aquele que está montado no cavalo e contra o seu exército.

¹⁹⁸ **Mt 26:50-52:** Jesus perguntou: "Amigo, o que o traz?" Então os homens se aproximaram, agarraram Jesus e o prenderam. Um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha. Disse-lhe Jesus: "Guarda a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão."

Provido de uma capacidade ímpar de enxergar a realidade para além do mundo material, ele elabora a metáfora da “armadura de Deus”, a qual devemos vestir para ficarmos firmes contra “as ciladas do Diabo”, e declara assertivamente que nossa luta não é contra “seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Efésios 6:10-12). Desdobrando em ricos detalhes sua analogia metafórica, o apóstolo dos gentios associa cada adorno e arma da vestimenta militar a um aspecto essencial da vida cristã: “cinto da verdade”, “couraça da justiça”, “pés calçados com a prontidão do evangelho da paz”, “escudo da fê”, “capacete da salvação” e “espada do Espírito” (Efésios 6:14-17). Segundo Paulo, as armas com as quais lutamos não são humanas, mas, por virem de Deus, são poderosas para destruírem fortalezas. E, desvelando as significações práticas da metáfora, acrescenta: “Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2 Coríntios 10:3-5).

Verificamos, portanto, que a metáfora paulina dos cristãos como soldados da paz, é relevante para instigar os discípulos de Jesus a exercitarem a atenção/foco, a disciplina, a união, a dependência em Deus, o preparo para enfrentar uma guerra espiritual, como qualquer militar encararia o chamado para um combate internacional. A ênfase não está na violência, opressão, ou hierarquização de autoridade nos relacionamentos, mas num exercício espiritual que vise demonstrar e convencer as pessoas do amor incomparável do Filho de Deus pela humanidade.

A aplicação dessa metáfora não deve preceder às outras que acabamos de analisar, ou vice-versa. Muito pelo contrário, uma igreja saudável saberá extrair de todas as metáforas do Novo Testamento os princípios vivificantes que fortalecerão o seu entendimento sobre a(s) maneira(s) como o Deus Triúno a enxerga e a ama.

4.8. Nota sobre o Reino

Desde o início deste documento temos abordado a temática do Reino de Deus. O que foi falado até agora complementa e está em perfeita harmonia com os esclarecimentos que veremos nesse parágrafo. Tanto João Batista, como Jesus, iniciaram seus ministérios chamando as pessoas ao arrependimento por conta da aproximação do Reino de Deus (Mateus 3:2, 4:17)¹⁹⁹. A palavra “reino”, no grego, traz a ideia do domínio (território e

¹⁹⁹ **Mt 3:2, 4:17**: Ele dizia: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo". [...] Daí em diante Jesus começou a pregar: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo."

peças) sobre o qual um rei exerce seu poder. Diferentemente de autoridades humanas, o rei desse Reino, Jesus, não demonstra liderança motivado por ganância, ambições egoístas e materialismo, mas governa com amor, justiça, graça e verdade (João 1:14,17)²⁰⁰.

É revelador que Jesus e os apóstolos falaram do reino situando-o no passado, presente e futuro, de modo que a igreja do primeiro século não foi a primeira a fazer parte dele! O apóstolo Paulo lança mão desse pensamento quando diz aos colossenses que devemos dar graças ao Pai porque Ele nos tornou dignos de participar com os santos da herança no “reino da luz.” E acrescenta: “Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados.” (Colossenses 1:13-14). Desse modo, Jesus foi o instrumento mediante o qual Deus nos redimiu e nos dignificou para que herdássemos seu reino, tornando-nos co-herdeiros com Cristo (Romanos 8:17)²⁰¹. Ao confessarmos que Jesus é nosso Senhor, o Cristo, não somente reconhecemos que Ele é nosso Redentor, Libertador, Perdoador, mas também que Ele é nosso Rei, o Ungido (*Christos* ou *χριστός*, no grego), que nos guiará e governará sobre todas as áreas de nossas vidas.

Também é importante esclarecer que, ao referir-se aos cristãos como “reino e sacerdotes” (Apocalipse 1:6, 5:10)²⁰², a Bíblia está apontando para um dos elementos (o elemento humano - pessoas resgatadas por Cristo) participantes do Reino (ou domínio) de Deus, demonstrando a realização espiritual da expectativa de Deus expressa a Israel, por ocasião da Páscoa original: “vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:6).

Exatamente essas ideias de reino, sacerdócio e nação foram retomadas por Pedro (1 Pedro 2:9)²⁰³ e João (Apocalipse 1:6; 5:9-10)¹⁹⁹ no NT. Nesse sentido, o povo de Deus

²⁰⁰ **Jo 1:14,17:** Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. [...]. Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo.

²⁰¹ **Rm 8:17:** Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória.

²⁰² **Ap 1:6, 5:9-10:** e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai. A ele sejam glória e poder para todo o sempre! Amém. [...]. E eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”.

²⁰³ **1 Pe 2:9:** Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

é descrito como reino porque é formado por pessoas que participam do Reino de Deus e sobre as quais o Senhor Jesus reina.

2ª Parte

Perspectiva Histórica

*Aquilo que agora não alcança a perfeição alcançá-la-á numa futura tentativa, ou numa outra ainda; **nada do que a história capturou é efêmero** e volta a surgir de inúmeras metamorfoses, renovado em configurações cada vez mais ricas.*

(Friedrich Leopold Freiherr von Hardenberg – Novalis)

*Há uma **comunhão de santos** testemunhando o Cristo ressuscitado que alcança os confins do mundo e ainda mais longe. Ela envolve pessoas de muito tempo atrás e de muito longe. É essa imensa **comunidade de homens e mulheres** que por meio de palavras e ações proclamaram e estão proclamando o **Senhorio de Jesus**.*

(Henri Nouwen)

*O Espírito Santo conecta a nossa história com a **história eterna de Deus**.*

(Reframe – Regent College, Vancouver/Canadá)

Capítulo 1

Vinte Séculos de História – Uma síntese de 2000 anos de Cristianismo

1.1. A Igreja na Antiguidade: Dos primórdios (29 d.C.) até a Queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.)

O Cristianismo, nos seus primórdios, teve que interagir com as estruturas, religiões e culturas já estabelecidas no mundo antigo. As decisões e caminhos seguidos nesse período de formação da igreja por aqueles que deveriam ser sal e luz para o mundo (Mateus 5:13-14)²⁰⁴ se refletiram nas fases posteriores da história cristã até nossos dias.

1.1.1. Definição das relações da igreja com o Judaísmo, com o Império Romano e com a Filosofia na Antiguidade

A distinção com relação ao **Judaísmo**²⁰⁵ foi a primeira definição importante da comunidade cristã. O Judaísmo da palestina do primeiro século, assim como aquele praticado pelos judeus da diáspora²⁰⁶ em outras partes do mundo antigo (Egito, Ásia Menor e antigos territórios babilônicos – Atos 2:9-10²⁰⁷), trazia grandes diferenças comparado aos preceitos do Antigo Testamento. As práticas religiosas judaicas sofreram forte influência do helenismo²⁰⁸. O Judaísmo palestino guardava diferentes posturas

²⁰⁴ **Mateus 5:13-14:** Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

²⁰⁵ O **Judaísmo**, visto como movimento religioso, começou nos tempos do exílio babilônico e continuou mesmo depois do retorno de judeus à Palestina. Com a destruição do templo em Jerusalém (587 a.C.) e o exílio, os judeus voltaram-se para o estudo da Lei (*Torah*), abandonaram a idolatria, adotando definitivamente o monoteísmo como característica distintiva da religião, e criaram as sinagogas como local de ensino da *Torah* e de adoração (referiam-se à oração como o sacrifício do coração). Com isso, o papel do rabino se tornou mais importante que o do sacerdote. Mesmo com a reconstrução do templo, as sinagogas continuaram significativas, inclusive em Jerusalém (At 6:9), onde mantiveram atividades paralelas aos ritos do templo e influenciaram muito o Cristianismo primitivo.

²⁰⁶ **Diáspora** é a dispersão dos judeus no decorrer dos séculos, pelo mundo.

²⁰⁷ **Atos 2:9-10:** Partos, medos e elamitas: habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Canadácia. Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma.

²⁰⁸ **Helenismo** é a influência da cultura grega nas culturas antigas dos povos conquistados pelo império formado por Alexandre Magno (Alexandre, o Grande – 356 a.C. a 323 a.C.). Em Alexandria, por exemplo, entre os séculos III a.C. e I a.C., a Bíblia hebraica foi traduzida para o grego *Koiné* (forma popular do grego) pelos judeus egípcios da diáspora. Também no Egito o judeu helenista Filo de Alexandria (25 a.C. – 50 d.C.) trabalhou para combinar a filosofia grega com o Judaísmo, a exemplo do que muitos teólogos cristãos também tentaram fazer posteriormente.

religiosas e era dividido em partidos como os fariseus, os saduceus, os zelotes e os essênios. Muito rapidamente o evangelho de Deus para todos os povos (Mateus 28:19; Atos 2:39; Colossenses 3:11)²⁰⁹ se espalhou pelo mundo e o número de cristãos gentios sobrepujou o número de judeus convertidos, ficando patente a diferença do Cristianismo com relação a qualquer forma de Judaísmo. O culto cristão com sua liturgia e significado próprio se consolidou, não sendo meramente uma adaptação dos rituais existentes nas sinagogas.

As controvérsias e perseguições foram mais prolongadas na interação com a estrutura política. O **Império Romano** contribuiu para o Cristianismo ao oferecer unidade política e estradas de conexão entre regiões distantes. No entanto, essa unidade, ao mesmo tempo em que tolerava o sincretismo religioso, era baseada no culto ao imperador, não sendo complacente com religiões exclusivistas como o Cristianismo e o Judaísmo. Se os primeiros mártires cristãos vieram com a perseguição imposta por lideranças judaicas, muitos outros derramaram o sangue por causa de Cristo devido ao flagelo romano. As piores perseguições foram impostas por Nero (54-68)²¹⁰ e Domiciano²¹¹ (81-96), no primeiro século; Trajano (98-117), no século II; Sétimo Severo (193-211), Décio (249-251), Valeriano (253-260) e Diocleciano (283-305), no século III. Muitos boatos alimentavam as perseguições. Por exemplo, alguns diziam, de forma infundada, que várias formas de imoralidade eram praticadas nos cultos cristãos e que a doutrina não fazia sentido, sendo abraçada apenas por gente irracional. Entretanto, logo após a terrível perseguição decretada por Diocleciano e seus sucessores imediatos, Constantino (306-337)²¹² e Licínio (307-323) acabaram com esses séculos de perseguições aos cristãos, com a publicação do Edito de Milão (313).

²⁰⁹ **Mateus 28:19**: Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Atos 2:39** = Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe. Para todos quantos o Senhor, o nosso Deus chamar. **Colossenses 3:11** = Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos.

²¹⁰ Esses conjuntos de datas retratam o período em que o imperador esteve no poder.

²¹¹ Na época de Domiciano, João, exilado na ilha de Patmos, escreveu o livro de Apocalipse. Domiciano imprimiu uma das mais terríveis perseguições contra a igreja.

²¹² **Constantino** e **Licínio** foram coimperadores romanos, até que Constantino unificou o trono ao vencer as forças de Licínio na Batalha de Crisópolis (324 d.C.).

Nos campos filosófico e religioso, especialmente as ideias clássicas de **Platão**²¹³ e as doutrinas do **estoicismo**²¹⁴ eram pungentes. Além disso, o **gnosticismo** tinha muitos adeptos, e se referia a um conjunto complexo de ideias e escolas na Antiguidade, muitas vezes divergentes entre si, mas que guardavam características comuns. Duas dessas características principais eram: a concepção do mundo material como algo mau (de modo que a salvação consistia em se libertar da matéria) e a ideia de que essa salvação era obtida por meio da *gnosis* (conhecimento especial alcançado por mérito de algumas pessoas mais talentosas, que ascendiam ao mundo espiritual, libertando a porção divina existente dentro de cada ser humano). Essas ideias iam de encontro a vários princípios cristãos: negavam a criação como obra de Deus, a encarnação de Jesus²¹⁵ e a ressurreição final dos cristãos com corpos eternos. Com alguma influência gnóstica, a igreja enfrentou bem cedo a heresia de **Marcião** (85-160), que, negando a possibilidade de um Deus bom fazer o mundo material essencialmente mau, considerava o Deus do Antigo Testamento (vingativo e cruel, segundo Marcião²¹⁶) um ser inferior que não era Pai do Senhor Jesus Cristo (para Marcião o verdadeiro e supremo Deus que ama e perdoa). Ao contrário dos gnósticos, que não fundaram igrejas, este herege fundou a igreja marcionista. Para firmar a doutrina dos apóstolos e repudiar ideias falsas como a dos gnósticos e de Marcião, surgiu o **Credo Apostólico**²¹⁷. Outra forma encontrada pela igreja para combater heresias e proteger o rebanho foi por meio do estabelecimento das sucessões ininterruptas de líderes nas principais igrejas, remontando aos apóstolos. Essa é a origem da “**sucessão apostólica**”, cujo sentido original foi modificado posteriormente para sustentar a

²¹³ Em linhas gerais, falava da imortalidade e da transmigração (ao morrer o corpo, a alma transmigra para outro corpo, que pode ser humano ou de algum animal) das almas e do mundo das ideias (perfeito, racional, puro, invisível) em contraste com o mundo físico (das aparências, das formas).

²¹⁴ Em linhas gerais, pregava valores morais elevados, a extirpação das paixões e a resignação ao destino para se atingir a sabedoria e a verdadeira felicidade. Segundo o estoicismo "a virtude é suficiente para a felicidade".

²¹⁵ A doutrina de que Jesus não tinha corpo humano verdadeiro é chamada de **Docetismo**.

²¹⁶ Por repudiar o Antigo Testamento, **Marcião** fez a **primeira lista de livros do Novo Testamento** de que se tem registro (embora bem diferente da lista final do cânon neotestamentário). Heresias como esta mostraram a urgência da definição clara do cânon bíblico para a igreja antiga.

²¹⁷ O **Credo dos Apóstolos** em sua forma mais definitiva: “Creio em Deus Pai Todo-poderoso. E em Jesus Cristo seu único Filho, nosso Senhor, que nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos e foi sepultado; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo; na santa Igreja; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo”.

transmissão da autoridade apostólica e justificar a primazia do bispo de Roma, na tradição católica romana²¹⁸.

1.1.2. Os Pais da Igreja (Séculos II e III)

Para responder a todas essas frentes e definir a própria natureza do Cristianismo, a igreja procurou aprofundar seu pensamento e suas convicções, a partir do ensino dos apóstolos. Assim, temos hoje vários escritos dos chamados pais da igreja, tradicionalmente divididos em pais apostólicos, apologistas e grandes teólogos antigos.

Os **pais apostólicos** são alguns bispos do final do primeiro século e do início do segundo século que tiveram contato direto com os apóstolos de Jesus ou que foram citados por eles. Foram homens que escreveram para a edificação da igreja sob grande influência apostólica, como por exemplo: Clemente de Roma (35-100), Inácio de Antioquia (35-108), Papias (70-163) e Policarpo (69-155). Os **apologistas** vieram logo após, ainda no segundo século, escrevendo para desmentir boatos anticristãos, defender o Cristianismo perante os ataques do Império Romano e, especialmente, esclarecer o relacionamento entre a fé cristã e a cultura greco-romana. Os mais proeminentes entre eles foram: Justino²¹⁹ – o mártir (100-165), Teófilo (?-186) e Aristides (século II).

Os **primeiros grandes teólogos da fé**, como Irineu (130-202), Tertuliano (160-220), Cipriano (200-258), Clemente de Alexandria (150-215) e Orígenes (185-253), surgiram no fim do segundo e ao longo do terceiro século. Tertuliano, por exemplo, foi o primeiro que empregou a fórmula “uma só substância, três pessoas”, referindo-se à Trindade.

O ato central do culto cristão durante este período foi a **ceia do Senhor**. Inicialmente era uma celebração jubilosa, feita com uma ceia completa aos domingos, para comemorar a ressurreição de Jesus e antegozar a sua segunda vinda e a eternidade

²¹⁸ No segundo século, o modelo de liderança plural (presbíteros ou bispos) encontrado no Novo Testamento cedeu espaço para a forma episcopal de governo nas igrejas, com a prevalência de um bispo, destacado e com papel diferente dos presbíteros. Com o tempo, o papel dos bispos tornou-se cada vez mais destacado, com um determinado bispo tendo autoridade institucional sobre uma região e sobre outros bispos, culminando na constituição de um bispo (de Roma) sobre todos os outros bispos.

²¹⁹ **Justino** apresentou no segundo século, com base no evangelho de João, o argumento do *Logos*, o verbo de Deus, que ilumina a todos que vêm ao mundo. Assim, pode-se entender e aceitar a existência de aspectos valorosos em qualquer cultura e filosofia, pois “toda verdade é verdade de Deus”, já que o Logos (Cristo) é fonte de toda a verdade. Este argumento tem tido forte impacto na teologia cristã e ajudado muitos cristãos a se relacionarem com a cultura ao seu redor.

com Deus (banquete celestial). Posteriormente a ceia foi limitada aos elementos pão e vinho.

1.1.3. De igreja perseguida a religião oficial do Império

A “conversão”²²⁰ do Imperador **Constantino** foi um marco importante na história do Cristianismo. Até essa data, a igreja era perseguida e, em sua maioria, formada por gente simples, pessoas, no geral, consideradas ignorantes e desprezíveis pela classe mais influente; embora pessoas de todas as representações da estrutura social participassem da igreja. Após esse evento, um número cada vez maior de membros da Aristocracia foi atraído para a igreja que, em pouco tempo, tornou-se a religião oficial do Império. Juridicamente, com o **Edito de Milão** (313), Constantino garantiu a liberdade de se adorar qualquer deus (o lema era: um Deus no Céu, um Imperador na Terra) e, com o **Edito de Tessalônica** (380), o Imperador Teodósio I tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano, consolidando o processo iniciado por Constantino no início do quarto século. Constantino e sua mãe também iniciaram a construção de vários templos cristãos, com arquitetura própria²²¹. Nesse novo cenário, algumas práticas inspiradas na corte e nos costumes aristocráticos alteraram substancialmente a liturgia do culto cristão.

As reações a essas mudanças foram variadas. Por um lado, houve bastante pressão dos adeptos das religiões pagãs que perderam poder e influência naquele período. Por outro lado, os cristãos tiveram comportamentos diversos. Alguns ficaram tão entorpecidos de alegria e gratidão com o fim das perseguições que não conseguiram avaliar o governo, a sociedade e a nova conjuntura de forma equilibrada, a partir de uma crítica saudável.

Outros não conseguiram lidar com os efeitos temporais do Império trazidos pelas abruptas mudanças e se refugiaram nos desertos, dedicando-se à vida monástica²²². Com este impulso, um novo tipo de monasticismo surgiu, pois os monges (palavra que significa

²²⁰ O Imperador **Constantino** recebeu o batismo apenas quando estava em seu leito de morte e jamais renunciou ao título de sumo sacerdote da religião pagã tradicional.

²²¹ As **basílicas** romanas eram adaptações das ágoras colonadas gregas e tornaram-se modelos para os templos cristãos a partir da influência do Imperador Constantino.

²²² O **monasticismo** já havia surgido antes de Constantino, especialmente devido às perseguições, mas essas condições criadas pela “estatização” da igreja no quarto século impulsionaram sobremaneira o ideal monástico. Num sentido, naquela época o Cristianismo heroico dos mártires foi sendo substituído pelo Cristianismo heroico dos ascetas (aqueles que optam por uma vida de refúgio, renúncia e contemplação). Alguns nomes do monasticismo são: Paulo de Alexandria, Antônio (Antão), Pacômio, Jerônimo e Basílio, o Grande.

“solitários”) passaram a formar comunidades (mosteiros ou cenobíticas²²³) para compartilharem recursos e ensinamentos. Apesar das distorções conhecidas, o movimento monástico contribuiu significativamente para a construção e preservação de práticas espirituais que contribuíram para a edificação espiritual da Igreja ao longo dos séculos. Santo Antão (251-356), que faleceu aos 106 anos e é considerado o pai dos monges, ilustra essa contribuição com sua trajetória: filho de camponeses egípcios, deixou tudo aos dezoito anos atendendo ao que para ele foi um chamado de Cristo, dedicando-se à obediência às Escrituras e à prática das disciplinas espirituais, e considerado pela comunidade à sua volta como “um autêntico homem sadio, íntegro de corpo, mente e alma”²²⁴.

Outra reação observada na história foi o rompimento com a igreja majoritária por parte de alguns grupos que se autodefiniam como **a igreja verdadeira**²²⁵. Isso aconteceu por exemplo com os **donatistas** (grupo que tinha Donato como um de seus líderes mais influentes).

1.1.4. Outros pais influentes na igreja (séculos IV e V)

Os mais destacados personagens do Cristianismo nessa fase foram aqueles que adotaram uma posição intermediária, continuando a viver em sociedade (nas cidades), mas com uma postura crítica²²⁶ equilibrada. Sem perseguição generalizada e com atitude crítica, surgiram grandes mestres e influentes obras (tratados teológicos, obras de espiritualidade e a primeira história da igreja). **Atanásio de Alexandria** (296-373) trabalhou para refutar o Arianismo e firmar o entendimento sobre a natureza de Deus obtido no Concílio de Niceia (325). A obra de Atanásio foi continuada pelos capadóci - **Basílio de Cesareia** (330-379), seu irmão **Gregório de Nissa** (335-394) e o amigo deles **Gregório de Nazianzo** (329-390), auxiliados por **Macrina** (324-379), irmã de Basílio e Gregório, que os influenciou fortemente contribuindo com toda a igreja. Os capadóci esclareceram mais a doutrina da Trindade, abrindo caminho para sua aceitação definitiva

²²³ Este foi o início do **monasticismo cenobítico** (em comunidade) cristão.

²²⁴ NOUWEN, Henri. **O caminho do coração**. Editora Vozes, 3ª Ed, p. 18.

²²⁵ Reações desse tipo não são incomuns ao longo de toda a trajetória da igreja cristã.

²²⁶ No Novo Testamento as palavras *dokimazo*, *anakrino* e *kritikos* carregam consigo a ideia de “**atitude crítica**” e significam: testar, julgar, discernir, examinar, inquirir, escrutinar, avaliar, etc., com a finalidade de se encontrar a verdade. Por exemplo, o termo aparece nas passagens seguintes: “mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom” (1 Ts. 5:21) e “Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo” (1 Jo 4:1).

no Concílio de Constantinopla (381). **Ambrósio de Milão** (337-397) foi um alto funcionário do Império e tornou-se posteriormente bispo de Milão. Sua pregação contribuiu para a conversão de Agostinho. **João Crisóstomo** (347-407) foi patriarca de Constantinopla e um dos mais famosos pregadores de todos os tempos. **Agostinho** (354-430) converteu-se em Milão, depois de ser maniqueísta (doutrina dualista parecida com o gnosticismo) e neoplatônico, e se tornou bispo de Hipona, sua cidade natal na África. Escreveu sobre a doutrina da igreja (para combater o donatismo), sobre graça e predestinação (contra o pelagianismo), além de suas obras mais famosas *A Cidade de Deus* e *Confissões*. Além desses, **Jerônimo** (347-420) foi um erudito clássico que se tornou monge e traduziu a Bíblia para o latim (Vulgata, a Bíblia usada no Ocidente durante a Idade Média).

1.1.5. Os quatro Concílios Ecumênicos da Antiguidade (Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia)

Os primeiros seis concílios ecumênicos da igreja (quatro deles aconteceram na Idade Antiga) ocuparam-se especialmente com a questão da natureza de Jesus (Cristologia) e de Deus. A controvérsia mais forte enfrentada pela igreja na Antiguidade foi com o **Arianismo**. Ário foi presbítero em Alexandria e afirmava que Jesus não era o próprio Deus, mas a primeira de todas as criaturas (Verbo) que se encarnou em Cristo. Diante da controvérsia, Constantino convocou, em 325, em **Niceia**, o **Primeiro Concílio Ecumênico** de todos os bispos. Naquele encontro o arianismo foi condenado e as conclusões dos bispos sintetizadas no Credo de Niceia²²⁷.

As dúvidas relacionadas às naturezas do Pai e do Filho, no entanto, ainda permaneceram em certa medida e foram alimentadas por questões políticas. Atanásio e os capadócijs deram uma contribuição teológica fundamental para o esclarecimento do assunto. Em 381, Teodósio I convocou para a cidade de **Constantinopla** o **Segundo Concílio Ecumênico**, que condenou definitivamente o arianismo e confirmou a doutrina

²²⁷ Texto do **Credo de Niceia**: “Creio em um Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai; pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne pelo Espírito Santo da Virgem Maria, e foi feito homem; e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos. Ele padeceu e foi sepultado; e no terceiro dia ressuscitou conforme as Escrituras; e subiu ao céu e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas. Creio na Igreja una, universal e apostólica, reconheço um só batismo para remissão dos pecados; e aguardo a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro”.

da Trindade. O arianismo, porém, já havia se espalhado consideravelmente, até mesmo para além das fronteiras do Império Romano. Quando os “bárbaros” invadiram os domínios do império trouxeram consigo as influências de Ário. Nesse concílio também se repudiou a explicação dada por **Apolinário** de que o Verbo divino (Logos) ocupava em Jesus o lugar da razão.

O **Terceiro Concílio Ecumênico** foi realizado em **Éfeso**, em 431. Ali foi debatida e condenada a posição de **Nestório**²²⁸, de que em Cristo existem duas naturezas e duas pessoas (humana e divina). O **Quarto Concílio Ecumênico** reuniu-se em **Calcedônia**, em 451. O tema principal era a doutrina do **monofisismo**, segundo a qual há em Cristo apenas a natureza divina, sendo a humana absorvida pela divindade. Essa concepção não foi aceita e firmou-se a doutrina de que em Cristo há duas naturezas unidas numa só pessoa, que é a doutrina²²⁹ aceita pela maioria das igrejas até hoje.

1.1.6. O fim da Idade Antiga

O imperador Teodósio estabeleceu, em 395, a divisão definitiva entre o **Império Romano do Ocidente**, com capital em **Roma**, e **Império Romano do Oriente** (ou **Império Bizantino**), com capital em **Constantinopla**. Os povos germânicos, chamados de “bárbaros” pelos romanos, invadiram os domínios ocidentais do Império no século V. Em 410, os godos saquearam Roma e em 476 (data que marca o fim da Antiguidade), Rômulo Augústulo, o último imperador do Ocidente, foi deposto.

No Oriente, no entanto, o Império persistiu por cerca de mais de mil anos, até 1453, quando Constantinopla foi tomada pelos turcos. Esse período marca os limites da Idade Média.

1.2. A Igreja na Idade Média: Da Queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) à Queda do Império Romano do Oriente (1.453 d.C.)

As invasões bárbaras afetaram mais a igreja de fala latina (ocidental) do que a de fala grega (oriental). Um período de caos se instalou no ocidente latino, trazendo dor, morte e desordem. Com isso, o culto cristão passou cada vez mais a enfatizar a morte, o pecado e a necessidade de arrependimento, e cada vez menos a ressurreição, a vitória do

²²⁸ Mesmo não aceitas nos concílios da igreja, doutrinas divergentes se espalharam fazendo surgir várias igrejas dissidentes ou independentes. Até hoje existem igrejas “nestorianas” (espalharam-se na Idade Média pela Pérsia, Arábia, Índia e China) e “monofisistas” (espalharam-se pela Armênia, Etiópia, Egito e Síria). A igreja Copta é monofisista, por exemplo.

²²⁹ Essa é a doutrina Cristológica defendida pela família de igrejas ICI (Igrejas de Cristo Internacionais).

Senhor Jesus e a esperança eterna do cristão. Grande parte da cultura clássica da Antiguidade desapareceu e a igreja foi a única instituição que conservou uma parte dela. Em meio ao caos, o papado e a monarquia se fortaleceram por certo tempo.

1.2.1. Duas colunas da igreja na baixa Idade Média

A igreja tornou-se cada vez mais influente durante esse período, firmando-se em duas colunas: o **monasticismo** e o **papado**. **Benedito de Núrsia** (480-547) fundou a comunidade de Monte Cassino, em 529, criando uma série de normas (**Regra de São Bento**) que serviu de modelo para o monasticismo ocidental. Esse regulamento tinha por princípios o trabalho físico e os votos de obediência, castidade, pobreza e permanência, além da disciplina contemplativa baseada em leituras e orações. Demonstrando grande adaptabilidade em diferentes circunstâncias, o monasticismo beneditino cresceu rapidamente no Ocidente europeu, e os monges serviram em variados ofícios (eram professores, copistas, farmacêuticos, agricultores, missionários, etc.).

O papado também cresceu em prestígio e poder nessa época, pois proporcionava um pouco de estabilidade diante da realidade caótica. Podemos citar Leão, o Grande (440-461) e Gregório Magno (590-604) como exemplos de papas de grande influência nesse período. No ano 800, o papa Leão III chegou a coroar **Carlos Magno**, rei dos francos, como Imperador, em uma tentativa de restaurar o antigo Império Romano do Ocidente, demonstrando a influência do papado e sua relação com a monarquia. Esse período ficou conhecido como **Renascença Carolíngia**²³⁰. Mas, após isso, o papado entrou em decadência e foi manipulado por famílias romanas poderosas. A crise econômica, proporcionada principalmente pelas conquistas muçulmanas que interromperam rotas de comércio, levou à fragmentação política e ao **feudalismo**²³¹. Houve épocas em que existiram mais de um suposto papa e até um menino de quinze anos chegou a ser papa. Essa fase só foi superada com Hildebrando (1020-1085), que adotou o nome de Gregório VII (exerceu o pontificado de 1073 até 1085).

²³⁰ Foi nesse período que o monge beneditino Alcuíno criou um projeto de desenvolvimento escolar que buscou reviver o saber clássico, estabelecendo os programas de estudo a partir das sete artes liberais: o **trivium**, ou ensino literário (gramática, retórica e dialética) e o **quadriúvium**, ou ensino científico (aritmética, geometria, astronomia e música).

²³¹ Com a decadência do Império Romano, houve a fragmentação do poder político e o surgimento de diversos centros de organização econômica, social, cultural e política, baseados em contratos servis (entre senhores ou suseranos e vassallos). Esse sistema predominou na Europa ocidental durante a Idade Média e foi chamado de **Feudalismo** por se organizar em torno dos feudos (grandes propriedades rurais com castelo fortificado, aldeias, florestas e campos, de propriedade de um senhor feudal).

1.2.2. A igreja no Oriente e os concílios ecumênicos de Constantinopla (II e III) e Niceia (II)

No Império Romano do Oriente (Império Bizantino) o estado era mais poderoso que a igreja, e a literatura e as ciências da Antiguidade foram mais cultivadas. Nesse ambiente, floresceram importantes controvérsias teológicas discutidas em três concílios, dois deles tratando ainda das questões cristológicas e um lidando com a questão das imagens.

O **Quinto Concílio Ecumênico (Constantinopla II – 553)**, convocado pelo imperador bizantino Justiniano I, condenou os chamados “Três Capítulos”, três autores (Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto e Ibas de Edessa) cujas obras de fundo nestoriano tornaram-se influentes na igreja. O **Sexto Concílio Ecumênico (Constantinopla III – 680/681)** condenou o **monotelismo** (doutrina segundo a qual existe em Cristo uma só vontade) e afirmou que Jesus tinha duas naturezas e duas vontades (divina e humana). O **Sétimo Concílio Ecumênico (Niceia II – 787)** tratou da questão das imagens, última grande controvérsia debatida no âmbito de um concílio ecumênico, ou seja, antes do cisma entre a igreja católica (Ocidente) e a igreja ortodoxa (Oriente). Vários imperadores haviam promulgado editos contra o uso de imagens de santos, mas o povo, especialmente os monges, insistiam em seu uso. A decisão do concílio foi que a adoração em sentido estrito (*latria*) é devida somente a Deus, porém as imagens poderiam receber veneração (*dulia*).

O interesse político dos imperadores foi uma das principais razões para a existência dos vários concílios da igreja. A igreja precisava lidar com suas controvérsias e resolvê-las, mas uma das principais motivações para a convocação dos concílios, nos quais se elaboravam fórmulas que todos pudessem aceitar ou se submeter, foi o interesse político dos imperadores, que desejavam a unidade de pensamento para que houvesse apoio aos projetos imperiais.

1.2.3. O surgimento do Islamismo

Em torno do ano 610, **Maomé** inicia sua carreira religiosa. Em 622 ocorreu a fuga para Medina, data a partir da qual os muçulmanos contam os anos. O Islamismo cresceu rapidamente, conquistou o império Persa e chegou às fronteiras da Índia. Regiões com cidades historicamente importantes para o Cristianismo (Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Cartago, etc.), caíram sob o domínio muçulmano. O Cristianismo que até então havia atuado no eixo leste-oeste (ao longo do Mar Mediterrâneo), passou a atuar no

eixo norte-sul (do reino dos francos até Roma). Com isso, a capital do Império Bizantino, Constantinopla, ficou cada vez mais restrita em sua influência. Ainda assim, o Cristianismo bizantino alcançou a Rússia por volta do ano 950.

1.2.4. As reformas da Igreja no Ocidente e o cisma entre a Igreja Católica (Occidental) e a Igreja Ortodoxa (Oriental)

Nos séculos X e XI, a igreja havia declinado profundamente em suas práticas espirituais, além de ter perdido muito de seu poder temporal como instituição. Muitos clamavam por uma reforma e esta veio das fileiras do monasticismo. Eventos como a criação²³² da **Ordem de Cluny** (910) e da **Ordem de Cister** (1098) foram importantes nesse processo. A reforma cisterciense contou com a notável figura de **Bernardo de Claraval** (1090-1153). O ideal de alguns desses reformadores era trazer a regra dos mosteiros para toda a igreja ou, pelo menos, para sua hierarquia.

Logo esses personagens monásticos chegaram ao poder com uma série de papas reformadores. O primeiro grande reformador desse período foi **Leão IX** (1049-1054), que, com mudanças intransigentes, definiu o rompimento com Constantinopla. As relações entre as igrejas do Oriente (Constantinopla) e do Ocidente (Roma) ficaram cada vez mais tensas, culminando no rompimento definitivo em 1054, com a mútua excomunhão entre o patriarca Miguel Cerulário e o papa Leão IX. Oficializou-se, assim, a distância que há muito existia, separando-se a **Igreja Ortodoxa** ou **Igreja Católica do Oriente**, com sede em **Constantinopla**, e a **Igreja Católica Apostólica Romana**, sediada em **Roma**. O auge dessas reformas veio com **Gregório VII** (1073-1085), que insistia no celibato eclesiástico e condenou a **simonia**²³³ (compra e venda de cargos eclesiásticos). Em meio a isso, houve muitos conflitos entre autoridades seculares e eclesiásticas, especialmente entre papas e imperadores.

1.2.5. O domínio muçulmano e as Cruzadas

Os muçulmanos haviam dominado muitas regiões outrora de predominância cristã. Depois de cinco séculos sob domínio islâmico, papas e imperadores cristãos

²³² **Cluny** e **Cister** são ordens de tradição beneditina e foram criadas na região da Borgonha, França. As reformas cluníacas procuraram restaurar a **Regra de São Bento** e influenciaram grandemente os séculos posteriores. Com o relaxamento do compromisso de Cluny, quase duzentos anos depois surgiu a Ordem de Cister, com o mesmo propósito reformador.

²³³ De forma geral, o termo **simonia** refere-se a todo e qualquer tipo de comércio ou tráfico de coisas sagradas ou espirituais (sacramentos, indulgências, benefícios eclesiásticos, etc) e relaciona-se com a passagem bíblica de **Atos 8**, na qual **Simão**, o mago, tenta comprar dos apóstolos o poder para realizar milagres.

organizaram expedições militares com o propósito de derrotar os muçulmanos e retomar a posse dessas terras, especialmente Jerusalém e a Terra Santa. A motivação era tanto religiosa quanto econômica e política.

As cruzadas começaram em 1095 e duraram mais de dois séculos. A **primeira cruzada** foi proclamada pelo papa Urbano II e estimulada pelas pregações de Pedro, o Eremita, que iniciou um movimento precursor da primeira cruzada chamado de **cruzada popular**. Vários contingentes militares seguiram em direção à Terra Santa e tomaram Jerusalém em 1099, iniciando o **Reino Latino de Jerusalém**, que durou até 1187. A **segunda cruzada**, estimulada pelas pregações de Bernardo de Claraval, aconteceu em 1144 quando os turcos tomaram a cidade de Edessa, mas não teve êxitos militares. A **terceira cruzada** teve início com a notícia da retomada de Jerusalém pelos muçulmanos (1187) e teve a participação do Imperador Frederico I ou Frederico Barba Ruiva (Império Romano-Germânico), do rei Filipe II ou Filipe Augusto (França) e do rei Ricardo Coração de Leão (Inglaterra). Essa cruzada conquistou a fortaleza de Acre e Ricardo conseguiu permissão do sultão Saladino para peregrinações a Jerusalém. A **quarta cruzada**, ao invés de atacar os muçulmanos, tomou e saqueou Constantinopla, estabelecendo o **Império Latino de Constantinopla** (1204-1261) e enfraquecendo ainda mais o Império Bizantino. A **quinta cruzada** atacou o Egito e tomou o porto de Damietta, recuperado dois anos mais tarde. A **sexta e a sétima cruzadas** foram conduzidas por Luís IX (França) sem grandes resultados.

Também nesse período, os mouros, que ocupavam a Península Ibérica desde 711, foram expulsos. No fim do século XIII, os mouros estavam apenas no reino de Granada, permanecendo ali até 1492.

As cruzadas promoveram a ascensão das **ordens monásticas militares** (como a dos Templários, dos Hospitalários e dos Teutônicos) e estimularam o comércio, a vida intelectual e a devoção da época. Com o impulso do comércio, a população das cidades aumentou e o dinheiro, quase inexistente durante parte da Baixa Idade Média, voltou a circular. Surgiu a classe dos **burgueses**, que eram os habitantes das cidades (burgos) que se dedicavam ao comércio e, posteriormente, à indústria.

1.2.6. Novas ordens monásticas e a Teologia Escolástica

Algumas outras ordens monásticas surgiram no final do século XII e início do século XIII. **Pedro Valdo** (1140-1205), repudiado pelas autoridades eclesíásticas, fundou a ordem dos valdenses. **Francisco de Assis** (1182-1226), filho de um comerciante,

renunciou aos confortos e fundou a ordem dos franciscanos, apoiada pelo papa Inocêncio III, e com um ramo feminino (as clarissas). **Domingos de Gusmão** (1170-1221) iniciou a ordem dos dominicanos ou ordem dos pregadores, pois seus monges dedicavam-se aos estudos para refutar os hereges. Essas duas últimas ordens cresceram rapidamente atingindo judeus e muçulmanos. Tiveram também grande influência nas universidades²³⁴, que surgiram naquela época, sendo os principais expositores da **teologia escolástica**.

Ao longo da Idade Média desenvolveram-se duas **teologias**: a **monástica** e a **escolástica**. A teologia monástica cresceu nos mosteiros baseada na contemplação e na *lectio divina* (leitura e meditação nas Escrituras Sagradas). A escolástica apareceu nas escolas urbanas, com a revitalização das cidades, e recebeu muita influência da Antiguidade Clássica, especialmente com a redescoberta de Aristóteles por parte da Europa cristã. Nesse sentido o contato com os muçulmanos foi fundamental. Por exemplo, por meio do jurista, médico e filósofo (destacado comentador do pensamento de Aristóteles) muçulmano Averróis²³⁵ (1126-1198), nascido em Córdoba/Andaluzia (lembrando que os mouros dominavam a Espanha nessa época), o Ocidente ganhou a possibilidade de resgatar a obra aristotélica, há anos perdida e sufocada pelo neoplatonismo da patrística²³⁶. Também as obras de Avicena (980-1037) contribuíram para a formação do pensamento europeu nesse período da Idade Média.

Nessa época destacaram-se como precursores da escolástica: Anselmo de Cantuária (1033-1109), Pedro Abelardo (1079-1142), Pedro Lombardo (1100-1160) e os vitorianos (residentes da abadia de São Vitor em Paris). Posteriormente, o dominicano **Tomás de Aquino** (1225-1274) e o franciscano **Boaventura** (1221-1274) tornaram-se os principais expoentes da teologia escolástica.

²³⁴ A primeira universidade foi criada em 1150, em **Bolonha** (Itália), seguida por **Sorbonne/Paris** (França, 1200) e **Cambridge** (Inglaterra, 1209), no contexto do **Renascimento Europeu do Século XII**. Por razões como essa, é questionável a referência, surgida na modernidade, sobre a Idade Média ser um período de “trevas”.

²³⁵ **Averróis** e **Avicena** fazem parte dos pensadores muçulmanos que participaram da chamada **Época de Ouro do Islã** ou **Renascimento Islâmico** (período entre os séculos VIII e XIII). Em torno do ano 1000, os muçulmanos eram culturalmente mais desenvolvidos que os europeus e seus pensadores contribuíram para a redescoberta dos clássicos gregos e o conseqüente **Renascimento Europeu do século XII**.

²³⁶ Escola que se desenvolveu entre os séculos III e VI (período dos pais da igreja, a patrística) sob a inspiração do filósofo grego Platão (428 a 348 a.C.).

1.2.7. O surgimento das grandes catedrais e o auge do papado

O Renascimento Europeu do Século XII (ou Protorenascimento²³⁷) trouxe também a construção das grandes catedrais em estilo gótico. O estilo românico cedeu espaço ao gótico, que produziu as mais impressionantes catedrais de todos os tempos. Eram mais iluminadas que as anteriores e tinham o propósito de apontar para o céu. Nesse período o papado chegou ao auge de seu prestígio com **Inocência III**²³⁸ (1198-1216), mas logo no final do século XIII entrou em decadência novamente.

1.2.8. Guerras, pestes e o fim do feudalismo

As transformações em curso na Europa desde o século XII paulatinamente levaram ao fim do **sistema feudal**²³⁹, no século XIV, quando a burguesia crescente se aliou à monarquia em cada país, anunciando o fim da Idade Média e o prelúdio das nações modernas. No século XV, os europeus já se encontravam sob uma nova ordem socioeconômica: o **capitalismo comercial**. O **nacionalismo**, além de extinguir o feudalismo, marcou ainda o fim do sonho de um só povo estar submisso a um imperador e a um papa. O papado entra em declínio novamente, ficando à sombra dos monarcas mais poderosos.

Também nesse período aconteceu a **Guerra dos Cem Anos**²⁴⁰ (1337 e 1453), entre Inglaterra e França, mas envolvendo toda a Europa. Além disso, uma grande epidemia de **peste bubônica** dizimou mais de um terço da população europeia. Nesse contexto, a religião tornou-se cada vez mais tétrica e voltada quase que exclusivamente para a morte e a vida futura.

1.2.9. O Grande Cisma do Ocidente

Em meio à Guerra dos Cem Anos, ocorreu o chamado **Grande Cisma do Ocidente** (1378-1423), quando dois ou mesmo três papas coexistiram exercendo

²³⁷ O Renascimento propriamente dito (séculos XIV-XVI) foi precedido por um importante período de fermentação social e cultural, iniciado no fim do século XII (criação de novas ordens monásticas, as Cruzadas, restauração do comércio e surgimento da burguesia).

²³⁸ Com **Inocência III** foi promulgada a **doutrina da Transubstanciação** (Concílio de Latrão, 1215).

²³⁹ Os reflexos da estrutura feudal, no entanto, perduraram por séculos, sendo um dos temas da Revolução Francesa, por exemplo.

²⁴⁰ Nessa guerra foi que **Joana D'Arc** ganhou destaque, morrendo na fogueira em 1431.

influência em determinadas regiões²⁴¹ e disputando o “trono de Pedro”. Tentou-se resolver o impasse por meio da convocação de concílios. A **teoria eclesiológica conciliar** se fundamenta na ideia de que os fiéis são a igreja e são eles (ou seus representantes, os bispos) que, reunidos em concílio, têm autoridade suprema. Aconteceram, então, os **concílios de Pisa** (1409), **Constança** (1414-1418) e de **Basileia** (1431-1449). O resultado foi que esses concílios conseguiram restaurar a unidade papal, mas eles próprios acabaram se dividindo por causa de diversos conflitos.

1.2.10. Os movimentos reformadores

Vários movimentos reformadores surgem nessa fase. Nomes como **John Wycliffe** (1320-1384), **John Huss** (1369-1415) e **Jerônimo Savonarola** (1452-1498) surgiram no contexto da igreja. Estes se opunham ao nominalismo²⁴², insistiam na autoridade única da Bíblia e pregavam sobre a necessidade de reformas morais e doutrinárias na igreja, sendo, por isso, perseguidos. John Huss, por exemplo, chegou a ir ao Concílio de Constança, de posse de um salvo-conduto que, a princípio, o livraria da prisão. Mas o Concílio ignorou o documento e ordenou que Huss fosse queimado na fogueira. Houve ainda vários movimentos reformadores populares, como os flagelantes e as beguinas, dentre outros.

Outro fenômeno marcante dessa época foi o surgimento de movimentos místicos devocionais no norte da Europa, especialmente no vale do Reno (Alemanha e Holanda), como os chamados **Amigos de Deus** e os **Irmãos da Vida Comum**. Este, por exemplo, era um movimento composto por homens e mulheres que promovia a *devotio moderna* (nova devoção), centrada na leitura da Bíblia, meditação e oração, e valorizava muito a educação. O livreto devocional *A imitação de Cristo* (1418), de Tomás de Kempis, vem do contexto desse movimento que, embora ortodoxo, tendia a enfatizar menos a estrutura eclesiástica e exerceu forte influência sobre os reformadores protestantes. Pensadores como Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero passaram pelas escolas dos Irmãos da Vida Comum. Alguns, porém, refugiavam-se no misticismo, em uma tentativa de cultivarem uma vida espiritual saudável e não lidar com a igreja institucional corrupta.

²⁴¹ Em um período imediatamente anterior (1309-1377), a sede do papado foi Avignon, na França.

²⁴² Para uma definição do termo Nominalismo, veja o último parágrafo do item 1.3.1.

Outra reação à realidade eclesiástica desse período vinha daqueles que, por influência do **Humanismo**²⁴³, acreditavam que a reforma da igreja viria por meio de estudos da literatura antiga. Voltando às fontes antigas, poderiam voltar à simplicidade do Cristianismo original²⁴⁴.

1.2.11. A Igreja no Oriente e a queda de Constantinopla

A igreja continuou sua história também no Oriente. Vários grupos, como as igrejas grega, russa, nestoriana e monofisista, continuavam a existir. Os turcos, por séculos, atacaram o Império Bizantino, reduzindo-o à cidade de Constantinopla, que caiu em 1453, marcando o fim da Idade Média. Desde então, a principal igreja oriental cristã passou a ser a russa.

1.3. A Igreja na Idade Moderna: Da Queda do Império Romano do Oriente (1453) até a Revolução Francesa (1789)

1.3.1. A Renascença e a crise do papado e da teologia escolástica

Entre meados do século XIV e o fim do século XVI, surgiu e se consolidou na Itália um movimento que se espalhou por toda a Europa e gerou fortes transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas no mundo ocidental. Posteriormente foi denominado **Renascimento**, **Renascença** ou **Renascentismo**, em virtude da revalorização da Antiguidade Clássica. Este período da história abarca eventos como a tomada de Constantinopla pelos árabes (que simboliza o fim da Idade Média), a expansão ultramarina (que levou preceitos do Cristianismo a povos de outros continentes), a invenção dos caracteres móveis de impressão por Johann Gutenberg (1455), a Reforma Protestante (1517), o desenvolvimento das obras de Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475-1564) e Maquiavel (1469-1527), dentre tantos outros.

Os papas dessa época se deixaram arrastar pelo espírito da Renascença. Focavam em embelezar Roma, construir maravilhosos palácios, ampliar seus domínios políticos e usufruir da vida com cada vez mais poder, deixando à deriva a vida espiritual da igreja. Os papas da Renascença, como Leão X, papa da época da Reforma Protestante, eram a

²⁴³ Corrente de pensamento antropocêntrica que valoriza o homem como a medida de todas as coisas, colocando-o no centro da existência.

²⁴⁴ Não é incomum na História da Igreja que o desejo de retornar ao modelo da igreja primitiva produza certos movimentos com tentativas de restauração.

antítese dos papas de inspiração monástica, como Gregório VII, por exemplo. Isso os levou a angariar mais recursos financeiros, o que aumentou a corrupção econômica já existente na igreja.

Nessa esteira, a **teologia escolástica** (teologia das escolas ou universidades) também entrou em crise. Perdeu quase totalmente o contato com a vida prática dos cristãos, dedicando-se a questões que apenas interessavam aos eruditos teólogos. O **nominalismo**²⁴⁵ de Guilherme de Ockham (1285-1347) havia dominado a teologia desde as últimas décadas da idade Média.

1.3.2. A Reforma Protestante

A data emblemática da Reforma é **31 de Outubro de 1517**, na qual o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) fixou as 95 teses na porta da catedral do castelo de Wittenberg. Embora movimentos reformadores já existissem há tempos, foi com Lutero e seus seguidores que o movimento ganhou um ímpeto que não pôde ser contido. Depois de longa peregrinação espiritual, Lutero, por meio das Escrituras, convenceu-se de que a salvação é alcançada unicamente pela graça, mediante a fé²⁴⁶. Essa convicção o levou a protestar contra a venda de indulgências e contra toda a teologia tradicional que a sustentava.

Momentos de incerteza e pressão se seguiram. Lutero foi chamado para defender suas obras e ideias diante da **Dieta**²⁴⁷ **de Worms**²⁴⁸ (1521) e foi declarado herege por aquela assembleia. Refugiou-se, então, no castelo de Wartburg. No entanto, em 1530, alguns importantes príncipes protestantes expuseram sua fé e apoiaram a Reforma na **Dieta de Augsburg** e, em 1531, uniram-se na **Liga de Esmalcalda**²⁴⁹ para se protegerem do Imperador Carlos V. Em 1555, a **Paz de Augsburg**²⁵⁰ foi conquistada, o que

²⁴⁵ **Nominalismo** é a corrente filosófica que se contrapõe ao **realismo** na questão que trata dos **universais** (gêneros e espécies - conceitos genéricos abstratos) e dos **particulares** (indivíduos - coisas em si mesmas). Surgiu no século XI com Roscelino de Compiègne e teve em **Guilherme de Ockham** (1285 - 1347), que entendia os universais como meros signos, seu grande expoente.

²⁴⁶ Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. (Efésios 2:8,9 – NVI).

²⁴⁷ **Dietas** são assembleias políticas ou legislativas que fazem parte da história política de alguns países europeus.

²⁴⁸ Assembleia do Sacro Império Germânico realizada na cidade de Worms.

²⁴⁹ Aliança visando à defesa de príncipes protestantes do Sacro Império Romano, criada em 27/02/1531 na cidade de Esmalcalda (Schmalkaldischer Bund).

²⁵⁰ Tratado assinado entre Carlos V e as forças da Liga de Esmalcalda, em 25/09/1555, na cidade de Augsburg.

assegurou aos príncipes protestantes o direito à sua religião. Lutero faleceu em 1546, sendo sucedido por Felipe Melanchthon (1497-1560), de visão mais moderada que Lutero. Os luteranos enfrentaram diversos conflitos e tentaram equacioná-los por meio da assinatura de um documento chamado **Fórmula da Concórdia**. No entanto, mesmo depois da Fórmula da Concórdia as controvérsias continuaram.

Na Suíça, surgiu outro movimento, inicialmente liderado por **Ulrico Zuínglio** (1484-1531) e depois por **João Calvino** (1509-1564), mais moderado que o primeiro. Este movimento deu origem às igrejas chamadas **reformadas**, como as presbiterianas, por exemplo. Calvino escreveu obras como as *Institutas da Religião Cristã*, que sistematizou a teologia reformada e influenciou toda a Europa naquela época. Outros movimentos mais radicais ficaram conhecidos como **Anabatistas** (aqueles que batizam de novo). Estes, por exemplo, deram origem aos menonitas (caracterizados pela rejeição de autoridade eclesiástica, separação do Estado, não resistência e pacifismo).

Na Inglaterra, houve um movimento peculiar que, embora seguisse as doutrinas reformadas, manteve as tradições de culto e de governo da igreja, dando origem às **igrejas anglicanas e episcopais**. Isso aconteceu quando Henrique VIII declarou-se representante máximo da igreja na Inglaterra, diante da recusa do papa Clemente VII em anular seu casamento com Catarina de Aragão (pois esta não lhe dava um herdeiro), pois visava casar-se com Ana Bolena.

Até o fim do século XVI, o protestantismo havia se firmado no norte da Europa: Alemanha, Inglaterra, Escócia, Escandinávia, Holanda e norte da Itália²⁵¹. Na França²⁵², os protestantes eram tolerados, embora o rei fosse católico. Na Espanha²⁵³, sul da Itália, Polônia e outros países, ramificações protestantes foram extirpadas à força.

1.3.3. A Contrarreforma

Grande parte da teologia católica desse período se dedicou à refutação das teses reformistas. Novas ordens monásticas também foram criadas, como a ordem das

²⁵¹ Os humanistas do sul da Itália focaram sua atenção no estudo da Antiguidade Clássica, enquanto humanistas do norte da Itália voltaram-se para a Bíblia nas línguas originais, atendendo aos apelos das ideias protestantes. É interessante analisar as consequências históricas desses diferentes caminhos, por se tratar na atualidade de um mesmo país.

²⁵² Na França, em 1572, aconteceu o **massacre de são Bartolomeu**, no qual milhares de huguenotes (protestantes franceses) foram mortos.

²⁵³ Na Espanha, houve um forte movimento reformador, sufocado pela inquisição. João de Valdés, Casiodoro de Reina e Cipriano de Valera se destacaram no movimento espanhol.

Carmelitas Descalças e a dos **Jesuítas** (fundada por Inácio de Loyola). Também com o papa Paulo IV (1555-59) a consciência da necessidade de uma reforma mais profunda chegou à hierarquia católica. Essa reforma de caráter moral e administrativo visou à correção de abusos, de corrupções e da doutrina. Dominicanos e jesuítas destacaram-se no trabalho teológico dessa fase. O ponto alto da reforma católica foi o **Concílio de Trento** (1545-1563), que condenou as teses protestantes, reafirmou a base da doutrina católica e anunciou mudanças morais e administrativas na igreja.

1.3.4. Guerras religiosas na Europa

O período que se seguiu (séculos XVII e XVIII) foi marcado por fortes guerras religiosas. Mesmo com a Paz de Augsburgo, houve muitos conflitos entre católicos e protestantes. A **Guerra dos Trinta Anos** (1618-1648), na Alemanha e em boa parte das outras regiões europeias, foi uma das mais sangrentas e terminou com a **Paz de Westfália**²⁵⁴, que assegurava, dentre outras coisas, liberdade religiosa, embora apenas para católicos, luteranos e reformados.

Na Inglaterra, os puritanos queriam que a igreja fosse purificada de tudo que não fosse bíblico. Conseguiram apoio do parlamento que convocou a **Assembleia de Westminster** (1643-1649), com o objetivo de reestruturar a igreja inglesa. Este concílio produziu, dentre outros documentos, a **Confissão de Westminster**²⁵⁵ (1647) e os **Catecismos Maior e Menor** (ou Breve Catecismo), fundamentos da ortodoxia calvinista. Ainda assim, os puritanos se dividiram em diversas ramificações (independentes, presbiterianos, sabbatistas, niveladores, etc.). Nesse contexto, ainda, o rei e o parlamento acentuaram seus conflitos, provocando uma guerra civil que culminou com a execução do rei Carlos I (1649).

Por detrás dessas guerras, além de aspectos políticos, econômicos e sociais passíveis de análise, pode-se encontrar o **espírito inflexível das diversas ortodoxias**, especialmente católica, luterana e reformada. Na concepção dos mais ardentes defensores desses sistemas religiosos de pensamento, cada pormenor da doutrina era de extrema importância, não se permitindo o menor desvio. Além das guerras mencionadas

²⁵⁴ A chamada **Paz de Westfália** foi um tratado que envolveu uma série de acordos de paz entre países europeus e é considerada um dos marcos da diplomacia e do direito internacional moderno.

²⁵⁵ A tradição reformada possui, além da **Confissão de Westminster**, outros documentos importantes, como os **Cânones de Dort** (estabelecidos no Sínodo de Dordrecht, em 1618-19, que condenou o **Arminianismo**), o **Catecismo de Heidelberg** (elaborado na cidade de Heidelberg, em 1563, por ordem de Frederico III) e a **Confissão Belga** (1561).

anteriormente, inúmeros conflitos internos e externos ocorreram, envolvendo católicos, luteranos e reformados.

1.3.5. Reações ao rigor ortodoxo

Várias foram as reações às ortodoxias dos séculos XVII e XVIII e suas danosas consequências. Uma delas foi a tentativa de buscar no racionalismo a base para se analisar e lidar com as questões religiosas, procurando-se seguir apenas suposições corroboradas pela razão.

Outras pessoas passaram a enfatizar a experiência e a obediência mais do que a ortodoxia. Destacam-se, nesse sentido, o pietismo e o movimento morávio, entre os luteranos, e o metodismo, entre os anglicanos. O **pietismo** alemão baseava-se em despertar e cultivar a piedade²⁵⁶ pessoal a partir de grupos pequenos e de disciplina espiritual²⁵⁷. O **metodismo** surgiu com os irmãos ingleses John e Charles Wesley, e também estimulava uma fé pessoal desenvolvida em pequenos grupos. **Os morávios** eram remanescentes de um grupo chamado **Irmãos Unidos**, formado séculos antes sob grande influência dos ensinamentos de John Huss. Expulsos de sua terra na época da Guerra dos Trinta Anos, os sobreviventes posteriormente estabeleceram-se nas terras do **conde Zinzendorf** (1700-1760), que havia sido influenciado pelo pietismo. Contagiados pela fé do conde, os morávios destacaram-se por seu zelo missionário.

Houve aqueles que, descontentes com a ortodoxia e não se adaptando às opções espiritualistas, dedicaram-se a buscar a Deus de forma particular, longe de qualquer comunidade de fiéis. Alguns destes acreditavam que tendo o Espírito Santo não havia necessidade de nada mais, nem mesmo da Bíblia. Outros insistiam na autoridade da “luz interior”, superior a qualquer outra. O **movimento Quacre**, por exemplo, surgiu nesse contexto.

Por fim, alguns resolveram abandonar a Europa e erguer uma nova sociedade baseada em seus princípios. Assim surgiram as treze colônias britânicas que deram origem aos Estados Unidos. No século XVIII, essas colônias passaram por um grande avivamento espiritual, que teve como instrumento o teólogo calvinista **Jonathan Edwards** (1703-1758), dentre outros.

²⁵⁶ **Piedade** significa cumprir seus deveres para com Deus e para com o próximo.

²⁵⁷ **Disciplinas espirituais** são meios pelos quais podemos nos apresentar a Deus e usufruirmos de sua graça (oração, jejum, estudo, confissão, meditação, serviço, adoração, etc.)

1.3.6. A Revolução Francesa

A Revolução francesa marcou um período de violentas agitações políticas e sociais, no final do século XVIII, cujos impactos repercutiram ao redor do mundo nas décadas subsequentes. Além de propagar os ideais iluministas, com seu forte sentimento anticlerical e antirreligioso, os líderes da revolução colocaram em prática esses ideais, por vezes, de forma cruel. O racionalismo antirreligioso e a hostilidade à fé cristã foram sentidos especialmente pela igreja católica. Por esses e outros motivos o catolicismo romano tornou-se cada vez mais conservador e contrário às ideias de liberdade e de democracia. A **tomada de Bastilha** (fortaleza que funcionava como prisão dos inimigos do rei) foi o evento central que simbolizou o fim da Idade Moderna (1789).

1.4. Igreja nos Séculos XIX e XX

1.4.1. Ideais de democracia e livre imprensa

O fim do século XVIII e início do século XIX foi caracterizado por uma série de convulsões políticas. A Revolução Francesa (1789), a independência dos Estados Unidos (1776) e das nações latino-americanas, por exemplo, trouxeram consigo o ideal da liberdade, princípio da democracia.

1.4.2. O protestantismo norte-americano

Nos Estados Unidos, o avanço para o oeste trouxe o crescimento principalmente das igrejas batista e metodista. Surgiu o chamado **Segundo Grande Avivamento**, especialmente entre as décadas de 1790 e 1840. Nesse contexto, dentre outras manifestações do despertar espiritual, encontramos o **Movimento de Restauração**, que deu origem às **Igrejas de Cristo**²⁵⁸. Posteriormente, a força missionária das denominações protestantes norte-americanas refletiu-se ao redor do mundo.

A expansão do metodismo deu origem a igrejas com ênfase na santificação e em alguns sinais carismáticos. Em 1906, aconteceu na **missão da Rua Azusa**, em Los Angeles, um avivamento com sinais carismáticos do qual deriva grande parte do **movimento pentecostal moderno**. Surgiram, também nesse período, diferentes interpretações teológicas, como o **dispensacionalismo** (divulgado pela Bíblia de

²⁵⁸ Esse momento histórico é objeto do capítulo 2 deste documento.

Scofield), e novas religiões com características tiradas do Cristianismo, tais como os **mórmons** (1830), as **testemunhas de Jeová** (1870) e a **Ciência Cristã** (1866).

A igreja norte-americana teve que enfrentar também o tema da escravidão. Esse assunto estava no centro dos conflitos que levaram o país à guerra civil (1861-1865) e dividiu igrejas.

1.4.3. Fundamentalismo e Liberalismo protestantes

O surgimento de novas interpretações teológicas no século XIX levou ao **Fundamentalismo**. O nome desse movimento veio em função da promulgação dos **cinco fundamentos**²⁵⁹ da fé cristã de Niagara Falls (1895). Por outro lado, muitos teólogos (principalmente na Alemanha) trabalharam para compatibilizar a fé cristã com o mundo do modernismo, por meio da construção de uma fé rigorosamente racional. Essa foi a origem do **Liberalismo**.

Friedrich Schleiermacher (1768-1834), considerado pai do Liberalismo, foi o primeiro teólogo protestante que tentou reinterpretar a fé cristã diante dos pressupostos modernistas. A filosofia de **Hegel** incluía sua interpretação da religião e da história, na qual a essência predominava sobre a existência, e foi considerada a melhor abordagem da fé cristã e da realidade construída até aquele momento. **Soren Kierkegaard** (1813-1855), considerado o pai da corrente filosófica existencialista, entendia que a existência estava acima da essência (contrário a Hegel) e enxergava o Cristianismo como uma decisão radical, um salto de fé no vácuo, que permeia toda a existência.

1.4.4. A postura católica romana diante da Modernidade

Se o protestantismo se mostrou demasiadamente aberto aos pressupostos modernistas, o catolicismo seguiu o caminho oposto, declarando-se antimodernista. O papa Pio IX (1846-1878), por exemplo, condenou praticamente tudo que era considerado de viés modernista (democracia, liberdade de consciência e liberdade religiosa, escolas

²⁵⁹ Os pressupostos do **Fundamentalismo**, definidos no final do encontro de Niagara Falls (1895), apresentam os cinco fundamentos do protestantismo conservador: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) a divindade de Cristo; (3) o nascimento virginal de Jesus; (4) a remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus; (5) a ressurreição de Jesus como fato objetivo e a certeza de seu retorno no fim dos tempos.

públicas, etc.). Nesse contexto, o Concílio Vaticano I declarou o dogma da **infallibilidade papal**²⁶⁰ (1870).

1.4.5. A expansão missionária cristã pelo mundo

Ao mesmo tempo que a fé cristã começava a esfriar nos corações europeus, tornava-se universal, expandindo-se muito geograficamente. Nos séculos XIX e XX, o Cristianismo atingiu vários países da África, Oceania e Ásia. O zelo missionário aproveitou fatores como o colonialismo europeu do século XIX para expandir o evangelho de Cristo.

1.4.6. A utopia moderna

A modernidade projetou um apogeu de abundância e felicidade para a humanidade que jamais foi alcançado. Pensava-se que, com a razão e a tecnologia, Europa e Estados Unidos (países industrializados do Atlântico-norte) conduziriam o mundo para a solução de seus problemas. O sonho se mostrou mera ilusão quando num período de trinta anos (1914 a 1944), as potências ocidentais envolveram o mundo em duas guerras mundiais. O socialismo russo²⁶¹, com a promessa de alcançar o ideal do comunismo marxista, beneficiando os mais pobres, também falhou cabalmente em seu intento. Nesse contexto, o processo político de descolonização²⁶² mudou completamente o mapa geopolítico do mundo em poucas décadas.

1.4.7. As três principais ramificações do Cristianismo: Catolicismo, a Igreja

Oriental e o Protestantismo

Os séculos XIX e XX assistiram ao desmembramento do Império Otomano. Surgiram, com isso, várias igrejas independentes de Constantinopla (Grécia, Sérvia, Bulgária, Romênia, etc.), que no século XX sobreviveram a regimes hostis de fundos muçulmano e marxista. A **igreja oriental** foi, por décadas, abalada pela Revolução Russa

²⁶⁰ A **infallibilidade papal** é o dogma da igreja católica o qual afirma que tudo que o papa pronuncia *ex cathedra* (literalmente “da cadeira de São Pedro”, ou seja, de sua posição como papa) é infalível, pois conta com a perfeita assistência do Espírito Santo.

²⁶¹ A **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas** (URSS) durou 70 anos (1921-1991), foi consequência da Revolução Russa de 1917.

²⁶² O processo de colonização justificou os interesses e empreendimentos das nações mais prósperas com argumentos morais e religiosos (os mais ricos deveriam levar seu desenvolvimento aos mais pobres). O descrédito desses argumentos, dentre outros fatores, levou ao processo de descolonização.

(1917), que impactou principalmente o leste europeu. Somente ao final do século XX, a igreja russa encontrou alívio da pressão do sistema governamental marxista. Ela sobreviveu a essas condições difíceis mudando tradições litúrgicas e catequéticas.

A **igreja católica romana** continuou sua resistência a determinados aspectos da modernidade até o governo do papa Pio XII (1939-1958). A direção era defender as prerrogativas da igreja a todo custo. Com o papa João XXIII (1958-1963), começou um período de abertura. Tentou-se uma aproximação com as necessidades do povo e foi convocado o Concílio Vaticano II (1962-1965), resultando em medidas em favor da liberdade de consciência e de liturgias adequadas às diferentes culturas. Instituiu-se, por exemplo, que a missa seria celebrada no idioma de cada povo (até então, em todo o mundo, as missas eram celebradas em latim e com o padre de costas para os fiéis). No entanto, ao abrir-se mais para a sociedade a sua volta, o catolicismo, com suas dissensões internas, encontrou o mundo pós-moderno.

O otimismo dos teólogos **protestantes** liberais europeus e americanos foi abalado pelas duas guerras mundiais da primeira metade do século XX. Nessa época, **Karl Barth** (1886-1968) reagiu ao liberalismo com sua **neo-ortodoxia**. Essa teologia serviu de base para a igreja protestante alemã resistir ao nazismo²⁶³, o que custou a vida de **Dietrich Bonhoeffer**. No decorrer do século, porém, o processo de secularização da igreja avançou e o número de fiéis diminuiu no oeste europeu. Nos Estados Unidos, viu-se processo semelhante; os irmãos **Richard** e **Reinhold Niebuhr** desempenharam papel semelhante ao de Barth, **Martin Luther King Jr.** lutou pelos direitos civis dos negros e o processo de secularização da igreja avançou.

Especialmente na segunda metade do século XX, todas essas três tradições cristãs viram as novas igrejas, fruto do ardor missionário, reivindicarem o direito de interpretar o evangelho no seu próprio contexto e com sua própria perspectiva. Isso levou ao surgimento das chamadas **Teologias Contextuais**, tais como a teologia da libertação, as teologias feministas, a teologia do negro, etc.; bem como ao fenômeno da multiplicação das igrejas pentecostais na América Latina. Esse é um dos sinais do fim da modernidade e do início da pós-modernidade, pois pelos pressupostos modernos acreditava-se que o pensamento das elites intelectuais ocidentais se imporia ao resto do mundo.

²⁶³ Em 1934, é elaborada a **Declaração de Barmen**, documento assinado pela igreja protestante alemã contra o nazismo.

1.4.8. O movimento ecumênico moderno

O ecumenismo moderno surgiu da necessidade missionária e da percepção de que as divisões entre as igrejas se constituíam num dos principais entraves ao avanço do evangelho. Diversas conferências missionárias foram organizadas visando à obtenção de mais cooperação e comunicação entre os empreendimentos missionários, como, por exemplo, a **Conferência de Edimburgo** (Escócia), em 1910, que influenciou a posterior criação do **Conselho Missionário Internacional** e do **Conselho Mundial de Igrejas**. No entanto, com o surgimento de novas igrejas fora da Europa e dos Estados Unidos, também novas formas de cooperação têm sido vistas, não apenas com relação a esforços missionários, mas também em áreas como o atendimento aos necessitados, por exemplo.

1.4.9. Perspectivas Contemporâneas

Nos últimos cem anos, a população declarada cristã representa cerca de um terço da população mundial. A distribuição dessa população no mundo, no entanto, mudou drasticamente. No início do século XX, por ocasião da Conferência de Edimburgo (1910), aproximadamente 66% daqueles que se declaravam cristãos viviam na Europa (incluindo a Rússia) e 81% destes eram brancos. No início do século XXI, esses percentuais mudaram para 26% e 40%, respectivamente. O hemisfério norte abrigava 80% dos cristãos na época. Em 2010, 60% dos cristãos estavam no hemisfério sul²⁶⁴. Talvez, com o avançar do século XXI, aqueles países, outrora considerados “os confins do mundo”, enviem missões cristãs para aquelas regiões que um dia lhes compartilharam a fé. O quadro a seguir mostra os países com maior população declarada cristã em 1910 e 2010.

	1910		2010	
	País	Nº de cristãos declarados	País	Nº de cristãos declarados
1	EUA	84.800.000	EUA	257.311.000
2	Rússia	65.757.000	Brasil	180.932.000
3	Alemanha	45.755.000	Rússia	115.120.000
4	França	40.894.000	China	115.009.000
5	Grã-Bretanha	39.298.000	México	105.583.000
6	Itália	35.330.000	Filipinas	83.151.000
7	Ucrânia	29.904.000	Nigéria	72.302.000

²⁶⁴ <http://www.edinburgh2010.org/en/resources/papersdocumentsd4bd.pdf>. Statistical Atlas of Christian Missions. Acesso em 03 de nov. de 2018.

8	Polônia	22.102.000	RD Congo	65.803.000
9	Brasil	21.576.000	Índia	58.367.000
10	Espanha	20.357.000	Alemanha	58.123.000

Fonte: *Statistical Atlas of Christian Missions* - <http://www.edinburgh2010.org/en/resources/papersdocumentsd4bd.pdf>

Em termos geográficos, um grande desafio para o Cristianismo na atualidade é a chamada **Janela 10/40**. Trata-se da área situada entre os paralelos de latitude 10° e 40° ao norte da linha do equador, onde se situam países como Afeganistão, Arábia Saudita, Coreia do Norte, China, Egito, Índia, Indonésia, Irã, Iraque, Somália, dentre vários outros. Corresponde a um ajuntamento de mais de 60 nações que pouco ou quase nada conhecem sobre o Cristianismo, com o predomínio do Hinduísmo, Budismo e Islamismo (a religião que mais cresce no planeta atualmente)²⁶⁵. Seguem algumas características dessa região²⁶⁶:

- representa 44% da população do mundo;
- contém 82% da população mais pobre da terra;
- abriga 99% dos pobres não evangelizados do planeta;
- responde por 97% dos povos não alcançados pelo evangelho.

Além disso, vivemos num período histórico (pós-modernismo) com características próprias em termos de conhecimento, cultura e ética. Hoje são questionados pressupostos como a realidade de uma história humana comum, a existência de verdades absolutas e a consolidação de princípios morais universais. Em meio a isso, observamos aqueles que se declaram cristãos fragmentados em cerca de 41.000 diferentes denominações, com perspectiva de chegar a 55.000 em 2025. No entanto, em meio à solidão, superficialidade, insegurança e fluidez que marcam nossa sociedade ocidental, vemos também uma geração mais voltada para ações sociais e com interesse em ajudar os mais necessitados. Possivelmente essa seja uma porta aberta por Deus para o avanço do evangelho de Cristo hoje.

Assim, diante das peculiaridades contemporâneas, a comunidade do Reino dos Céus na terra continua sendo “[...] a igreja do Deus vivo, **coluna e fundamento da verdade**” (1 Tm 3:15). Como em todos os períodos dessa longa história, hoje Deus olha e vê seus remidos peregrinando sobre a terra, a caminho da eternidade. O Deus que nos

²⁶⁵ <https://www.revistaimpacto.com.br/estatisticas-missionarias/>, acesso em 06 de dez. de 2017.

²⁶⁶ MILLER, Darrow L. *Discipling Nations: the power of truth to transform cultures*. Second edition, Seattle: YWAM Publishing, 2001.

escolheu em amor antes da criação do universo, no tempo certo, também nos trouxe à existência neste mundo para que o conhecêssemos e cumpríssemos nossa missão na terra, até retornarmos para a casa do Pai e compartilharmos a eternidade com ele. Enquanto o Senhor espera com paciência a salvação daqueles que devem participar desse magnífico organismo espiritual, que é a Igreja do Senhor Jesus (2 Pe. 3:9)²⁶⁷, os fiéis adoradores do Deus Vivo devem mirar na **missão** e na **promessa** de Cristo: *“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”*.

²⁶⁷ **2 Pedro 3:9**: O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento.

Capítulo 2

O Movimento de Restauração e as Igrejas de Cristo

2.1. Os dois grandes avivamentos norte-americanos

Os puritanos forneceram a base para a construção do protestantismo americano. A partir do início do século XVII, grupos puritanos chegaram à Nova Inglaterra trazendo grande fervor religioso. Nas décadas seguintes, apesar de as novas gerações se voltaram mais para o progresso econômico e intelectual, não conseguindo integrar adequadamente a fé cristã na vida cotidiana, a herança puritana, aliada à influência pietista de outros imigrantes reformados da Europa continental, culminou no primeiro grande despertamento de fé norte-americano, no século XVIII.

A segunda metade do século XVIII marcou um novo declínio da vida espiritual nos EUA. Esse período foi decisivo com a eclosão da Revolução americana e a consequente independência em 1776. O envolvimento com a revolução e com o ambiente político da época tornou, para muitos, um desafio insuperável conectar fé cristã à vida cotidiana.

No entanto, após a emancipação política dos EUA, irrompeu-se um novo despertamento espiritual no país, no início do século XIX. Matos²⁶⁸ compara os dois grandes avivamentos da seguinte forma:

O Segundo Grande Despertamento começou por volta de 1800, novamente entre os presbiterianos, na localidade de Cane Ridge, em Kentucky. Além de mais vasto e complexo, esse despertamento diferiu do primeiro em outros aspectos importantes. Se o avivamento anterior se limitou essencialmente aos presbiterianos e congregacionais, este atingiu todas as denominações, especialmente os batistas e os metodistas, que tiveram um crescimento vertiginoso e tornaram-se os maiores grupos protestantes da América do Norte. Outra diferença foi geográfica e social: enquanto que o primeiro despertamento ocorreu em áreas urbanas próximas ao litoral, o segundo irrompeu na chamada “fronteira”, a região rural do meio-oeste com sua população móvel e sua instável organização social. Uma terceira diferença entre os dois avivamentos diz respeito à sua teologia. Enquanto que o movimento do século XVIII teve uma base solidamente calvinista, com sua ênfase na incapacidade humana e na iniciativa soberana de Deus, o Segundo Despertamento revelou uma orientação nitidamente arminiana, dando grande destaque ao potencial de escolha e decisão do ser

²⁶⁸ MATOS, Alderi Souza. **Os Avivamentos Norte-Americanos**. Disponível em: http://thirdmill.org/portuguese/35260~11_1_01_10-22-22_AM~Os_Avivamentos_Norte.html. Acessado em 03 de nov. de 2018.

humano. Essa característica, que combinava com os ideais de liberdade e iniciativa individual da jovem nação, encontrou sua expressão mais eloquente no avivalista Charles G. Finney (1792-1875). Finney acreditava que o avivamento podia ser produzido através do uso de técnicas, denominadas "novas medidas", que incluíam apelos insistentes e carregados de emoção, aconselhamento pessoal dos decididos e séries prolongadas de reuniões evangelísticas. Esses elementos até hoje estão presentes em uma parcela ponderável do evangelicalismo mundial²⁶⁹.

2.2. O Movimento de Restauração e as Igrejas de Cristo

As Igrejas de Cristo têm raízes em um movimento que remonta ao período do Segundo Grande Despertamento (1790-1870) da América do Norte. De acordo com os desdobramentos históricos que culminaram nesse momento, a Reforma Protestante do século XVI abriu novas fronteiras de acesso às Escrituras e ao entendimento sobre elas, mas não lidou com o epicentro do problema: eliminar o sistema monolítico religioso (estrutural e litúrgico) implantado pela Igreja Católica. Conseqüentemente, os reformadores se tornaram um sem-número de igreja e facções heterogêneas. Gordon Ferguson afirma, nesse sentido, que “em torno dos anos 1700, o Protestantismo estava dividido em aproximadamente 150 grupos que se opunham. Esta situação lamentável preparou o palco para o começo do próximo e maior movimento de reação”²⁶⁹. Em outras palavras, a falta de liga entre a miríade de grupos reformadores galvanizou a próxima reação na história do Cristianismo, isto é, o movimento de Restauração, ocorrido no contexto do segundo grande despertar.

A palavra “restauração”²⁷⁰ foi cunhada em decorrência de uma análise feita sobre o mesmo problema contextualizado acima. Enquanto a bandeira em defesa de liberdade religiosa era agitada, o denominacionalismo atingia grande efervescência. Os líderes do novo movimento, contudo, se deram conta de que não deviam empregar esforços no sentido de erradicar os efeitos colaterais da Reforma com todos os seus avanços teológicos e práticos. Desse modo, segundo Ferguson:

eventualmente o termo 'restauração' tornou-se popular, pois aquelas pessoas (os restauradores) deliberaram que não havia necessidade de *reformatar* alguma igreja existente, mas antes *restaurar* a igreja original da Bíblia.²⁷⁰

Quanto aos protagonistas desse episódio da história do Cristianismo, Barton W. Stone (1772-1844), Thomas(1763-1854) e Alexander Campbell (1788-1866), pai e filho,

²⁶⁹ FERGUSON, 1998, p. 77, tradução nossa.

²⁷⁰ (Ibidem, tradução nossa).

são creditados com o que hoje é conhecido como **Movimento Stone-Campbell** ou, de modo mais genérico, **Movimento de Restauração**. Ministrando como pastor presbiteriano em Kentucky, Stone escreveu, em 1804, em prol da dissolução da base denominacional vigente nas igrejas, admoestando que todos os seguidores de Jesus se denominassem simplesmente cristãos – pensamento já defendido por James O’Kelly em 1775, quando dizia que somente nomes bíblicos deveriam ser empregados – e tomassem a Bíblia como a única fonte para chegar ao céu. Ademais, a liberdade cristã radical e a ausência de dogmas formavam a pedra angular de suas propostas. Tais aspectos se fundamentavam numa aversão aos credos, uma vez que, segundo a visão restauradora, eles geravam divisões entre os cristãos, aprisionando-os em questões religiosas secundárias e rótulos institucionais.

Situados na West Virginia, Thomas e seu filho Alexander Campbell, por sua vez, buscavam encontrar uma fórmula para unificar a maioria das igrejas, pois era muito claro para eles que Jesus intencionava a criação de uma única igreja, visando uma restauração sistemática delas com o padrão do Cristianismo apostólico, isto é, um resgate dos princípios e ensinamentos praticados no primeiro século e encontrados no Novo Testamento. Para tanto, usavam um método influenciado pela teoria iluminista da época, segundo o qual, diz Thomas, “a religião deveria ser reduzida a um conjunto de fundamentos sobre os quais as pessoas sensatas pudessem concordar”. Nessa direção, complementa posteriormente Alexander: “A Bíblia é um livro de fatos (fê racional), não de opiniões, teorias, generalidades abstratas, nem de definições verbais.”

Vejam, então, algumas das essências bíblicas extraídas e defendidas pelos Campbells: enfoque exclusivo em Jesus Cristo, autonomia congregacional, pluralidade de presbíteros em cada congregação, ceia semanal e imersão (batismo) para o perdão de pecados. Com relação a esta última, Alexander realizou diversos debates públicos acerca do batismo somente para pessoas adultas e da prática errônea de aspergir ou batizar crianças. Por outro lado, o uso do beijo santo, a vida comunal, o lava-pés, a presença de diaconisas e práticas carismáticas eram entendidos como temas não essenciais. Além de tudo isso, os Campbells não criam na existência de uma justificativa plausível para a distinção entre o clero e os leigos. Eles acreditavam que o perigo dessa dicotomia era fomentar estruturas centralizadoras de poder. Percebe-se, no entanto, que algumas dessas práticas mais periféricas ainda existem e parecem afastar os relacionamentos de membros da mesma congregação, e ainda mais dos membros de diferentes igrejas.

Cumpra mencionar que o Movimento de Restauração não estaria completo sem seu quarto precursor: Walter Scott. Sua contribuição abriu um novo horizonte no que tangia à prática do evangelismo, “tornando-se [a Restauração], durante o fim do século XIX e começo do XX, o movimento religioso e nativo da América que cresceu mais rápido”²⁷¹. Com fins mais pragmáticos, Scott criou os cinco passos do “plano de salvação”, coloquialmente conhecido como o “plano de salvação dos cinco dedos”, que consistem em: ouvir, crer, arrepender-se, confessar e batizar-se para a remissão dos pecados e recebimento do Espírito Santo. Não é de admirar, diante disso tudo, que um crescimento sem precedentes da igreja norte-americana, nessa época, viesse firmado numa base doutrinária bíblicamente mais sólida.

Vejam os a seguir alguns dos slogans que sintetizam os temas particulares desse movimento:

- “Onde falam as Escrituras, nós falamos; onde elas se silenciam, ficamos em silêncio”;
- “A Igreja de Jesus Cristo na terra é essencial, intencional e constitucionalmente uma”;
- “Somos cristãos unicamente, mas não os únicos cristãos”;
- “No que é essencial, unidade; em opiniões, liberdade; em todas as coisas, amor”;
- “Nenhum credo, exceto Cristo; nenhum livro, exceto a Bíblia; nenhuma lei, exceto o amor; nenhum nome, exceto o divino”;
- “Faça coisas bíblicas do jeito bíblico”;
- “Chame coisas bíblicas de nomes bíblicos”

É correto pensar que a maioria dos cristãos de nossa igreja certamente concordaria com muitos desses motes. De fato, várias igrejas foram formadas nos Estados Unidos com base nos lemas acima, entre as quais, segundo Ferguson, se destacam três: as **Igrejas de Cristo tradicionais**, surgidas em 1906, que centravam-se mais no objetivo de pureza do Movimento de Restauração, interpretando o Novo Testamento como única fonte do que era permissível em matéria de culto e doutrina, rejeitando inteiramente o uso de instrumentos musicais e concluindo que não havia justificativa para qualquer organização além da congregação local; as **Igrejas de Cristo Independentes**, que permitiam algumas práticas, tal como o uso de instrumentos musicais, contanto que não fossem explicitamente proibidas pela Bíblia, e que se focavam mais no apelo de união do

²⁷¹ (FERGUSON, Ibidem, p. 79, tradução nossa)

movimento; e a denominação **Discípulos de Jesus**, que “rejeitou a autoridade absoluta das Escrituras, abandonou a Restauração.”²⁷²

Não pode passar despercebido que os nomes dessas igrejas fazem referência direta a expressões bíblicas, particularmente recorrentes no Novo Testamento, provocando uma ruptura com o emprego anteriormente comum de nomenclaturas denominacionais. Não é por acaso que, a partir de meados do século XX, os membros dessas igrejas não se identificam mais como “protestantes”, “metodistas”, “luteranos”, mas meramente como cristãos.

Ao mesmo tempo que o Movimento de Restauração resgatou uma práxis teológica mais próxima do que encontramos nas Escrituras, ele ficou aquém de implementar práticas que também caracterizavam a igreja do primeiro século. Ferguson identifica dois erros fundamentais que podem nos servir de alertas contra ênfases demasiadas ou a falta de abordagens apropriadas na aplicação dos ensinamentos bíblicos. Primeiro, o enfoque doutrinário desse movimento gerou **extremo farisaísmo e divisões** a medida que os grupos se concentravam nos pontos menos essenciais e deixavam de lado os mais importantes. Segundo, a **ausência de relacionamentos que põem em prática as passagens neotestamentárias de “uns aos outros” e de discipulado** (Mateus 28:18-20) produziu uma “letargia espiritual, falta de maturidade crescente e a morte do sentido de missão.”

Em suma, relevantes avanços no cristianismo foram realizados nesse momento histórico, tais como a proposta de unificar as igrejas de cunho protestante, a restauração do modelo de igreja exemplificado no Novo Testamento, a adoção de uma nomenclatura bíblica e o cuidado com tradições e credos que se desenvolveram sem critérios bíblicos. Por outro lado, os equívocos cometidos nos ensinam que devemos estar sempre vigilantes contra os extremos doutrinários e/ou omissões de orientações nitidamente dadas pelo próprio Cristo. O desafio, na verdade, é sempre encontrar o equilíbrio proverbial na prática cristã.

²⁷² (FERGUSON, *Ibidem*, p. 79, tradução nossa)

Capítulo 3

O Surgimento das Igrejas de Cristo Internacionais

As Igrejas de Cristo Internacionais têm raízes em um movimento que remonta ao período do Segundo Grande Despertamento da América do início do século XIX. O propósito do Movimento de Restauração era, como o próprio nome diz, restaurar a igreja do Novo Testamento, ou seja, um retorno aos princípios e práticas presentes nas comunidades cristãs do primeiro século.

Várias igrejas foram formadas com base no ideal desse movimento, sendo que um grupo dessas igrejas se constituiu sob o nome de Igrejas de Cristo. As Igrejas de Cristo, surgidas em 1906, interpretavam o Novo Testamento como única fonte do que era permissível em matéria de culto e doutrina. Assim sendo, dentre outros aspectos, rejeitaram inteiramente o uso de instrumentos musicais e concluíram que não havia justificativa para qualquer organização além da congregação local. Após experimentar um grande crescimento inicial, o movimento foi sofrendo divisões que se baseavam, muitas vezes, em questões não essenciais da fé cristã.

3.1. Movimento *Crossroads*

A década de 60 foi marco de várias mudanças culturais e comportamentais no Ocidente. Os jovens daquela geração viram florescer a Contracultura, caracterizada, por exemplo, pelo movimento *Hippie*. Esse clima de mudanças influenciou também os jovens cristãos da época. Em meados dos anos 1960, alguns membros da equipe da ***Broadway Church of Christ***, em Lubbock, no Texas, embora não estivessem envolvidos nos ministérios estaduais universitários, foram fortemente influenciados pelo trabalho evangelístico da organização ***Campus Crusade for Christ*** e conceberam um modelo diferente de ministério universitário, que seria quase inteiramente centrado no evangelismo. Denominando-se ***Campus Evangelism*** (CE), eles patrocinaram uma série de seminários projetados para encorajar o início de novos ministérios universitários. O plano consistia em estabelecer ministérios universitários juntamente às Igrejas de Cristo estabelecidas próximas a *campi* das universidades espalhadas em todo os Estados Unidos.

Bill Bright, presidente da *Campus Crusade*, foi convidado para falar no primeiro desses seminários, em 1966. Um segundo seminário foi realizado em 1968, em Dallas,

ambiciosamente chamado Seminário de Evangelismo Universitário. Mais de 1.000 pessoas participaram, e nesse evento o CE anunciou que patrocinaria um projeto piloto na Universidade da Flórida, em Gainesville, que seria liderado por **Charles (Chuck) Lucas**, filho e neto de presbíteros respeitados nas Igrejas de Cristo.

O projeto se iniciou em **1967** e logo passou a ser conhecido como **Igreja de Cristo Crossroads**. Com o suporte dos presbíteros locais, Chuck Lucas passou a introduzir inovações no ministério, tendo uma metodologia direcionada a um forte enfoque evangelístico, crescimento numérico e no apoio mútuo entre os membros, com base em princípios tomados emprestados da *Campus Crusade*. Entre as práticas ministeriais havia o que se denominava *soul talks* (ou conversas de alma), que eram encontros onde os membros convidavam amigos e conhecidos para uma discussão bíblica e também os **companheiros de oração**, que eram parcerias entre discípulos mais novos e mais velhos na fé para ajuda mútua, assistência pessoal e direção.

O ministério cresceu à medida que os membros mais jovens apreciavam muitas dessas inovações. O ministério universitário em Gainesville prosperou e fez jus ao forte suporte oferecido pelos presbíteros da congregação local na Igreja de Cristo Crossroads. Em 1971, cerca de cem pessoas por ano se juntavam à igreja. Uma das iniciativas que mais chamou a atenção foi o desenvolvimento de um programa de treinamento para potenciais ministros universitários. Em meados dos anos setenta, vários membros jovens, homens e mulheres, haviam sido treinados para replicar a filosofia e os métodos da Igreja Crossroads em outros locais. O plano era que cada um deles iniciasse uma extensão nos *campi* universitários usando a igreja local como base. Muitos dos ministros que foram treinados na Igreja de Cristo Crossroads passam a iniciar seus ministérios universitários, sendo que muitos deles alcançaram grande crescimento numérico.

O sucesso evangelístico de Crossroads foi altamente atraente para outras igrejas. Muitos ministros jovens treinados foram contratados por igrejas ansiosas por um alcance mais efetivo. Em muitas, talvez na maioria dessas comunidades, o número de batismos aumentou dramaticamente. No entanto, líderes locais da igreja, em breve, descobriram que os ministros treinados em Crossroads buscavam seus mentores na Flórida para orientação e formaram uma crescente rede nacional, nem sempre inclinada a aceitar a liderança dos presbíteros locais. Com isso, uma nuvem de controvérsias começou a se irradiar entre os ministérios universitários em todo o país. Os líderes locais começaram a questionar o que consideraram atitudes autoritárias por parte desses ministros universitários e controle excessivo sobre os novos convertidos. Os ministros orientados

por Crossroads, por sua vez, acreditavam que a oposição revelava a falta de compromisso das igrejas existentes, cujos líderes e membros estavam satisfeitos com uma espécie de religião que exigia pouco de seus adeptos. A desconfiança mútua e a recriminação tornaram-se cada vez mais dominantes. Os atritos ocorridos entre os jovens ministros universitários e os presbíteros locais influenciaram posteriormente o formato de liderança das Igrejas de Cristo Internacionais.

3.2. Igreja de Cristo de Lexington e o Movimento de Boston

Entre os primeiros convertidos em Gainesville havia um aluno chamado Kip McKean, que foi orientado pessoalmente por Chuck Lucas. **Thomas 'Kip' McKean**, nascido em Indianápolis, Indiana, foi diplomado durante o treinamento em Crossroads e depois serviu como ministro universitário em várias igrejas de Cristo. Posteriormente, ele foi chamado para a *Heritage Chapel*, Igreja de Cristo em Charleston, Illinois, iniciando, assim, uma extensão do “ministério multiplicador” nessa Universidade. Apesar de ter sido bem-sucedido, não demorou muito para que alguns membros da Igreja questionassem seu sistema de disciplina e fizessem críticas a sua forma de condução da igreja. Após desentendimentos com outros líderes, que não concordavam com as suas técnicas de liderança, em 1979, Kip e sua esposa Elena se transferiram então para a igreja de **Cristo de Lexington**, cidade do Condado de Middlesex, em Massachusetts, próxima a Boston (que logo seria chamada de **Igreja de Cristo de Boston**). Tomando como base a metodologia de ministério de Chuck Lucas, McKean só concordou em liderar a igreja em Lexington desde que todos os membros concordassem com seus planos e a convicção de todos os membros estarem “totalmente comprometidos”.

Sendo assim, a agora denominada Igreja de Cristo de Boston passou a ter um grande crescimento. A igreja cresceu de 30 membros para 3.000 em pouco mais de 10 anos e se tornou conhecida como o **Movimento de Boston**. Nessa época, os líderes da igreja de Boston começaram a “reconstruir” congregações existentes, excluindo membros que não aceitavam o que era proposto como modelo de igreja e rebatizando muitos dos que ficaram. Desse modo, as relações entre o que agora era chamado de Movimento de Boston e a irmandade maior das Igrejas de Cristo tornaram-se cada vez mais tensas. O nível de desconfiança mútua e o crescente ambiente de julgamento finalmente levou a um cisma aberto. Achando este processo disruptivo e pesado, no entanto, eles se voltaram cada vez mais para o estabelecimento de novas congregações onde não haveria oposição.

3.3. As Igrejas de Cristo Internacionais

Nesse período também foi desenvolvida a série de estudos **Princípios Básicos** para auxiliar na conversão de pessoas. O estudo que mais causou impacto foi o de Discípulo, que se baseou no estudo de Senhorio de Jesus, já desenvolvido pelas Igrejas de Cristo, acrescido de uma convicção pessoal de Kip McKean baseada em Atos 11:26²⁷³, no qual ele cristalizou a **equação discípulo = cristão = salvo**. Essa equação ensinava que a salvação estaria relacionada com o fato de uma pessoa se tornar um discípulo que, por outro lado, seria o mesmo que um cristão. Doutrinariamente, esse ensinamento se tornou um grande diferencial em relação ao corpo das Igrejas de Cristo.

Em 1986, o *The Christian Chronicle*, que serviu como jornal não oficial para as Igrejas de Cristo, anunciou que já não mais veicularia outras notícias sobre as igrejas do Movimento de Boston. No final de 1988, as igrejas no Movimento de Boston eram, para todos os efeitos práticos, uma irmandade distinta, iniciando um período de quinze anos durante o qual não haveria praticamente nenhum contato com o que eles chamaram de Igrejas “tradicionais” de Cristo. Aqueles que desejavam ministrar no Movimento de Boston começaram a se mudar para Boston para treinamento, ganhando aceitação como líderes. Uma distinta hierarquia e um sistema teológico e organizacional cada vez mais distinto se desenvolveram.

Paralelamente a isso, a Igreja de Cristo de Boston começou a implantar novas congregações a uma velocidade sem precedentes para a Igreja de Cristo na época. A congregação de Boston enviou implantações de igrejas para Chicago e Londres, em 1982, e para Nova York pouco depois. Logo após, passou a se concentrar cada vez mais no evangelismo mundial. Em 1987, implantou novas igrejas em Chicago, Nova York, Toronto, Londres, Paris, Bombaim (Mumbai), Tóquio, Cidade do México, São Paulo e Buenos Aires. E “reconstruiu” igrejas em Atlanta, Kingston e Sydney. Mais tarde, grandes congregações seriam estabelecidas em Hong Kong, Johannesburgo e Moscou.

Na década de 80, Kip McKean se tornou a principal referência do movimento de discipulado. Em 1985, Chuck Lucas foi desligado da Igreja Crossroads, em razão de problemas espirituais. Com isso, McKean tornou-se a principal referência do movimento e passou a atrair vários membros de outras Igrejas de Cristo, incluindo muitos dos que foram treinados por Chuck Lucas na Igreja de Cristo Crossroads. Para consolidar a sua

²⁷³ **Atos 11:26c:** Em Antioquia, os **discípulos** foram pela primeira vez chamados **cristãos**.

liderança, McKean empreendeu uma série de mudanças no movimento – a denominada **obra de restauração**. Separou-se definitivamente das Igrejas de Cristo tradicionais considerando-as uma denominação morta. Exigiu um compromisso radical com o evangelismo, exigiu um discipulado de um a um sem exceção e exigiu compromisso total do crente com a igreja. Além disso, Kip tinha desenvolvido a ideia de que a Bíblia só estabelece uma igreja por cidade. Esta interpretação prepararia o caminho para a posterior doutrina de **uma única verdadeira igreja**.

Em 1988, a Igreja de Cristo Crossroads, que havia patrocinado o início da Igreja de Boston, desligou-se oficialmente do grupo. McKean foi nomeado o líder indiscutível do movimento, assumindo o título de **Evangelista de Missões Mundiais**. À medida que o movimento crescia internacionalmente, ele e outros líderes desenvolveram um sistema de controle centralizado, acreditando que uma organização mundial era essencial para continuar a expansão da igreja no mundo. McKean nomeou nove **líderes de setor mundial**, a quem ele encarregou de dirigir o movimento em seus respectivos setores do mundo. Dois deles foram designados presbíteros, encarregados de fortalecer todas as igrejas e desenvolver uma iniciativa internacional para os mais necessitados.

Em 1989, o **Seminário de Missões Mundiais de Boston** contou com a participação de 12 mil pessoas de muitas nações. Durante o seminário, as equipes foram oficialmente enviadas para Tóquio, Honolulu, Washington DC, Manila, Miami, Seattle, Bangkok e Los Angeles. Em dezembro daquele ano, a família McKean se mudou para Los Angeles para liderar uma nova igreja, implantada alguns meses antes. McKean planejou para que esta igreja fosse a mais proeminente no Movimento, chamando líderes de vários outros locais para se mudar para Los Angeles. Com isso, dentro de poucos anos Los Angeles, e não Boston, tornou-se o centro do movimento. No auge (1999), a igreja de Los Angeles atingiu uma assistência de domingo de 14.000 pessoas.

Em 1992, John Vaughn, ministro da igreja Southern Baptist e ex-instrutor da Southwest Baptist University em Bolívar, Missouri, apelidou o movimento de **Igreja de Cristo Internacional** (ICI ou ICOC – International Church of Christ). Os líderes do movimento consideraram essa designação atrativa e a adotaram. Alguns se perguntavam se o nome era enganoso, uma vez que as Igrejas “tradicionais” de Cristo tinham muito mais membros fora dos Estados Unidos do que a ICOC. Em qualquer caso, a ICOC certamente teve uma visão intencionalmente internacional, no sentido de espalhar o evangelho ao redor do mundo, com a expansão da família de igrejas para todos os continentes e países da terra. As igrejas ligadas ao grupo deixaram de constar no catálogo

das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos. Foi nesse ano também que Kip McKean escreveu o documento **Revolução através da restauração - Parte I: De Jerusalém a Roma. De Boston a Moscou**, no qual faz um relato pessoal do início do movimento.

Em 1994, McKean e os líderes de setor mundial desafiaram o movimento a implantar pelo menos uma igreja em todas as nações que possuíssem uma cidade com no mínimo 100.000 habitantes, até o ano 2000. O crescimento continuou a ser intenso. O enfoque em crescimento e implantações de igrejas foi evidenciado em detrimento do cuidado com os membros da igreja e de suas necessidades. Em 1999, quarenta e duas igrejas nas principais cidades de vinte e cinco países tiveram uma assistência semanal de mais de mil pessoas, algumas com mais de 10.000 pessoas. O objetivo estabelecido em 1994 foi alcançado em 2000, com 403 igrejas em 171 nações ao redor de mundo. Nesse ano, McKean escreveu **Revolução através da restauração - Parte II: A Igreja do século 20**, prosseguindo em sua visão do desenvolvimento da ICI. O movimento também criou uma entidade benevolente de ação global, o **Hope Worldwide**, reconhecido pelas Nações Unidas.

3.4. Expansão e esgarçamento da estrutura mundial da ICI

Ao mesmo tempo, no entanto, à medida que o número de implantações de igrejas crescia, passou a existir um declínio lento e constante da taxa de crescimento global do movimento. As expectativas e pressões para alcançar metas de ofertas e a perda de líderes locais para novos projetos de implantação cobraram seu preço. Em algumas áreas, grandes diminuições na membresia começaram a ocorrer. As expectativas para o crescimento numérico contínuo e a pressão para se sacrificar financeiramente para apoiar os esforços missionários cobraram seu preço. Ao mesmo tempo, a compreensão era crescente de que os custos acumulados de estilo de liderança e práticas ministeriais associadas superavam os benefícios. Intensificaram-se os abusos de autoridade entre liderança e membros, gerando um ambiente propício para mágoas e ressentimentos nas igrejas e entre igrejas. Acentuaram-se as críticas de pessoas de fora da igreja, ex-membros e também de membros, que ressaltavam o controle exercido nas vidas das pessoas.

Em 2001, os pecados da liderança de McKean afetaram sua família. A filha mais velha do casal McKean se desvinculou da igreja. A autoridade moral de McKean como líder do movimento foi questionada e ele foi convidado, por um grupo de presbíteros mais antigos das Igrejas de Cristo Internacionais, a se ausentar temporariamente da liderança

geral do Movimento. Em 12 de novembro de 2001, McKean emitiu uma declaração de que tirar um período sabático de seu papel de liderança na igreja.

3.5. O artigo de Henry Kriete

O período após a saída de McKean incluiu uma série de mudanças nas Igrejas de Cristo Internacionais. Algumas mudanças foram iniciadas pelos próprios líderes e outras trazidas pelos membros. A contribuição mais notável foi a de **Henry Kriete**, um dos líderes da Igreja de Cristo Internacional de Londres, que circulou uma carta aberta²⁷⁴, detalhando sua visão a respeito dos problemas que acometiam as Igrejas de Cristo Internacionais, destacando quatro críticas principais feitas à Igreja com relação a questões doutrinárias e práticas:

1. Autoridade e controle;
2. Liderança hierarquizada e organização piramidal;
3. Exclusivismo e elitismo; e
4. Espírito orgulhoso do sucesso numérico.

O artigo de Kriete repercutiu de forma bastante intensa em todas as Igrejas de Cristo, em maior ou menor grau. Nem todas as Igrejas de Cristo Internacionais ao redor do mundo estavam vivenciando o cenário descrito por Kriete em sua totalidade, mas, de qualquer modo, isso contribuiu para revelar a situação geral das igrejas e acabou gerando uma série de renúncias de líderes em todo o mundo. Em todo esse cenário caótico de desorientação da liderança principal da igreja, muitos membros deixaram a igreja, no mundo todo, inclusive no Brasil. Diversas cartas de desculpas foram enviadas pelos líderes para os membros, detalhando os erros da igreja e anunciando mudanças na condução das congregações. A rede de discipulado entre membros e igrejas se desfez. Um período longo de reflexões sobre a igreja se iniciou desde então e, de certa forma, prossegue até hoje.

3.6. Reestruturação da ICI

Em 2006, foi estabelecido o **Plano de Cooperação Unida**. A iniciativa buscou estabelecer uma ação conjunta entre as igrejas, sem vinculação hierárquica, mas com base em uma visão de interdependência e necessidade de comunhão entre as igrejas. A

²⁷⁴ A tradução em português deste artigo pode ser encontrada no endereço eletrônico: <https://bit.ly/2B4qo5o>. O texto original em inglês, com o título de **Honest to God**, pode ser obtido em: <https://bit.ly/2LsTgrE>, acessado em 17 de janeiro de 2019.

liderança central foi substituída por um **acordo de cooperação**, com mais de 90% das igrejas assinando sua adesão a esse novo sistema de coordenação global.

Ao longo do tempo, McKean tentou reafirmar sua liderança sobre as Igrejas de Cristo Internacionais, mas foi rejeitado. Os presbíteros, evangelistas e mestres escreveram uma carta a McKean expressando a preocupação de que não se via nitidamente em sua vida frutos do arrependimento por seus pecados, cometidos durante a liderança e reconhecidos publicamente. McKean, então, começou a criticar algumas das mudanças que estavam sendo feitas. Depois de tentar dividir as Igrejas de Cristo Internacionais, ele foi desassociado em 2006 e fundou um movimento de igrejas que se denominou **Igreja Cristã Internacional**.

Apesar de todos os problemas e desafios enfrentados, há que ressaltar as preciosas contribuições que a ICI tem dado à comunidade cristã nos dias atuais. Não se deve menosprezar a ênfase das Igrejas de Cristo Internacionais em maior ou menor escala no tocante ao evangelismo, aos relacionamentos profundos construídos pelas parcerias de discipulado, ao enfoque missionário, à transformação das vidas de muitos indivíduos, ao compromisso cristão e outras tantas contribuições que se mantêm como essência do Movimento.

Em 2010, a Equipe de Serviço de Evangelistas formulou o **Plano de Visão 2020**, no qual todas as trinta e duas famílias regionais de igrejas tinham o foco de evangelizar sua área geográfica do mundo. O plano englobava a necessidade de fortalecer as pequenas igrejas existentes e implantar novas igrejas. Eles planejaram construir e fortalecer essas igrejas por meio de uma abordagem de melhores práticas para o ministério: supervisionar e apoiar essas igrejas através de fortes relações regionais e fornecer treinamento adicional para seus ministros e congregações, através da recém-formada **Academia de Treinamento de Ministério**²⁷⁵. A intenção é fornecer coordenação e cooperação global por meio de Equipes de Serviço que se especializariam em Ministério Universitário, Ministério de Jovens, Ministério da Família, entre outros.

As Igrejas de Cristo Internacionais formam hoje uma família de 650 igrejas em 155 países. As 650 igrejas formam 32 famílias regionais de igrejas que supervisionam o trabalho missionário em suas respectivas áreas geográficas de influência. Cada família de igrejas regionais envia delegados representantes para uma conferência de liderança anual, na qual se reúnem para orar, planejar e agir cooperativamente. No momento atual,

²⁷⁵ <http://icocmta.com/>

encontra-se em execução um novo plano de organização da ICI, denominado ICOC 2.1, com cinco frentes de trabalho: comunicação, finanças, resolução de conflitos, missões e estrutura.

Capítulo 4

A Igreja de Cristo Internacional do Brasil

O que se pretende neste capítulo é uma breve narrativa dos primeiros 30 anos da Igreja de Cristo Internacional (ICI)²⁷⁶ no Brasil. Ela é breve enquanto narrativa, mas não enquanto período histórico. Três décadas são tempo suficiente para formar uma nova geração e para transformações dentro e fora da Igreja. Também é breve porque ela aparece circunscrita num objetivo mais amplo, isto é, refletirmos sobre momentos-chave desse período que vai de 1987 até 2017, com o intuito de aprendermos a viver o presente, em paz com o passado e sem medo de sonhar com o futuro. Com isso, teremos ainda outros elementos que nos auxiliarão a nos localizarmos dentro da grande história do povo de Deus no mundo desde a Criação.

O rigor que implica a narrativa da história, no caso que nos cabe, a saber a narrativa da fé de homens e mulheres, com seus erros e acertos, exige um duplo exercício. Primeiro, que tomemos como base o ensinamento de Paulo, deixado na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 2, versículos 12 ao 16:

Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente. Delas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais. Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente. Mas quem é espiritual discerne todas as coisas, e ele mesmo por ninguém é discernido; pois "quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?" Nós, porém, temos a mente de Cristo.

Nosso esforço consiste no exercício de interpretar, na história da ICI, verdades espirituais, entendendo-as a partir de um olhar guiado pelo Espírito. No limite, trata-se de recuperar o gesto que busca discernir espiritualmente nossa história. Ela é uma história gerada pelo Espírito de Deus, isto é, muito daquilo que foi construído está amparado nas Escrituras, na fé e, portanto, foram guiadas pela mente de Cristo; e, ao mesmo tempo, é também a história de uma igreja que algumas vezes desviou-se do ensinamento saudável,

²⁷⁶ Daqui em diante usaremos a sigla ICI quando nos referirmos à Igreja de Cristo Internacional.

justamente porque os homens e mulheres se desviaram da mente de Cristo, portanto, da sabedoria com a qual nos guia o Espírito Santo de Deus.

Segundo, até aqui nos coube o esforço espiritual de narrar a história da Igreja de Cristo e sua jornada dentre eras (desde o chamado de Cristo, do aproximar do Reino de Deus, até o presente, com particular atenção na formação das Igrejas de Cristo Internacionais). Seria impossível fazer um trabalho curto e rigoroso que percorresse esses dois mil anos de história, que se iniciou com o largar das redes dos primeiros discípulos (Marcos 1:14) e que segue em curso em pleno século XXI, no qual o Reino de Deus segue perpétuo e inabalável entre nós e sua Igreja, espalhada pelo mundo. Como parte desse mistério, e por que não dessa aventura de fé, situamos a ICI.

No entanto, até aqui tratamos de olhar essa grande história como quem a observa de um lugar panorâmico. Ou seja, olhamos como quem a vê do alto, o chamado olhar de pássaro, e mira o horizonte mais longínquo e as formas mais distantes e as vê com relativa clareza, assim como vê as mais próximas. Em outras palavras, a história de fé que tratamos de analisar até então diz respeito ao passado de homens e mulheres com os quais não interagimos, pois não fomos sujeitos dessa história. Como observadores num lugar privilegiado podemos, através de livros e documentos, conhecer essa trajetória, estudá-la, comentá-la, criticá-la, reconhecê-la e sobretudo aprender e nos apropriar dela.

Até aqui a história da Igreja foi nosso objeto de estudo e nosso papel como sujeito foi de analisar e estudar os documentos para, por meio do Espírito e do dom dado por Deus a cada um de nós, conhecer e aprender dessa rica trajetória e, de alguma forma, torná-la acessível para outros leitores. Esse trabalho árduo, esperamos ter cumprido dentro dos nossos limites. Agora, porém, ao escrevermos sobre a história da Igreja de Cristo Internacional do Brasil, é justamente de nós que estamos falando. O objeto é o próprio sujeito. Ademais, temos poucos documentos arquivados, e nenhum livro sobre a história da nossa igreja foi publicado até o presente. Nossas principais fontes para compor essa parte de nossa história foram entrevistas e conversas com alguns irmãos mais antigos, além de nossas próprias experiências. Assim, temos agora uma visão privilegiada de outra natureza, mas não de olhar a história como quem olha um passado do qual não fez parte. Isso não nos assusta, na verdade nos encoraja e nos desafia, uma vez que foi dessa posição que Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos.

Não que nossa inspiração seja aquela que soprou aos ouvidos de Lucas. Mas nos sentimos numa posição similar, evidentemente guardando as devidas proporções, e humildemente rogamos a Deus que nos conduza a narrar com verdade, com amor, com

graça e cheios de fé. O exercício que fazemos é próximo daquele do historiador movido por fé, e menos do juiz. Como sujeitos que fizeram parte dessa história, tomamos conhecimento dela na carne, no coração, na mente.

Torna-se importante ressaltar que nossa intenção com a empreitada de escrever este resumo histórico²⁷⁷ é, sobretudo, uma tentativa de organizar num documento nossa visão sobre alguns eventos que vivemos como igreja. Não temos a pretensão de sermos exaustivos ou perfeitos na interpretação dos acontecimentos. Almejamos, com isso, contribuir com as futuras reflexões e conversas sobre nossa história e identidade, esperando que outros textos ou depoimentos venham somar a esta singela e imperfeita contribuição. Esperamos ainda que esse exercício traga paz aos corações dos envolvidos, além de alegria, misericórdia, perdão, visão, sonho, transformação, conversão, fé, esperança e amor. Essa é nossa oração. Prossigamos a nossa história.

Como fim meramente metodológico, vamos definir cinco fases fulcrais da Igreja de Cristo Internacional do Brasil. A primeira delas, nomearemos **fase de implantação**: o nascimento de um sonho; que vai de **1986 a 1988**. A segunda, **fase de estruturação**: a formação de uma estrutura de igreja para enfrentar, enquanto modelo de liderança, o crescimento acelerado; que vai de **1988 a 1993**. A terceira, **fase de liderança nacional**: quando a liderança constitui maior autonomia em relação aos EUA; que vai de **1993 a 1998**. A quarta, **fase de estruturação de megaigrejas**: quando se pensou em construir grandes igrejas ao redor do mundo, sendo São Paulo escolhida pela liderança central do movimento para ser uma dessas megaigrejas; que vai de **1998 a 2003**. Por fim, temos o período que nos alcança atualmente (**2003-2018**), que chamamos de **fase de reconstrução**: momento de aprendizado com a disciplina de Deus e de reconstrução de fé e sonho para servir a Cristo por meio de práticas bíblicas mais saudáveis possíveis, mantendo aquilo de bom da nossa história e deixando aquilo que não é saudável para trás. Essa fase se destaca das anteriores em termos da estruturação hierárquica de liderança, pois até 2003 a ICI no Brasil refletia a rígida estrutura de liderança centralizada e hierarquizada, normalmente reproduzida mundo afora desde o nível local até o patamar mundial. O ano de 2003, com seus acontecimentos ímpares, tornou-se, então, um divisor de águas para a ICI, um ponto de inflexão em nossa história. Ainda estamos passando, no Brasil (cada Igreja local a seu tempo e à sua maneira), pelo caminho da reconstrução, isto

²⁷⁷ Três décadas de história das ICIs no Brasil.

é, encontrar a prática saudável da fé cristã na relação com Deus e com o outro e, portanto, na edificação da Igreja, onde o cabeça é Cristo.

Antes de adentrarmos devidamente o texto narrativo, cabe fazermos algumas ressalvas importantes para evidenciar ao leitor os aspectos relevantes da estrutura textual. O centro da nossa análise é a Igreja de Cristo Internacional de São Paulo. As outras igrejas do Brasil aparecem na nossa narrativa no sentido de apontar sua origem e alguns acontecimentos chave. De certa maneira, nosso entendimento é de que as outras igrejas do país (Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Brasília, Recife, Guarulhos, Porto Alegre e Campinas)²⁷⁸, com suas diferenças culturais e seguindo o pensamento que cada liderança levou a cabo segundo suas particularidades, sofreram um fenômeno de caixa de ressonância daquilo que acontecia em São Paulo. Isto é, que em linhas gerais, até o ano de 2003, a estrutura e direção construída em São Paulo era replicada com pequenas variações para as outras igrejas do país, seguindo o modelo de estrutura de liderança das Igrejas de Cristo Internacionais. Não estamos, com isso, dizendo que não houve experiências em Igrejas locais diferentes daquelas de São Paulo; no entanto, para os objetivos deste artigo, entendemos que a experiência de São Paulo ditou o ritmo e a estrutura de igreja para o restante do país, no que diz respeito à nossa família de igrejas. Nesse sentido, este artigo traz uma narrativa que levanta tanto aspectos positivos quanto negativos que, em linhas gerais, caracterizaram as Igrejas de Cristo Internacionais no Brasil. Em nosso entendimento, desde o início das ICIs, Deus imprimiu com nitidez e profundidade no coração de nossos irmãos alguns aspectos centrais do evangelho, cuja prática contribui muito para a obra de Deus e para a comunidade à nossa volta. Listamos, na sequência, alguns desses tópicos, orando para que os conservemos e os fortaleçamos na continuidade de nossa jornada de fé.

- **Relacionamento com Deus:** as igrejas ergueram-se com forte compromisso com Deus e profundo zelo e senso de obediência à sua Palavra. Decisões de arrependimento pessoal, confiança na graça salvífica de Deus, constância no culto pessoal de adoração diária (tempos com Deus) e vida na luz são marcas características da ICI. Tudo era precipuamente realizado por causa de Deus e para Deus. A centralidade da mensagem da cruz e a esperança advinda da ressurreição de Cristo eram os fundamentos de nossa conduta cristã.

²⁷⁸ As Igrejas de Goiânia e Ribeirão Preto não fazem parte desse momento histórico, por isso não aparecem na lista.

- **Coração:** nas comunidades locais, incentivava-se e ensinava-se a lidar espiritualmente com o centro de vida do nosso ser, o coração. Permitir ao evangelho alcançar e moldar mente, sentimentos e vontade, foi uma tônica da igreja desde o seu início. Isso conduzia ao conhecimento mais profundo da natureza humana e à comunhão mais íntima com o Criador, abrindo caminho para o despir da velha criatura e o revestimento de Cristo.

- **Relacionamento com o próximo:** as igrejas desenvolveram-se compromissadas com a irmandade de discípulos, perseguindo a visão do discipulado bíblico (formação de Cristo em nós, por meio da ação do Espírito Santo, muitas vezes usando irmãos como instrumentos). Os cristãos primaram por seguirem a Cristo como discípulos e fazerem novos discípulos, conforme a indiscutível vocação missionária da igreja.

- **Movimento:** a igreja também cresceu com a disposição de seguir a direção do Espírito Santo, num movimento que alcançaria todo o mundo. Isso implicava na abertura constante para mudanças, sob a direção de Cristo, o Senhor da igreja e Pastor do rebanho, o que leva ao aprofundamento de convicções bíblicas e ao alcance efetivo das necessidades da sociedade, de acordo com cada cultura e momento histórico. Nesse sentido, a ICI chegou ao Brasil suprindo lacunas de práticas pouco vistas no cenário religioso brasileiro na década de 80, com um modelo bastante inovador e revolucionário para aquela época: encontros e cultos em casa, relacionamentos acima da ideia de membresia, ênfase no conceito de discipulado e atuação evangelística nos *campi* universitários, o que de fato inaugurou uma prática cristã bastante nova dentro das universidades brasileiras²⁷⁹.

Com o propósito de nos auxiliar no aprofundamento dessas convicções, tão preciosas para nossa família de igrejas, procuramos concatenar alguns tópicos teológicos para reflexão. A primeira parte deste documento (Perspectiva Teológica) traz um apanhado de assuntos envolvendo a Igreja do Senhor Jesus, tais como: a Igreja no contexto do Reino de Deus, a Igreja e a natureza de Deus, a Igreja no contexto das alianças bíblicas e as metáforas bíblicas que envolvem a Igreja.

Da mesma forma, desvios da sã doutrina e da prática cristã saudável acompanham a narrativa do texto. Como há o aspecto humano na construção da igreja e estamos ainda envolvidos em terrível batalha espiritual, é possível verificar, ao longo de toda a história,

²⁷⁹ Para os cristãos mais jovens, esse aspecto parece não ser tão relevante, justamente porque o movimento evangélico cresceu tanto no país que muitas dessas práticas não são desconhecidas ou inovadoras na atualidade (2018).

desde os registros inspirados do Novo Testamento, situações nas quais houve grande distanciamento dos princípios de Deus. Sobre o relato de aspectos pecaminosos ocorridos nos trinta anos iniciais da ICI no Brasil, acreditamos que podemos tomar como base o artigo²⁸⁰ escrito por Henry Kriete, datado de 02/02/2003, e amplamente divulgado no contexto da ICI a partir daquele ano. Essa carta redigida por Henry expôs com clareza, fundamentação e riqueza de detalhes as principais mazelas que representaram o desvio de fé e prática bíblicas por parte da ICI ao redor do mundo. Identificamos que os apontamentos contidos no documento guardam consonância com o desenvolvimento histórico da ICI no Brasil. Observamos que sutilmente nossas forças tornaram-se nossas fraquezas por meio de um enganoso desvio da prática cristã na igreja. De forma resumida, agrupamos tais desvios nos tópicos seguintes.

- **Relacionamento com Deus:** por vezes, humanismo exacerbado e culto à personalidade desviaram o foco de Deus para o ser humano. O sonho humano, com aparência de divino, sobrepujou a límpida direção do Espírito Santo. Em termos de crença, em determinados períodos e locais, a ICI foi confundida com a concretização total do corpo espiritual de Cristo na terra e definida como a única igreja verdadeira e a completude do Reino de Deus, não havendo salvação fora de seus limites visíveis. Em determinadas ocasiões, houve séria confusão quando homens tentaram assumir o papel de Deus, lutando para definir o ritmo de crescimento e a direção geral da igreja, longe do conselho do Supremo Pastor e Senhor do rebanho.

- **Coração:** o foco quase exclusivo em evangelismo e em fazer novos discípulos, associado ao sistema de controle da vida dos cristãos, conduziu a igreja a forte crescimento numérico por um lado, mas por outro acabou produzindo visão atrofiada da vida cristã, carência de conhecimento sobre a natureza de Deus e enfraquecimento espiritual, gerando um aglomerado de discípulos que amavam a Deus, mas eram imaturos emocional e espiritualmente. A consciência de muitos foi contaminada ao deixarem os caminhos justos de Deus para cederem à pressão das práticas, princípios e métodos humanos. O ambiente repressivo para confissão de pecados levou vários cristãos a omitirem suas falhas e até mesmo mentirem sobre seu próprio coração, comprometendo a comunhão com Deus e com o próximo. Muitas vezes, a covardia imperou e não havia coragem para se confrontar os pecados sistêmicos da igreja. Quando alguém jogava luz

²⁸⁰ O artigo redigido por Henry Kriete foi traduzido e pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <https://bit.ly/2B4qo5o>. A carta original em inglês pode ser visualizada no seguinte endereço Web: <https://bit.ly/2LsTgrE>, acessado em 17 de janeiro de 2019.

sobre tais pecados, normalmente era sobrecarregado por culpa, pois as críticas voltavam-se contra quem as apontava, já que, em geral, não eram bem recebidas pela liderança. A coerção humana, ao invés do convencimento pela Palavra e pelo Espírito, contribuiu para a formação de alguns corações farisaicos no meio da comunidade. A integridade pessoal, muitas vezes, foi destruída visando ao alcance de falso conceito forçado de unidade. O medo com relação a Deus e também aos irmãos, especialmente aqueles que ocupavam cargos de destaque na estrutura da igreja, por vezes, dominava os corações.

- **Relacionamento com o próximo:** embora a visão de discipulado seja completamente bíblica, em muitos casos tornou-se como prática um instrumento de controle pecaminoso, o que prejudicou a relação de várias pessoas com a vivência saudável e bíblica do discipulado. Muitas vezes, era perceptível o espírito de competição entre a liderança e também entre os cristãos em geral. Muitos irmãos e irmãs abandonaram o convívio da igreja feridos, desconfiados, culpados e críticos com uma liderança vista como autoritária e ilegítima. Hierarquia e autoritarismo, por vezes, transcenderam os níveis mais altos de liderança e contaminaram a igreja no geral. A hierarquia permeou toda a igreja, definindo muito dos relacionamentos entre igrejas locais e entre irmãos na fé.

- **Movimento:** ao longo dos anos, até 2003, a ICI caminhou para consolidar seu sistema estrutural como uma denominação religiosa cristalizada. Hierarquia e controle formatavam seus contornos. No campo financeiro, ofertas sacrificiais foram, por vezes, direcionadas para se manter a estrutura, em vez de utilizadas de acordo com as necessidades da igreja, da comunidade a sua volta e do avanço do evangelho. Não houve corrupção em termos de roubo ou desvios de recursos, mas houve, da perspectiva espiritual, má gestão das ofertas em determinadas decisões financeiras tomadas. A concepção da ICI como única igreja verdadeira se fortaleceu ao longo dos anos. Muitas vezes, em nossa experiência brasileira, defendeu-se mais as tradições, métodos e fórmulas humanas do que os claros princípios da Palavra de Deus.

Diante disso, é importante enfatizar que, em todos os períodos da história, a ICI não foi completamente dominada quer pelas características mencionadas primeiramente (positivas), o que a tornaria perfeita; quer pelos aspectos mencionados logo acima (negativos), o que a tornaria um grupo totalmente desconectado de Deus. Mas, ao longo do tempo, a luta espiritual se fez presente, tornando-nos um microcosmo dos dois mil anos de história da igreja cristã, na qual nos inserimos.

Feitas as considerações acima, vamos abordar cada uma das fases propostas.

4.1 Primeira fase: implantação (1986-1988)

No ano de 1987, mais precisamente em maio, um grupo de 18 discípulos, entre homens e mulheres, chegaram à cidade de São Paulo como missionários de Cristo. O sonho era basicamente compartilhar a fé em Cristo de uma forma diferente e ousada, batizar e fazer discípulos de Jesus; mais ou menos seguindo o espírito daquilo que definiu o movimento de Boston, herdeiro do *Crossroads*. Na época, a capital já era uma megacidade, com cerca de nove milhões de habitantes, um dos maiores centros financeiros da América Latina e, sem dúvida, a cidade mais dinâmica do país. Foi a primeira cidade do Brasil para a qual foram enviados, segundo um plano evangelístico, discípulos missionários que faziam parte do chamado movimento de Boston, ala de jovens estudantes da Igreja de Cristo. O grupo era formado, na sua maioria, de norte-americanos, alguns de origem latina, cubana e porto-riquenha, por exemplo, e poucos brasileiros, a saber dois: Gabriela Aurbach e Denise Gonçalves.

Por volta de dez meses antes da chegada “oficial” dos missionários de 1987, parte desse mesmo grupo já tinha passado cerca de três meses na mesma cidade brasileira entre junho e agosto de 1986. É importante lembrar que, nessa época, o Brasil vivia ainda certos efeitos da ditadura militar, encerrada em 1985. A entrada de estrangeiros sob a prerrogativa de viagem missionária era malvista e dificultada pelo governo brasileiro.

O intuito dessa primeira viagem (1986) era de familiarização com a língua portuguesa e a cultura brasileira tal qual vivida em São Paulo. Em sua maioria, os missionários não falavam português, embora alguns dominassem fluentemente o espanhol. A viagem de "reconhecimento de terreno" foi batizada de estágio de língua e serviu para lançar os missionários na cultura do país, numa imersão na língua e para recolher, na experiência, as melhores informações para o planejamento de uma vinda definitiva. E foi isso que aconteceu. Esse grupo de 1986 foi liderado por Mike e Anne-Brigitte Taliaferro.

Durante o curto período de três meses que ficaram no Brasil, o grupo congregou com a Igreja de Cristo de Santana, localizada na zona norte da capital. Foi essa Igreja que concedeu carta convite para que esses missionários pudessem tirar o visto, concedido com o propósito de missão. Sem essa carta, seria muito difícil que esse grupo entrasse no país com tanta facilidade.

O grupo foi recebido como membros da Igreja de Cristo e acolhido com bastante entusiasmo. Naquela época já circulava entre as Igrejas de Cristo rumores de alerta, ora positivos, ora negativos, sobre esse grupo de estudantes e suas características. Da parte

da Igreja de Cristo, esse grupo recém-chegado ao Brasil era conhecido como parte do “movimento de discipulado”. Suas principais características eram os estudos bíblicos desenhados para a rápida conversão de pessoas, encontros para leitura e ensino da Palavra (nomeados bate-papos) e evangelismo constante, diário, como estilo de vida. Além disso, uma das características que chamou atenção dos membros da Igreja de Cristo foi propriamente o relacionamento de discipulado. Nessa época tratava-se de um parceiro com quem se abria a vida, buscava-se orientação e ajuda, e recebia direção para seguir em obediência os ensinamentos de Cristo. Já havia nessa época uma espécie de relacionamento mestre e discípulo. De maneira geral, essas práticas baseavam-se em princípios retirados de Mateus 28:18-20.

Essa primeira experiência dos missionários foi bem ativa. A melhor forma que o grupo encontrou para o aprendizado da língua foi via interação, sobretudo por meio do evangelismo de rua. Os discípulos circulavam entre metrô e ônibus, e convidavam as pessoas para estudar a bíblia ou participar dos chamados bate-papos. Algumas dessas pessoas chegaram a se converter e foram batizadas. Cerca de 17 novos discípulos começaram a congregar com a Igreja de Cristo em Santana.

Ao final dos três meses, o grupo de missionários voltou para Nova Iorque, cidade onde se localizava a igreja matriz que enviou e treinou os missionários que vieram para São Paulo.

Após cerca de 10 meses de treinamento nos Estados Unidos, o time missionário retornou ao Brasil em caráter definitivo. O grupo foi acrescido de Denise Gonçalves e Jim Brown, sendo que ele chegou antes dos demais, em março de 1987, para procurar moradia e lugar para as reuniões da nova igreja. No âmbito internacional, já se anunciava uma possível divisão entre o movimento de discipulado e a Igreja de Cristo. Isso afetou diretamente a vinda dos missionários que, dessa vez, diferente da experiência de 1986, não tiveram a carta convite concedida pela igreja de Santana. Vivian Rivera, uma das missionárias que não contou com suporte financeiro da Igreja de Nova Iorque, uma vez que sua vinda foi possível devido à transferência atrelada ao seu trabalho, tornou-se um apoio para o time e pode atestar, junto ao setor de imigração brasileiro, os objetivos dos missionários estrangeiros, abrindo caminho para a concessão do visto.

O espírito do grupo missionário era caracterizado por uma atmosfera de amor e desejo de aprender e vivenciar a cultura do país, mais precisamente de São Paulo. A liderança de Miguel e Anne-Brigitte Taliaferro, segundo os missionários e os primeiros discípulos convertidos por esse movimento, era cheia do Espírito. Eles eram criativos e

vieram com os corações prontos e abertos para aprender a cultura. O grupo era encorajado, instruído a confiar que Deus agiria por meio do poder da sua Palavra e do Espírito Santo. Eles oravam constantemente e rogavam a Deus para que seus corações fossem transformados em brasileiros.

O primeiro encontro, no modelo de bate-papo, aconteceu na casa de Martin e Angela West com parte do grupo original²⁸¹, que chegara em março de 1987. Esse bate-papo contou com a participação de alguns amigos visitantes. Esse foi o primeiro encontro evangelístico oficial do ano de 1987.

Alguns estudos bíblicos com discípulos norte-americanos eram uma verdadeira mímica. Sem condições de expressar em palavras claramente o que eles gostariam de ensinar, a opção era abrir a Bíblia, convidar os amigos a lerem a passagem e, após o término da leitura, apontar e gesticular alguma forma de incentivo, ou desafio, ou convite, ou ensino, ou correção. Não obstante, a passagem inicial de cada estudo era Hebreus 4:12-13. Cada um que viveu os primeiros meses de missão no Brasil era desafiado, na vida, a confiar que a Palavra é viva e capaz de penetrar no mais íntimo do espírito humano e julgar os pensamentos e intenções do coração.

De fato, a experiência missionária desse grupo foi bastante saudável. A principal característica, ao ouvirmos os discípulos que foram convertidos nesse período, que definia esse grupo missionário era a sede por amizades profundas e verdadeiras. Alguns missionários estrangeiros, participantes do time de implantação, até hoje expressam espontaneamente e com emoção que parte de seu sangue é brasileiro, tal a importância e o impacto da experiência missionária em suas vidas.

Evidentemente que não se tratava de um grupo de pessoas perfeitas. Mas cremos que o início da Igreja de Cristo Internacional do Brasil, que recebe esse nome apenas em 1991, manifestou muito do fruto do Espírito Santo de Deus (Gálatas 5:22). A alegria era o tempero dos encontros para leitura e ensino da Bíblia nas casas. Eram feitas festas, gincanas, brincadeiras e várias outras atividades que integravam e proporcionavam ambiente propício à construção de amizades. Um dos missionários relatou, por exemplo, que parte do grupo chegou a descer para o Guarujá tão somente para pegar areia da praia para fazer uma festa havaiana. A decoração contava inclusive com uma versão praiana do touro mecânico. Uma prancha de surf era colocada em cima de um galão de 20 litros

²⁸¹ O time que implantou a igreja em São Paulo foi composto pelos seguintes missionários: Angela West, Anne-Brigitte Taliaferro, Chris Ventura, Dennis Downing, Denise Gonçalves, Derek Rivera, Gabriela Aurbach, James Schults, Jim Brown, Kathy Mora, Leslie Hopkins, Luis Garcia, Maribel Hernandez, Martin West, Mary Evans, Mike Taliaferro, Rolando Gonzalez, Vivian Rivera.

d'água. As pessoas subiam e “surfavam” na areia do Guarujá. Quem fosse capaz de ficar mais tempo em pé na prancha ganhava um prêmio.

Relatos assim demonstram que, além do compromisso que levou cada um do time missionário a deixar sua vida nos EUA para abraçar a missão de Deus no Brasil, havia também atmosfera de alegria que permeava a vida na igreja. As pessoas eram convidadas para um grupo de amigos cujo centro dessa amizade era o amor fraternal. Estudar a Bíblia e tornar-se cristão era consequência da comunhão cristã e do trabalho do Espírito no coração daqueles que buscavam a Deus. A foto²⁸² a seguir traz alguns discípulos que participaram da fase inicial da igreja em São Paulo.



Essa era uma experiência ainda pouco conhecida no Brasil, pelo menos dentro desse registro de práticas. A década de 1980 foi um período muito marcado pela hegemonia de católicos no país. Nesses anos, segundo o IBGE, 89% da população se dizia católica e apenas 6,7% evangélica²⁸³. Fora do catolicismo, tomando a religião cristã como base, as outras denominações eram minoria. Os batistas, luteranos e presbiterianos - oriundos de movimentos de tradição reformada - eram a maioria entre os não católicos. Depois deles, apenas a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã tinham alguma representação em termos de membresia.

²⁸² **Fonte:** arquivo pessoal, gentilmente cedido por Rolando Gonzalez.

²⁸³ <http://olharcristao.blogspot.com.br/2016/01/mapa-religioso-2016-e-2020-projecao.html>

Chamava a atenção a originalidade do movimento de discipulado, atrelado à abertura para a fé livre do peso de tradições que já não eram capazes de dialogar com o jovem. A liberdade em Cristo que esse grupo vivia e convidava os outros a viverem era de fato algo inusitado no Brasil.

Curiosamente, como o grupo ainda era braço da Igreja de Cristo, os louvores nos cultos dominicais eram à capela, isto é, todas as músicas eram entoadas apenas com o recurso da voz. Não eram permitidos instrumentos como guitarra, bateria, teclado e outros. O recurso vocal era o único instrumento. Isso gerava certo espanto em alguns, já que um grupo tão inovador em suas práticas tinha essa peculiaridade quanto ao louvor e adoração a Deus.

De qualquer forma, um dos fundamentos importantes que a igreja cultivava era de que a amizade deveria ser o principal caminho para compartilhar a verdade do evangelho. Esse é um princípio bíblico por excelência, uma vez que o próprio Jesus chama seus discípulos de amigos e não de servos (João 15:15). Nesse sentido, os discípulos missionários e os recém-convertidos eram ensinados a estudar a bíblia entendendo que cada pessoa tem uma história diferente, uma origem diferente e que, portanto, não havia uma fórmula para batizar pessoas, cada caso era um caso distinto.

É importante ressaltar que, nessa época, não havia prestação de contas daquilo que estava sendo feito no Brasil para a Igreja em Nova Iorque; muito menos para a liderança principal da igreja no mundo. O grupo veio para o Brasil num contexto de bastante autonomia e confiança. A fidelidade que eles tinham a Deus era o elemento essencial. É claro que se mantinha relação de amizade; a comunicação entre Miguel e Steve Johnson (Nova Iorque) era constante. Mas isso não estava baseado num princípio de hierarquia rígida ou de interferência desmedida, a relação de confiança mútua permitia que o trabalho desse grupo de missionários fosse bastante rico, com saudável interdependência. Em 1988, ainda sob a liderança de Miguel e Anne-Brigitte, o movimento de jovens missionários foi realmente separado da irmandade das Igrejas de Cristo no Brasil. Nasceu, então, a Igreja de Cristo Autônoma de Piratininga — uma alusão a um dos primeiros nomes da cidade de São Paulo, concedido em 1554. A partir daí a igreja deixou de congregar com os discípulos da Igreja de Cristo e formaram um grupo autônomo. Nessa época já eram mais de 50 novos cristãos, convertidos entre 1987 e 1988. A maioria solteiros e estudantes sem filhos, e alguns recém-casados.

Sem dúvida essa foi uma fase da ICI no Brasil diferenciada das demais. Prevalencia o espírito saudável de relacionamentos fortes e a igreja era guiada por uma liderança

relacional. No entanto, alguns dos traços que se mostraram bastante negativos, como resumidos anteriormente, já estavam presentes como sementes nesse período. As convicções sobre única igreja verdadeira já era mencionada, a salvação era ensinada de forma bastante restritiva e mesmo a relação de discipulado já continha o germe da hierarquia e da submissão, como manifestado na expectativa de se obedecer a conselhos como se fossem ordens. Essas características, ainda que germinais nessa fase, com o tempo tornaram-se muito mais ostensivas e prejudiciais à igreja.

4.2 Segunda fase: estruturação (1988 a 1993)

Esse período acentuou a ruptura entre a igreja de Cristo e a comunidade que surgiu a partir do trabalho dos missionários vindos de nova Iorque. Alguns dos missionários que nos concederam entrevistas falaram que a igreja de Cristo, pelo menos os grupos que eles conheceram naquela época em São Paulo, era resistente a algumas atividades mais pungentes de fé, sobretudo evangelismo constante e discipulado, na forma praticada pelo time missionário. Por outro lado, ao tratar com uma igreja mais tradicional, a equipe missionária enxergava os membros da igreja de Cristo como sendo mornos e desinteressados pelo sonho de levar a mensagem de Jesus a todas as nações (Mateus 28:18-20). Em virtude dessa diferença de visão, a ruptura entre os dois grupos se aprofundou. Em nossa percepção, poderia ter se mantido o diálogo, com abertura para mútua influência e ajuda, como deve acontecer com irmãos em Cristo, ainda que se tomassem, naquele momento, rumos diferentes quanto ao modelo adotado para a prática da fé em cada comunidade. No entanto, ao invés disso, a ruptura provocou completo afastamento de ambas as correntes nos anos subsequentes.

O início da década de 90 é marcado por crescimento numérico e estruturação da ICI. Kip McKean havia se tornado líder mundial de missões do movimento (já vimos que somente em 1992 o movimento de Crossroads ou movimento de Boston passou a ser chamado Igreja de Cristo Internacional, “ICI” ou ICOC²⁸⁴, na sigla inglesa, mais difundida internacionalmente). Foi feita uma divisão mundial em setores geográficos (1988), para os quais definiu-se a liderança responsável pelas missões a serem espalhadas pelo planeta. Como exemplo, a igreja de Nova Iorque passou a cuidar da costa leste dos EUA, Caribe e África, enquanto a igreja de Miami responsabilizou-se pela América Latina. Por um lado, essa atitude, eivada por grande fé, pautou-se na busca por clareza e

²⁸⁴ International Churches of Christ (ICOC)

eficiência na alocação de recursos, evitando que estes fossem direcionados em duplicidade para determinada região, enquanto outra permanecesse desvanecida. Por outro lado, a decisão encontrou, em uma estrutura baseada, a princípio, em igrejas regionais nos Estados Unidos responsáveis por formar e financiar missões, um sistema de difusão do evangelho bastante hierárquico e centralizador.

Sendo assim, Nova Iorque, repentinamente, passa a ser uma região responsável por sonhar, auxiliar e implantar igrejas na costa leste dos EUA, no Caribe e na África. Por essa razão, Miguel e Anne-Brigitte Taliaferro foram chamados a deixar o Brasil e se prepararem para missões na África. Uma vez que a maioria do grupo missionário tinha laços de amizade com a igreja em Nova Iorque e com Miguel e Anne-Brigitte, alguns destes deixaram o país na primavera de 1989 e seguiram em missão para a África. Dentre esses, podemos citar Jim Brown, Mary Evans, Leslie Hopkins e Alcides Morais.

Como a maioria dos missionários vieram para o Brasil com o sonho de longo prazo no coração, deixar o Brasil naquele momento foi um choque para os que seguiram para a África. No entanto, o chamado para novas experiências, somado à amizade e confiança na liderança do casal Taliaferro, e o sonho de seguir servindo a Deus, fez com que parte do grupo deixasse o país em 1988.

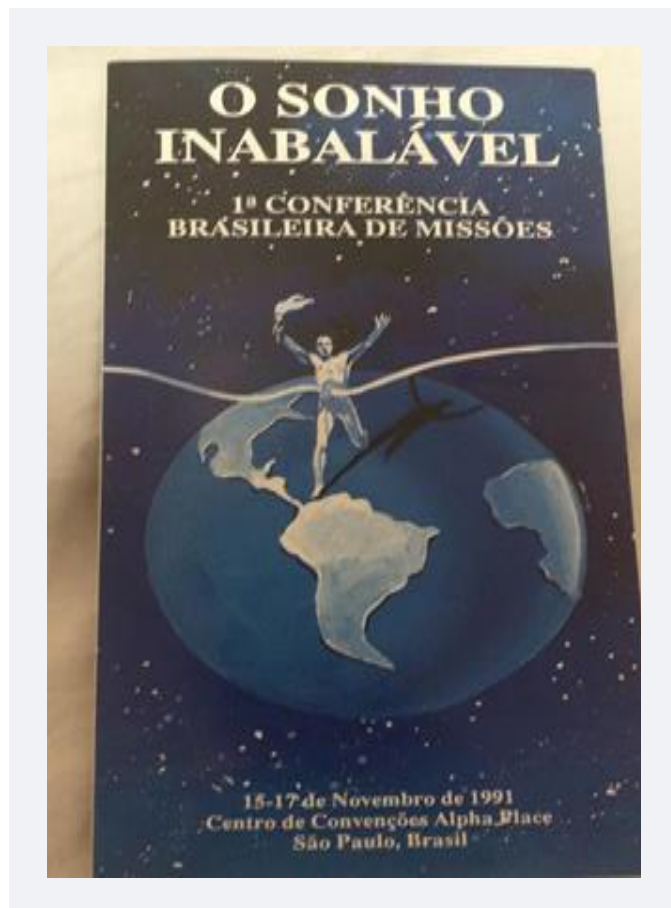
Paralelamente a isso, a região da Flórida (EUA), que até então não tinha nenhuma relação histórica direta com o Brasil, passou a ser, dentro daquela estrutura criada pela liderança principal da igreja no mundo, a matriz responsável não apenas pelo Brasil, mas por toda a América Latina. Com isso, um novo casal de líderes, John e Bárbara Porter, foi enviado para seguir cuidando e avançando a obra iniciada anteriormente. O casal já havia passado pelo México e tinha familiaridade com a língua espanhola.

Certamente essa ruptura e construção do sistema internacional de liderança das igrejas a partir dos Estados Unidos influenciou fortemente a igreja no Brasil (São Paulo) e no mundo. Acentuou-se com isso a mentalidade de que as igrejas locais deveriam ser uma caixa de ressonância daquilo que acontecia nos Estados Unidos, tanto no sentido da condução da comunidade, portanto na edificação do corpo, como até mesmo no sentido da cultura, como veremos mais adiante. É interessante observar que havia a disseminação da ideia de que as igrejas ao redor do mundo teriam culturas próprias, sem ferir o evangelho de Cristo. No entanto, a interpretação muitas vezes equivocada, do princípio bíblico da imitação, levou à replicação de aspectos culturais dos EUA em igrejas localizadas em outras regiões do globo.

Dessa forma, a mudança da liderança no Brasil (1989) aconteceu num momento de inflexão das Igrejas de Cristo Internacionais, em virtude de sua estruturação por setores mundiais. O desenvolvimento da igreja na década de 1980, e no caso do Brasil no período entre 1987 e 1988, recebeu o modelo de estruturação diferente daquele até então adotado, que era um pouco mais espontâneo e baseado em relacionamentos.

A estrutura organizacional é inevitável para a vida de qualquer instituição ou grupo associado. Não é algo necessariamente ruim, porém deve ser submetida aos princípios do Novo Testamento. Em nosso entendimento, a estrutura criada em 1988 aprofundava elementos que não eram saudáveis, tais quais a hierarquia irrestrita e centralizadora, o espírito de controle e a presunção de agir, por vezes, no lugar de Deus.

A diretriz vinda dos Estados Unidos (no caso de São Paulo mais precisamente da igreja em Miami), após o ano de 1989, era no sentido de avançar e crescer dentro de uma perspectiva muito mais rígida. A liderança tornou-se cada vez mais autoritária, visando ao alcance das metas e objetivos estipulados na cadeia hierárquica. O ritmo era bastante acelerado, com muito trabalho. Ainda assim, não deixou de ser um período de fé e visão. Arquetou-se um plano inicial para a implantação de novas igrejas, com a seguinte perspectiva: em janeiro de 1990 sairia a missão para o Rio de Janeiro; em junho de 1990, para Brasília; em janeiro de 1991, para Belo Horizonte; em junho de 1991, para Vitória e Manaus; em novembro de 1991, para Belém e Porto Alegre; em janeiro de 1992, para Salvador; e em junho desse mesmo ano, para Recife, Curitiba e Fortaleza. Esse plano não foi realizado conforme suas linhas originais, como veremos no decorrer do texto. Porém, o sonho missionário nessa época foi vivo e muito inspirador. A figura²⁸⁵ a seguir exemplifica esse desejo sincero de espalhar o evangelho de Cristo no Brasil e no mundo.



²⁸⁵ Fonte: arquivo pessoal, gentilmente cedido por Nilda Leão.

O ritmo de vida dos cristãos da ICI de São Paulo tornou-se cada vez mais intenso. Segundo relatos de alguns discípulos, que em sua maioria eram bastante jovens no início da década de 90, a expectativa de encontros diários entre cristãos e o estudo bíblico diário com não cristãos chegou ao nível de exigência em alguns contextos. Era um estilo de vida caracterizado como muito divertido e cheio de aventuras para alguns, mas, para outros, era um ritmo bastante acelerado, com impacto em suas consciências.

Entre os anos de 1988 e 1993 a Igreja de Cristo Autônoma de Piratininga, que em 1992 passou a se chamar Igreja de Cristo Internacional de São Paulo, obteve grande crescimento numérico. Segundo relatório de 1991, o grupo de São Paulo contava com 847 membros. Esses números demonstram claramente o rápido crescimento, se levarmos em conta que a igreja foi implantada em 1987. Dois pontos chamam a atenção nesse relatório de 1991. Em primeiro lugar, o número de batismos. Por exemplo, no mês de maio foram batizadas 57 pessoas, em agosto, 85 e em setembro, 71. São números bastante expressivos considerando o tamanho da igreja à época. O mês de março, quando foram batizadas 38 pessoas, foi o que teve menos batismos naquele ano.

Em segundo lugar, chama atenção a quantidade de membros que deixavam a Igreja. Por exemplo, em setembro, quando 71 foram batizados, outros 26 deixaram a Igreja. O mês em que menos pessoas deixaram a Igreja foi janeiro, sete, no total. Em geral, essa característica se manteve nos anos subsequentes, apontando para uma fragilidade na construção e na saúde da igreja.

Segundo relatório de 1992, direcionado à igreja de Miami, essa característica de muitos batismos e muitos membros deixando a igreja se agravou. Os meses de maio, julho e novembro chamam bastante atenção, embora outros meses sejam parecidos. Em maio foram 49 batismos, mas 107 deixaram a Igreja; julho, 69 batismos e 101 deixaram a Igreja; e finalmente em novembro, 12 batismos e 264 deixaram a Igreja. De fato, esses números assustam e deixam importantes lições. Em junho de 1992, o número de membros era próximo de 900, 53 a mais que em dezembro de 1991, embora nesse mesmo mês tenham sido batizadas 156 pessoas.

Primeiramente, o processo de conversão é único para cada pessoa que se aproxima de Deus e há etapas importantes que não devem ser puladas ou abreviadas. Alguns estudam a Bíblia e são batizados em um dia, pois o trabalho do Espírito Santo em sua vida já os havia preparado para esta decisão e entrega. Outros, porém, necessitam amadurecer convicções básicas, entender tópicos centrais do evangelho de Cristo, dar passos práticos importantes em sua vida à medida que, olhando para Cristo, prosseguem

em sua conversão. Acelerar, de forma humana, o processo de conversão de alguém, seja para alcançar alguma meta estipulada ou por qualquer outro motivo, não produz consequências saudáveis à fé. Em segundo lugar, o crescimento numérico muito acelerado da igreja pode não ser acompanhado pelo desenvolvimento de laços de amizades saudáveis e sustentáveis. Evidentemente que o número de batismos demonstra a fé, o trabalho, o esforço e o desejo de buscar e salvar o perdido. Mas, no caso da ICI no Brasil no início da década de 90, fica claro que o modelo de pastoreio e cuidado uns aos outros estava fracassando. Isso, sem dúvida, era bastante frustrante para muitos.

Se lembrarmos de Atos 2, muitos batismos não representam necessariamente um caminho insustentável. Segundo Lucas, eles se dedicavam ao ensino apostólico (ensinamentos de Cristo) e à comunhão, ao partir do pão e às orações. É possível, então, crescer numericamente com rapidez e, ao mesmo tempo, construir uma comunidade cristã espiritualmente saudável, com a direção do Espírito Santo.

Creemos que a falta de confiança no Espírito Santo de Deus, atrelado a um ritmo de evangelismo que pressionava muito por batismos, sem que fosse possível criar relacionamentos suficientemente saudáveis de discipulado e instrução, foram as causas principais que levaram a igreja a uma dinâmica de decrescimento, a despeito dos vários batismos registrados. Esse sistema tende a se retroalimentar, aprofundando seus vícios. Por exemplo, se as pessoas deixam a igreja com muita frequência e rapidez, isso contribui para que a estrutura de controle e hierarquia se torne mais rígida.

Levanta-se a hipótese de que esses desligamentos de membros da igreja estejam primordialmente ligados à emotividade dos brasileiros²⁸⁶. No entanto, acreditamos que esse fenômeno, em particular, está mais ligado aos métodos e modelos adotados pela ICI naquele período da história, pois de maneira geral isso não era específico do Brasil, mas um acontecimento observado na igreja em diferentes lugares do mundo e em culturas diversas. De fato, podemos até concordar que há, no brasileiro, um traço cultural que o leva a tratar de maneira emotiva, ou seja, principalmente pela via dos afetos, sua vida como um todo, inclusive a religiosidade. Porém, essa característica era comum às Igrejas de Cristo Internacionais como um todo, com algumas variações entre igrejas locais.

Os números mostrados nas estatísticas foram interpretados pela liderança da igreja como descompromisso generalizado dos cristãos. Em virtude disso, em 1992 iniciou-se

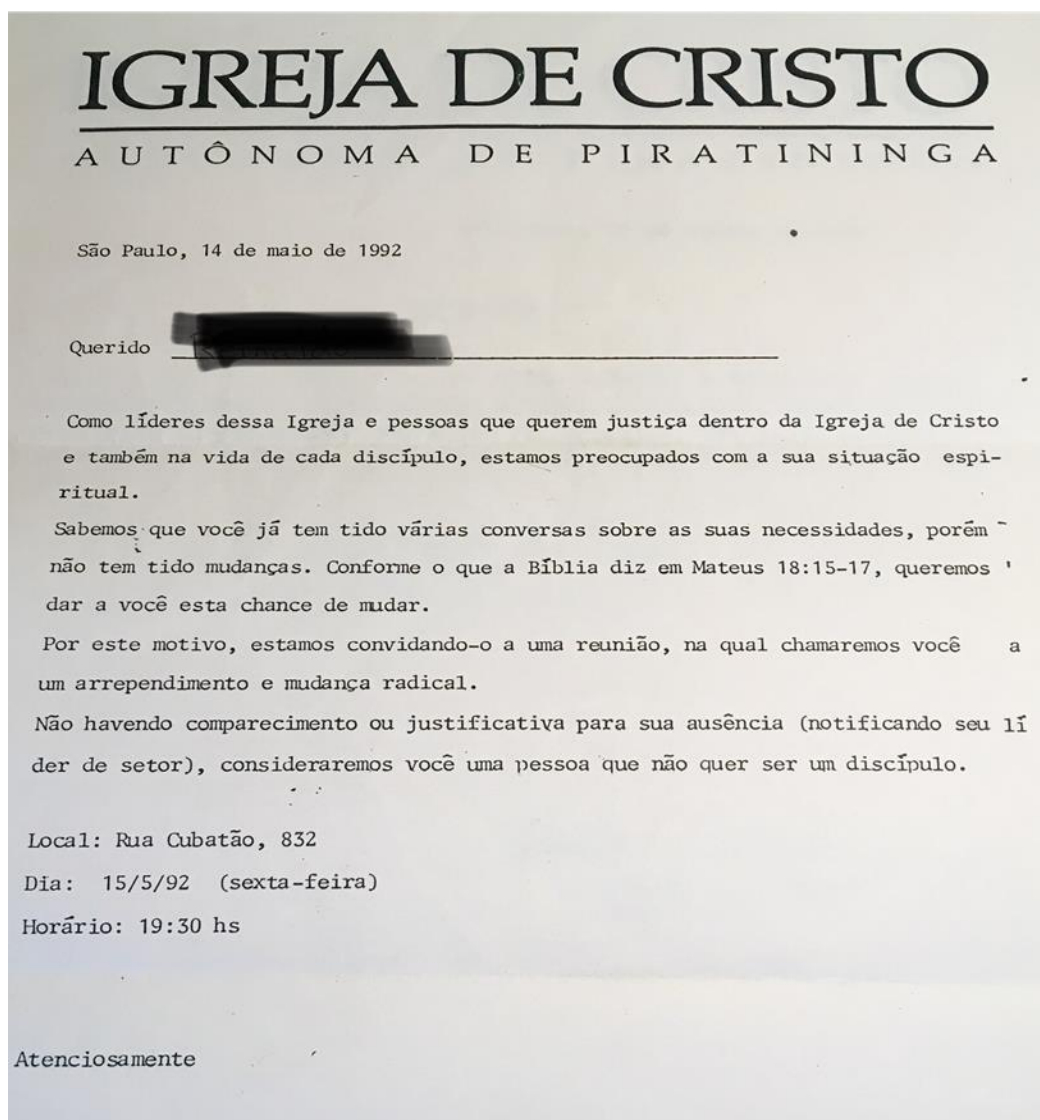
²⁸⁶ Hipóteses assim podem ser amparadas na forma como alguns autores se expressaram sobre o povo brasileiro. Padre Antônio Vieira, por exemplo, no século XVII, mencionou que os “brasis com a mesma facilidade com que creram, descreem”, e Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* também trabalha com essa ideia.

uma jornada de restauração no seio da igreja. Foi definido, a partir do grupo de liderança nos EUA (Miami), que os membros das igrejas fossem chamados para conversas com os líderes locais para reavaliarem seu compromisso e sua vida como discípulos de Cristo. Segundo vários relatos, algumas dessas conversas foram realizadas de maneira imatura, insensata e autoritária. De acordo com depoimentos de alguns irmãos que viveram aquela experiência, num culto de domingo, tanto na igreja de São Paulo quanto na do Rio de Janeiro (implantada em 1991), o salão foi dividido, cadeiras dos dois lados, e apenas a liderança constava no lado dos que eram considerados salvos para a eternidade. O restante, caso não retomasse seu compromisso de fé, deveria deixar a Igreja e seria considerado perdido.

Muitas pessoas, debaixo desse clima tenso e sem sabedoria, deixaram a Igreja, o que explica, por exemplo, o número de 264 afastamentos da igreja em São Paulo, em novembro de 1992. Os relatórios com informações sobre as igrejas locais eram rotina e a diretriz, de fato, vinha do exterior. A autonomia para construir fora dessas diretrizes era muito pequena, o que sufocava a igreja local. Sabemos que atitudes dessa natureza não são respaldadas pela sã doutrina (ou ensinamento saudável de Cristo) e, por isso, têm um potencial de causar danos e feridas, como de fato aconteceu nessa época, na igreja.

Acreditamos que esse período histórico foi marcado por uma atmosfera que não era baseada no amor que vemos em Cristo. Mais do que isso, constitui momento de bastante desconforto entre os laços de amizade, que tornou os relacionamentos muito pautados em legalismo intransigente. Cremos que a narrativa do evangelho de João, capítulo 1, verso 14, pode servir de amparo para aprendermos com essa situação. A glória de Deus, nitidamente refletida em Cristo, fazia com que Jesus fosse *cheio de graça e verdade*. É importante lembrarmos que Jesus foi capaz de viver uma harmonia plena entre esses dois princípios, sua atitude diante da vida era profunda e equilibrada. Cremos que um dos maiores desafios da igreja seja viver esse equilíbrio, estando enraizada em Cristo. Ora somos demasiado preocupados com a verdade e nos tornamos legalistas, ora a graça se torna nossa única referência e nos tornamos tolerantes com o pecado. Em ambos casos, desvia-se da sã doutrina. Jesus era a manifestação visível da glória de Deus e, por isso, era cheio de graça e verdade. Assim, o caminho bíblico apontado para alcançarmos a prática de graça e verdade é buscarmos a glória de Deus, em vez de tentarmos acertar por nossas próprias concepções, abrindo espaço para a natureza humana. Nenhum dos extremos é saudável e, naquele momento da história, a glória de Deus foi ofuscada ao se fortalecer na ICI uma prática de liderança e de relacionamentos pautados em grande

medida no legalismo. O documento²⁸⁷ a seguir exemplifica determinadas atitudes tomadas por parte da liderança:



Nessa fase, porém, mesmo com eventuais desvios, Deus continuou operando com sua infinita misericórdia e amor. Muitos alcançaram a salvação em Cristo e até hoje estão firmes em suas jornadas de fé, tanto na ICI quanto em outras igrejas cristãs. Em março de 1991, foram enviados 39 missionários para o Rio de Janeiro. A igreja de São Paulo, após cinco anos de sua fundação, concretizou o sonho de implantação da Igreja de Cristo

²⁸⁷ **Fonte:** arquivo pessoal, gentilmente cedido por Nilda Leão.

Internacional do Rio de Janeiro, primeiro passo do plano de contribuir para a evangelização das outras regiões do Brasil.

4.3 Terceira fase: liderança nacional (1993 a 1998)

Em 1993, o casal Porter, que já tinha dois filhos à época, voltou para Miami devido a graves problemas de saúde que atingiram seu filho primogênito. Nessa época, embora vivessem em São Paulo, eles eram líderes dessa Igreja local e também de todo o Brasil. A partir desse momento, Othon e Gabriela Neves assumiram a liderança principal da Igreja no Brasil. Pela primeira vez, desde 1987, a liderança das igrejas no Brasil foi exercida por brasileiros.

O sonho missionário sempre foi uma força das ICIs, trazido para o Brasil no coração do time original de implantação e absorvido pelos discípulos brasileiros a partir da mensagem bíblica, do trabalho do Espírito e dos exemplos da vida dos irmãos na fé. É interessante pensar que as missões, nessa época, eram enviadas de forma descentralizada e cada igreja local devia sonhar e preparar um time missionário. Em 1994 foi enviado time missionário para Belo Horizonte. Em 1995, foi enviada outra missão, desta vez internacional, para Assunção no Paraguai. Dois anos mais tarde, em 1997, a Igreja no Rio de Janeiro enviou missão para Salvador, concretizando o início do sonho de contribuir com a evangelização da região nordeste do país. Essas igrejas nasceram da fé de homens e mulheres que, a partir da vivência espiritual e do treinamento da ICI de São Paulo e do Rio de Janeiro, deixaram suas “redes” para viver o sonho de amar e salvar o perdido em outras terras.

O período de cerca de cinco anos de liderança nacional (1993-1998) foi marcado pelo sonho evangelístico. Por outro lado, a rígida estrutura hierárquica e muitas vezes autoritária permanecia, ao passo que o plano inicial de formar presbíteros e diáconos, descrito no primeiro estatuto da Igreja de São Paulo, datado de 1990, não se concretizou. A função de evangelista era realçada e os evangelistas ocupavam os postos de liderança mais altos na estrutura. Não havia clareza da diferenciação bíblica entre cargos eclesiásticos (presbíteros e diáconos) e dons ministeriais do Espírito (pastores, mestres, evangelistas, por exemplo). Mesmo na visão da igreja daquela época, nenhum presbítero ou mestre foi apontado nas igrejas brasileiras.

O viés missionário da igreja também direcionava a mensagem pregada. A esmagadora maioria das pregações e estudos bíblicos tinham foco evangelístico. Com isso, outras necessidades da igreja e outros componentes da fé cristã não eram trabalhados

adequadamente. Percebeu-se, posteriormente, a deficiência da igreja de forma geral na compreensão e na prática de temas como adoração a Deus, graça de Deus, santificação, maturidade em Cristo, dentre tantos outros.

Alguns marcos históricos desse período influenciaram os rumos da igreja no Brasil nos anos posteriores. Em 1996, a igreja de São Paulo, sob a ação de Hope Worldwide²⁸⁸, promoveu uma campanha de doação de sangue ímpar em termos estruturais, marcada por um grande evento no Sesc Interlagos. O grupo baiano Olodum foi contratado para fazer uma apresentação, como parte da programação do evento. Vários discípulos de fora de São Paulo participaram da festa, dentre esses, o líder do setor geográfico da ICI na época, Philip Lamb. A igreja divulgou registro de que cerca de trinta e duas mil pessoas passaram pelo Sesc Interlagos naquele dia. Muitas dessas pessoas, no entanto, sequer souberam do objetivo maior de doar sangue. Além disso, os custos desse evento tiveram forte impacto financeiro para igreja, que levou anos para quitar as dívidas auferidas. Como consequência direta de sua desorganização financeira, os membros da igreja foram chamados a um maior sacrifício financeiro por meio do aumento de suas ofertas mensais.

Por outro lado, crescia fortemente o movimento de evangelismo dentro das universidades brasileiras. As igrejas locais treinavam jovens recém-batizados para convidar e evangelizar dentro dos *campi*. Nesse período já havia discípulos nas principais universidades do Brasil, como USP, UFRJ e UFMG. Esses grupos de discípulos universitários eram organizados de forma distinta de outros grupos evangélicos presentes no campus, como a Aliança Bíblica Universitária, por exemplo.

Nesse contexto, em 1997, foi enviado um grupo de jovens estudantes para a Unicamp, em Campinas. Alguns novos discípulos foram batizados e, em 1999, a partir de São Paulo, oficialmente se iniciou a Igreja de Cristo Internacional de Campinas.

Os planos evangelísticos brasileiros estavam alinhados com o projeto mundial, lançado a partir dos EUA. A ICI tinha como meta implantar igrejas em todas as nações que contassem com uma cidade com, pelo menos, cem mil habitantes. No Brasil, por exemplo, foi feita uma música que enaltece as missões já realizadas no país e que prevê que até o ano 2000 a igreja, no sentido global, atingiria a maioria dos países da terra. Essas situações auxiliam no entendimento de que, se por um lado havia a indicação de

²⁸⁸ *Hope Worldwide*: é uma organização não governamental de âmbito global, estruturada e dirigida administrativamente por membros da ICI, com o objetivo de trazer esperança e mudar a vida dos mais pobres, doentes e sofredores do mundo. Por meio de projetos de Hope, discípulos de Cristo e seus amigos têm a oportunidade de zelar por justiça social e participar da missão de Jesus de forma integral.

certa unidade, por outro a estrutura hierárquica sufocava qualquer tentativa mais expressiva de autonomia. Por vezes, essa forma de se buscar estabelecer unidade entre as igrejas foi denominada Paz Americana, numa referência à Paz Romana (ou Pax Romana) estabelecida, noutros tempos, pelo Império Romano em seus domínios, pelo uso da força militar. As igrejas locais funcionavam como caixa de ressonância daquilo que acontecia e era decidido nos EUA.

Em linhas gerais, tratamos até aqui dos primeiros dez anos da Igreja de Cristo Internacional do Brasil. Poderíamos escrever livros e mais livros sobre as histórias de fé, perseverança e amor que constituíram esses anos, e de homens e mulheres que amaram muito a Deus e ao próximo. Poderíamos escrever mais também sobre erros e desvios da sã doutrina, mas acreditamos que, como visão panorâmica, esses registros elencam os principais eventos, marcos históricos e a trajetória de fé, elemento fundamental da igreja como comunidade do Reino de Deus.

4.4 Quarta fase: estruturação das megaigrejas (1998 a 2003)

Na sequência, passamos ao que podemos enxergar como uma outra fase da história da ICI no Brasil. Período que culminou nos anos mais desafiantes para os membros da igreja. Salientamos, anteriormente, que as fragilidades de nossas igrejas no Brasil têm origem em sua fundação e que o caminho até uma crise severa foi sendo sedimentado ano após ano. Nesse sentido, trataremos agora das questões centrais que esticaram esses elementos negativos ao ponto da ruptura. Sabemos, no entanto, que a fé, o amor e a esperança prevaleceram.

O plano de evangelizar o mundo até o ano 2000 caminhava de vento em popa na segunda metade da década de 90. Em 1998 já tinha sido parcialmente concretizado. A Igreja de Los Angeles, nos EUA, na qual congregava Kip McKean, líder mundial da Igreja de Cristo Internacional naquela época, teve nesse mesmo ano assistência ao culto dominical com cerca de quatorze mil pessoas. Experiências como essa que, sem dúvida, carrega elementos inequívocos de fé, serviram para consolidar, no coração da liderança mundial, o desejo de construir megaigrejas. Estas seriam capazes de inspirar e alicerçar o trabalho evangelístico de alcance local e internacional, no sentido de construir igrejas pilares, definidoras do cristianismo para sua área de influência. Nesse espectro de igrejas estava a ICI da cidade de São Paulo que, em 1998, contava com mais de dois mil discípulos.

Esse fato contribuiu para mudanças que mexeram com as demais igrejas no Brasil. Reforçou-se, por exemplo, a tendência de tornar o culto de domingo a reunião mais importante da igreja, diminuindo-se cada vez mais a ênfase nas reuniões semanais com grupos pequenos, que tanto contribuía para a formação de um ambiente fraternal, familiar e comunitário.

Concomitante a esse plano de erguer igrejas imensas e numerosas, o casal Porter foi enviado de volta ao Brasil, para mais uma vez assumir a liderança principal da igreja brasileira. A chegada dos Porter, em 1998, veio acompanhada do plano de transformar, em poucos anos, a Igreja de Cristo de São Paulo em uma megacidade. Para isso, foi feita uma operação de transferência maciça de líderes de setores de outras igrejas locais, especialmente Rio de Janeiro e Belo Horizonte, para São Paulo. A igreja do Rio de Janeiro talvez tenha sido aquela que mais sofreu com os efeitos desse projeto. Entre 1998 e 1999, mais de 10 casais e outros cristãos solteiros que exerciam funções de liderança local no Rio de Janeiro deixaram a cidade mudando-se para São Paulo.

Por manter o modelo centralizado de estrutura, mesmo com o grande crescimento em nível mundial, a igreja foi se tornando cada vez mais complexa. Uma megacidade exigia estrutura administrativa robusta e essa estrutura começou a ser montada em São Paulo, mesmo diante do nível de endividamento da instituição. O uso de ferramentas de contabilidade, administração e estatística, que de forma mais incipiente existiam desde o início da década de 90, tomaram maiores proporções, com forte enfoque sistêmico em controlar e elaborar dados suficientes para tomada de decisões. O desenho adotado era típico do mundo corporativo. As igrejas maiores, como São Paulo, com alguma variação de nomenclatura, eram estruturadas em bate-papos (em geral, variavam de 5 a 20 membros), famílias (grupos de bate-papos), setores (grupos de famílias), regiões (grupos de setores) e igreja (totalidade dos discípulos da comunidade). O líder de cada grupo prestava contas e passava suas estatísticas²⁸⁹ semanais para o líder do grupo maior. Normalmente cada grupo era liderado por um homem e uma mulher. Com o passar do tempo, ao longo da década de 90, o acompanhamento saudável e bíblico proporcionado pelo discipulado e o compartilhamento de vida foram cedendo espaço para o seguimento rígido e frio, baseado nos números apresentados nas estatísticas. Assim, a hierarquização

²⁸⁹ As chamadas **estatísticas** eram formulários padronizados com informações (tais como presença no culto, leitura bíblica diária, oração, participação em estudos bíblicos, amigos visitando as reuniões, dentre outras) dos membros da igreja, elaboradas no âmbito de pequenos grupos (denominados bate-papos) e consolidadas por líderes de grupos de maior agregação (famílias, setores, igrejas, etc.). Tais informações nesse período da ICI eram consolidadas em nível global, gerando as estatísticas mundiais.

e o uso de poder na forma de pressão emocional e psicológica cresceram muito ao longo da década.

Acentuou-se neste período algumas práticas comuns à ICI no Brasil, na década de 90, como a realização de grandes eventos (em São Paulo, usava-se espaços tais como o ginásio do Ibirapuera, por exemplo), de campanhas de evangelismo e de bate-papos diários, estritamente com fins evangelísticos. Ao longo dos anos, o acentuado crescimento numérico veio junto com muitas feridas nos corações dos cristãos. O erro não estava em ter corações que queimavam com a missão de Cristo. Quando o senso de missão vem da poderosa ação do Espírito nas vidas entregues dos servos de Deus, a igreja cresce e glorifica seu Senhor. O que aconteceu nessa época, no entanto, foi que o a natureza humana sutil e mortal, inevitavelmente presente desde o início do movimento, ganhou força e norteou diversas ações que afetaram toda a ICI no Brasil. Ao longo do tempo, o sonho de Deus foi sutilmente perdendo espaço para o sonho de homens e os fins, por vezes, passaram a justificar os meios. Dessa forma, o rápido crescimento numérico, somado à fraqueza no ensino e pastoreio, conduziram líderes dos mais diversos escalões da hierarquia da igreja e os membros em geral a práticas equivocadas, fora dos princípios bíblicos. Conceitos bíblicos e nobres, como discipulado e evangelismo, foram apropriados por uma visão humana. Com isso, muitos foram aviltados e desrespeitados em sua fé, gerando dor e profundas marcas.

As atividades de evangelismo foram perdendo seu ar de compartilhamento por meio do amor, da alegria e da tremenda graça que conquistam um recém-convertido, e tornando-se ferramenta de convívio rápido, quantitativo e pouco relacional, baseado muito mais em pragmatismo e desejo de alcançar números. Não é justo ou correto dizer que isso acontecia em todos os casos, sobretudo porque temos uma igreja com níveis de maturidade diferentes e com pessoas diversas que usaram da sua liberdade para exercer sua fé de maneira saudável. Porém, via de regra, esse era o espírito que contagiava a experiência evangelística.

No caso do discipulado, a relação de amizade e de parceria mútua foi pouco a pouco se transformando numa relação burocrática de perguntas objetivas e focadas na frequência de oração, estudo da Bíblia, evangelismo, confissão de pecados e arrependimento, etc. O caráter maravilhoso que carrega a experiência do ensinamento, da submissão e do compartilhar a vida para termos Cristo formado em nós deixou de ser a regra básica do discipulado entre os irmãos. A hierarquia estrutural da igreja refletia-se, também, na relação entre discipulador e discípulo, na qual, via de regra, conselhos eram

dados e recebidos mais como ordens do que realmente como uma opinião ou um parecer. Esse tipo de relacionamento aprofundou ainda mais o exercício de se verificar listas de tarefas que, no final do mês ou da semana, entrariam na estatística geral.

No caso da autoridade, princípio fundamental da Palavra de Deus, a confusão foi ainda maior. Aqueles que tinham ressalvas quanto ao rumo que a igreja seguia e questionavam certas decisões e práticas da comunidade eram comumente rotulados como orgulhosos, desobedientes e desunidos. Assim, ao longo do tempo, continuou o aprofundamento das práticas de hierarquia, autoritarismo da liderança em seus vários níveis e a estrutura de discipulado muito marcada por relação quantitativa (estatísticas pessoais de evangelismo, tempo de oração e estudo da bíblia, por exemplo) e verticalmente autoritária, isto é, o discipulador, no limite, dava ordens diretas ao discípulo, que deveria obedecê-las, sob o risco de ser fortemente repreendido ou até mesmo expulso da igreja em casos mais extremos.

Com relação aos relacionamentos das igrejas locais no Brasil, o plano de construção da megacidade em São Paulo aumentou a influência da ICI de São Paulo sobre as demais igrejas locais. A relação de dependência das outras igrejas acentuou-se ainda mais. Evidentemente que, por ser a igreja mais antiga do país e por historicamente possuir membros mais maduros na fé, essa influência seria de certa forma natural. No entanto, o movimento de líderes de outras igrejas para São Paulo enfraqueceu projetos de construção que caminhavam nessas igrejas locais.

O incômodo na consciência devido a práticas antibíblicas foi se acentuando em vários cristãos, inclusive muitos dos que participavam da liderança. Alguns irmãos e irmãs que ocupavam funções na cúpula da liderança da ICI de São Paulo nessa época relembram, por exemplo, o desconforto causado por morarem em casas grandes, nos bairros mais nobres da cidade, cujo padrão era muito mais alto do que precisavam para suprir as necessidades de suas famílias com dignidade. No entanto, seguiam essa orientação com o objetivo final de servirem a Deus e a igreja, fazendo reuniões em suas casas e tendo, com isso, maior possibilidade de alcançarem a classe social mais privilegiada para Cristo. A fim de sustentar essa estrutura, os salários dos ministros principais nessa época eram acima da média, considerando a remuneração recebida por quem exercia funções similares no Brasil. Porém tais salários eram voltados para manutenção da estrutura e não para outros benefícios pessoais de quem os recebia. Esse fato contribuía ainda para a disparidade da remuneração recebida pelos líderes principais em comparação com os demais irmãos e irmãs que trabalhavam em tempo integral para

a igreja. Esses últimos, em sua maioria, eram solteiros que, no geral, recebiam baixa remuneração.

Nesse período, houve fortes divergências no núcleo de liderança principal da ICI. Esses fatos revelaram que a diferença de pensamento entre pessoas antigas e influentes na igreja já não podia ser contida meramente com ordens, baseadas na hierarquia funcional da igreja. Unidade de pensamento em temas relevantes e nucleares na igreja vem de conexão de coração, de construção de relacionamentos fraternais profundos, não algo conquistado a partir de imposições.

Irmãos que viveram esses acontecimentos de perto, relatam o quanto os relacionamentos estavam desgastados e os corações feridos. Sobravam acusações, faltava misericórdia, amor e perdão. Experiências semelhantes também aconteceram com o restante da igreja. De forma geral, a igreja se via cada vez mais machucada e exausta em meio à batalha espiritual, que não é contra seres humanos, mas contra um inimigo muito mais poderoso. Debaixo daquele sistema que mais gerava feridas e relações impessoais do que laços de amor profundo, tornava-se cada vez mais difícil vestir a armadura que Deus nos concede e confiar na força do Senhor Todo-poderoso. Não estamos dizendo, com isso, que era impossível viver algo verdadeiro e que não havia amor entre as pessoas. Se assim fosse, tomaríamos que as estruturas operam na direção de um determinismo implacável, a partir do qual é impossível agir fora dos limites institucionais; o que não é verdade. Porém, a estrutura de controle e certas atitudes e ensinamentos da liderança apontavam numa direção que não era saudável, sendo, por vezes, frontalmente contrários às Escrituras.

Ainda assim, nesse período, tivemos grandes homens e mulheres de fé que permaneceram fiéis a Deus e ao mestre Jesus Cristo, sem medo de agir segundo sua consciência. Muitos foram punidos por isso, outros perseguidos e tantos fizeram isso em silêncio. Em meio a toda batalha, é possível vislumbrar, na vida de cada cristão e na vida da comunidade de fé, a misericórdia, o amor e o cuidado do Senhor Jesus, que nunca abandona os que são seus. Da mesma forma, cada discípulo é primariamente responsável por suas ações e escolhas, ainda que a liderança erre em sua conduta.

Com relação às missões, três times foram enviados para implantação de novas igrejas nessa fase. Em 1999, a igreja de Belo Horizonte enviou a missão para Brasília, mesmo ano em que o Rio de Janeiro enviou o time missionário para Recife. E em 2001, a igreja de São Paulo enviou uma missão para Porto Alegre. Dessas implantações, Brasília e Recife cresceram e têm se fortalecido no Senhor. A missão para Porto Alegre, no

entanto, não se consolidou em uma igreja local depois de alguns anos, deixando os frutos produzidos pelo Espírito durante seu período de existência e o rico aprendizado da história. A ICI de Porto Alegre foi implantada por meio de um time missionário composto por oito discípulos da igreja de São Paulo, tendo como líderes um casal em tempo integral. No entanto, já em seus primeiros anos, houve substituição da liderança da igreja e, logo depois, ocorreu a grande crise que acometeu as igrejas em 2003, o que prejudicou severamente o crescimento da jovem comunidade. Uma nova equipe missionária foi enviada para fortalecer a igreja de Porto Alegre em 2006, mas os fatores regionais e culturais característicos do campo missionário da região Sul do país e a falta de planejamento trouxeram dificuldades ao trabalho missionário e ao estabelecimento da igreja naquela cidade.

O final do ano de 2002 e início de 2003 representa um marco histórico importante. O casal Porter mais uma vez regressaria aos Estados Unidos. A liderança mundial da igreja passava por problemas de gestão, uma vez que Kip McKean havia se afastado da liderança mundial da ICI para um ano sabático. A saída dos Porter foi informada à igreja num culto feito no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, com mais de cinco mil pessoas. A direção da igreja foi passada a Joca e Miriam Oliveira e Gilberto e Rosana Lefevre, sendo que Gilberto estava em treinamento para ser apontado presbítero.

Em menos de dois meses após a saída dos Porter, chegou ao conhecimento dos irmãos no Brasil o conteúdo de uma carta²⁹⁰, escrita por Henry Kriete, que participava da liderança da ICI em Londres. Nesse artigo, Henry Kriete expôs, com clareza, abusos, erros conceituais e de prática da igreja, descrevendo aspectos dos modelos de liderança e de administração das finanças que estavam bastante distantes dos ensinamentos de Cristo. Essa carta, que passou a circular por toda a igreja no Brasil, tornou-se o estopim de uma grande revolta, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, as igrejas brasileiras mais antigas. Vários grupos da igreja, espalhados pela cidade, se reuniram para ler o conteúdo da carta publicamente. Muitos sentimentos foram trazidos à tona e muitas feridas foram expostas.

Os membros da igreja exigiram explicações da liderança. Passou-se a ter muitas dúvidas e questionamentos acerca da administração e das ofertas. Um estado de profunda desconfiança e muita ira tomou conta das igrejas mais antigas (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), e gerou desconforto e tribulações nas demais. Algumas igrejas locais

²⁹⁰ A tradução desse artigo de Henry Kriete pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <https://bit.ly/2B4qo5o>. A carta original em inglês pode ser visualizada no seguinte endereço Web: <https://bit.ly/2L5TgrE>, acessado em 17 de janeiro de 2019.

tiveram processos diferentes e não passaram pela mesma tormenta que essas três igrejas mais antigas, uma vez que, nas igrejas mais jovens, os abusos e distorções, embora existentes, tiveram impacto diferente. Mas todas as igrejas sofreram, em alguma medida, os abalos de 2003.

Nesses meses mais conturbados, foram estabelecidos fóruns para debate público. Alguns cultos foram substituídos por essas reuniões que tinham por objetivo ouvir irmãos e irmãs para que, de alguma forma, fosse exposto o pecado e se alcançasse saídas em direção a práticas saudáveis da fé e da estrutura da igreja. Porém, muitos desses fóruns foram marcados por discussões calorosas e humilhações públicas de homens e mulheres, em sua maioria pessoas que ocupavam funções de liderança. Embora essa não tenha sido a realidade de todos os fóruns, pois alguns tiveram bons resultados, sabe-se que a maioria foi marcada por grande falta de misericórdia, muito baseada no grau de ferimento causado em tantos discípulos. Não obstante, a ruptura foi tão grande que, ao menos em São Paulo, mais de 50% dos membros (cerca de duas mil pessoas) deixaram a igreja. Isso confirma o quanto essa estrutura mantinha uma base que não estava solidificada em Deus ou na Palavra. Importante salientar que muitos dos que deixaram a ICI nessa época não abandonaram a jornada de fé, mas continuaram a servir a Deus em outras igrejas, nas quais encontraram abrigo.

A proporção de discípulos que deixou a igreja no Rio de Janeiro e Belo Horizonte é parecida com a de São Paulo. O fenômeno de debandada também foi característico em outras igrejas menores do país, cada qual com suas particularidades e, não necessariamente, com a mesma dimensão que ocorreu em São Paulo. O decréscimo de discípulos nas igrejas mais jovens ocorreu, em grande medida, devido ao enfraquecimento causado pelo isolamento que caracterizou as igrejas nos anos imediatamente subsequentes a 2003. De qualquer forma, a partir de 2003, inaugurou-se uma nova fase nas igrejas do Brasil, inicialmente marcada por profunda instabilidade nos relacionamentos entre os discípulos, devido à crise generalizada de confiança; mas que pouco a pouco viu florescer novamente a esperança centrada no Deus Altíssimo.

4.5 Quinta fase: reconstrução (De 2003 a 2018)

Os eventos ocorridos em 2003 modificaram a estrutura organizacional e a composição da ICI no Brasil. O relacionamento hierárquico entre as igrejas, assim como a obediência quase irrestrita a irmãos que ocupavam funções de liderança nas igrejas

locais, deixaram de existir. As chamadas árvores²⁹¹ de discipulado também se dissolveram, junto a estruturação em grupos menores nas igrejas locais (bate-papos, famílias, setores, etc.). Alguns membros, que ocupavam funções de liderança, saíram da igreja, outros, deixaram suas funções e permaneceram no convívio, e ainda outros, continuaram exercendo as funções que anteriormente desempenhavam. Mas a maioria dos irmãos que trabalhavam em tempo integral, remunerados pela igreja, decidiram deixar seus cargos e procurar alocação no mercado de trabalho. As ofertas diminuíram sensivelmente nesse período e, de forma geral, as igrejas tiveram que adequar seus orçamentos àquela realidade. Algumas igrejas simplesmente não tiveram como continuar sustentando financeiramente irmãos com dedicação integral ao ministério. De forma mais imediata, as comunidades locais elegeram alguns irmãos para que, atuando em conselhos, suprissem o vácuo deixado pela antiga estrutura, que havia ruído.

No entanto, ao lado do sofrimento que, de alguma maneira, afetou a todos, abriu-se um caminho para o aprendizado e a construção de uma nova forma de relacionamento fraternal no seio das comunidades, mais parecida com aquela antiga, ensinada pelos princípios da Bíblia. Abriu-se também a possibilidade de nova forma de estruturação das igrejas locais e do relacionamento entre elas. Os cristãos tiveram tempo para refletir sobre a mensagem de Deus transmitida especialmente por meio daqueles acontecimentos de 2003, buscando discernimento espiritual mais profundo sobre a ação do Espírito Santo em suas vidas e na comunidade. Iniciou-se, assim, uma jornada lenta e gradual da igreja para identificar e abandonar práticas pecaminosas, sutilmente enraizadas ao longo dos anos, e revestir-se de Cristo, criando raízes cada vez mais profundas nos ensinamentos dele. A elaboração deste documento, que procura resumir a história por nós vivida, ressaltando especialmente o aprendizado que podemos ter a partir dela, faz parte e se constitui como um marco nessa jornada.

A experiência intensa, de vitórias e derrotas, de alegria e de dor, protagonizada pelos discípulos, gerou rico cabedal de conhecimento, que necessita ser registrado e repassado às futuras gerações. O reconhecimento contrito e honesto dos erros e a certeza humilde do amor de Deus por nós, manifestado através da disciplina e da graça, no amor daquele que opera em todas as coisas para formar Cristo em nós, são fatores imprescindíveis para continuarmos nossa caminhada, firmados na Rocha e glorificando a Deus.

²⁹¹ Representação gráfica dos relacionamentos de discipulado (centrado na premissa entre discipulador e discípulo) que conectava todos os cristãos de uma igreja local.

Nessa jornada, a partir de 2005, foi-se construindo certa reaproximação entre nossa família de igrejas no Brasil, sobretudo no intuito de reatar e fortalecer relacionamentos. Irmãos de diferentes lugares procuraram ter mais conexão e, pouco a pouco, a comunhão foi se fortalecendo novamente. A partir de 2007, alguns que exerciam funções ministeriais nas igrejas locais passaram a se reunir anualmente. Procurou-se também restabelecer contato periódico com a igreja do Sul da Flórida/EUA, que abrigava irmãos conhecidos, alguns dos quais haviam morado no Brasil.

Como os encontros de liderança no Brasil passaram gradativamente a contar com um número cada vez maior de participantes, surgiu a necessidade de escolher, dentre esses irmãos, um grupo que zelaria pela comunhão e comunicação entre as igrejas brasileiras, e entre elas com o exterior. Esse grupo, formado em 2009, por irmãos das igrejas mais antigas do país e com representação das três regiões que contam com comunidades da família ICI (Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste), passou a ser conhecido como Conselho do Brasil. Nos anos posteriores, esse grupo estabeleceu sua rotina de encontros, que normalmente acontece quinzenalmente, em reuniões virtuais, e, pelo menos, uma vez ao ano, presencialmente. Em 2016, foi estabelecido três eixos de atuação do Conselho do Brasil. O primeiro, razão da formação do grupo original, diz respeito ao zelo pela comunhão entre irmãos e entre igrejas (brasileiras e estrangeiras), com fundamento na interdependência. O segundo, aponta para a promoção do ensino saudável da prática cristã e da sã doutrina, conforme definida pela Bíblia. E o terceiro, visa organizar de forma conjunta as missões nacionais.

Alguns anos antes, um movimento de reaproximação entre igrejas do grupo ICI já havia acontecido ao redor do mundo. Isso levou à organização de um encontro anual de discípulos, para a qual cada grupo de mil discípulos devia enviar um delegado, que os representaria. O Brasil, por contar com pouco mais de dois mil discípulos em suas comunidades ICI, envia atualmente dois delegados para esse encontro.

Essas aproximações foram inspiradoras para a igreja no Brasil. Um dos frutos dos contatos, feitos em reuniões com irmãos de outras partes do mundo, foi o surgimento do Conselho de Missões do Brasil. Em meados de 2013, irmãos que compunham o Conselho do Brasil inspiraram-se em iniciativas de países como Índia e Indonésia, e de alguns países europeus, onde igrejas estavam se unindo regionalmente, num esforço conjunto para enviar novas missões. Essa união havia possibilitado o envio de mais missões, em um período de tempo relativamente curto, pois os recursos foram somados. A partir disso, os irmãos do Conselho do Brasil decidiram criar um grupo que estudaria o assunto com

o objetivo de verificar a viabilidade, propor diretrizes e elaborar planos, visando à criação do Fundo para Missões no Brasil e ao efetivo envio de novas missões. Dessa forma nasceu o Conselho de Missões do Brasil, formado por representantes de diferentes igrejas locais. O plano apresentado pelo Conselho de Missões foi aceito e implementado. Criou-se, em 2014, o Fundo para Missões do Brasil, uma aplicação financeira, instituída a partir das ofertas para missões das ICI brasileiras, com a finalidade única de enviar e sustentar missões para diferentes regiões do país, de forma conjunta. Definiu-se dois tipos de missões: apoio e implantação. Missões de apoio têm o propósito de fortalecer igrejas que já foram implantadas, enquanto missões de implantação marcam o início de novas igrejas. A partir desse esforço conjunto, em 2014, Alcides e Leslie Morais mudaram-se de Seattle/EUA para Goiânia, caracterizando uma missão de apoio para aquela igreja. Em 2017, o time de implantação da igreja de Ribeirão Preto foi enviado.

Nesse sentido, outro fato relevante foi o de as igrejas brasileiras tornarem-se financeiramente autossustentadas. Desde a implantação da ICI no Brasil (1987) até 2016, recursos financeiros foram remetidos para suprir necessidades das igrejas locais no país. Com isso, mesmo com mais de duas décadas de existência, algumas igrejas ainda se utilizavam de recursos do exterior para se manterem. No entanto, a partir de uma readequação orçamentária, desde 2016 as igrejas brasileiras se sustentam com suas próprias ofertas. Com isso, os recursos encaminhados por igrejas da Flórida passaram a compor o Fundo para Missões do Brasil. Além desses recursos destinados ao fundo, igrejas da Flórida ajudam as igrejas brasileiras financeiramente, viabilizando a participação de delegados e outros irmãos brasileiros em reuniões internacionais e na semana de Escola de Missões, que tradicionalmente acontece em janeiro na Flórida. A reconstrução, no entanto, guarda seus próprios desafios. Como ilustração, se nos propomos hoje a desenhar, por exemplo, uma casa, possivelmente tenderemos à reedição dos mesmos traços feitos repetidas vezes na infância. Esse é o caminho mais imediato, pois exigirá menos esforço em termos de estudo, busca, análise e concentração. Diante da construção da igreja, na condição de cooperadores de Deus, precisamos ter disposição, coragem e, sobretudo, confiança em Deus para nos lançarmos a uma investigação bíblica consistente, segundo o conselho de Deus.

Vestígios do antigo modelo predominante de liderança não relacional e legalista perdurou alguns anos na vida da igreja e em nossos corações. Mas, ao longo dos últimos anos, temos nos esforçado para apreendermos a consistência bíblica de conceitos importantes tais como discipulado, liderança, oferta, evangelismo, construção conjunta

da igreja, dentre tantos outros. Podemos dizer que, de 2005 até os dias atuais, considerando as especificidades de cada igreja local no Brasil, temos vivido um longo processo de reconstrução e reestruturação da igreja, a partir da mudança de nossas próprias mentes.

Por outro lado, a tendência comum da experiência humana, retratada pelo movimento pendular, foi observada no comportamento de muitos discípulos. Após sentir os efeitos nocivos de se caminhar em determinada direção, procurou-se fazer meia volta e seguir no sentido contrário. Nesse ímpeto, facilmente passa-se pelo equilíbrio e vai-se ao extremo oposto daquele anteriormente seguido. Isso pode ser exemplificado com o discipulado que, como prática institucional, quase desapareceu das igrejas por um período, levando ao distanciamento nos relacionamentos. Muitos se afastaram de outros para não ferirem ou serem feridos, deixando a prática saudável do compartilhamento de vidas, de experiências, de jornadas, que deve ser próprio do povo de Deus.

Muitas iniciativas nasceram de forma mais espontânea e menos centralizada desde 2005. Grupos de jovens foram criados e se fortaleceram, inspirando a igreja, ao trazer uma nova geração de discípulos, cheia de fé e pouco envolvida com os fantasmas do passado. A base desses grupos eram o relacionamento com Deus e uns com os outros, o que trouxe visão de renovo para aqueles que, mesmo permanecendo no convívio da igreja, estavam apáticos quanto aos rumos da igreja. Além dos jovens, iniciativas de outros solteiros mais maduros miravam o mesmo objetivo de reconstruir confiança, amizade e esperança. Por fim, também ressurgiu do grupo de universitários, alguns irmãos e irmãs focados em sonhar e viver uma nova experiência de fé. Estes serviram como ânimo e inspiração aos demais irmãos.

Esse grupo de jovens, em sua maioria filhos de cristãos, estavam desejosos de sonhar e viver coisas novas. Foram organizados cultos, retiros e conferências que reuniram jovens de todo o Brasil numa nova fase de bons relacionamentos, amizades e desejo de viver com intensidade a vida cristã, apesar da imaturidade e juventude. Essa experiência foi tão rica e verdadeira que, a partir de 2010, pouco a pouco, permitiu a reconstrução nacional do sonho de reerguer ministérios universitários no Brasil; este que foi um dos mais afetados de todos em 2003. Muitos desses jovens se tornaram estudantes e levaram esse mesmo espírito para suas universidades.

Além disso, novas iniciativas nasceram dentro da liderança. Por cerca de dez anos desde 2003, no geral, foi implementado um modelo no qual havia um líder auxiliado por um grupo de conselheiros escolhidos pela congregação. Foi uma tentativa de sustentar a

igreja da melhor forma possível. O objetivo era buscar maior pluralidade para a liderança, tornando-a menos centralizada. Em algumas igrejas isso foi possível e levou a boas experiências, quando comparadas ao modelo de controle hierárquico anterior, mas, de maneira geral, ainda não tínhamos uma estrutura que se aproximasse satisfatoriamente do modelo neotestamentário. Nesse sentido, sobretudo a partir das experiências que nasceram na igreja de Brasília, foi-se construindo um entendimento de que a melhor forma para se estruturar e conduzir a igreja seria por meio do presbitério. Assim passou-se a trabalhar para se apontar diáconos e presbíteros em treinamento para exercerem papéis de liderança ministerial. Lembramos que isso não é necessariamente inovador do ponto de vista das ideias, uma vez que o estatuto da ICI de São Paulo de 1991 já previa um tipo semelhante de liderança. No entanto, como se observou claramente em nossa história, nunca foi posto em prática, caminhando para a centralização hierarquizada. Nesse sentido, de fato, temos entrado numa nova fase de liderança. Desde 2014, encorajadas pelas experiências saudáveis da ICI de Brasília, algumas igrejas já têm passado por uma reformulação da estrutura de liderança, acompanhada da reformulação de seus estatutos.

Contudo, novas experiências de modelo de igreja surgiram desde 2014, quando Alcides e Leslie mudaram-se para Goiânia para liderar a missão que já estava em curso na cidade, desde 2010. A igreja em Goiânia, nessa fase inicial de sua construção, optou por congregar-se somente nas casas dos discípulos. Isso respeita muito o entendimento, que nasceu nos últimos anos, de que as igrejas locais são autônomas para lidar com seus assuntos, mantendo sempre um laço de irmandade e interdependência entre as igrejas de Cristo no Brasil. Nossa família de igrejas no Brasil tem buscado aprofundar essas características: **dependência de Deus, interdependência entre as igrejas locais e servidão à comunidade ao redor.**

Concluindo, acreditamos que a fase de reconstrução segue em curso e que ainda precisamos dar passos importantes em direção a uma igreja plenamente saudável, baseada no amor, guiada pela fé e com os olhos fixos na esperança de que o Reino de Deus vai seguir avançando em nossa era, e nós daremos nossa contribuição nesse sentido, como instrumentos nas mãos de Deus. O Senhor e Pai que nos sustentou e guiou até aqui, continuará nos fortalecendo e orientando ao longo da jornada.

O chamado que Jesus nos fez em Mateus 5:48 é que sejamos perfeitos, como perfeito é o nosso Pai celestial. Como corpo de Cristo e como discípulos, nosso alvo é a perfeição do filho unigênito. Aquilo que não alcançou a perfeição até agora, deve servir

de inspiração para tentativas futuras, renovadas em gerações e sonhos. A jornada da fé, da esperança e do amor busca a perfeição em Cristo, geração após geração, e toda tentativa que a história capturou, como disse Novalis²⁹², permanece como chama acesa. Nossa história é uma das inúmeras tentativas de alcançar a perfeição; hoje estamos fazendo surgir, pelo poder do Espírito Santo e através do cabeça da Igreja, que é Cristo, novas e renovadas configurações, cada vez mais ricas. Que seja essa a nossa oração:

“Quero conhecer a Cristo, ao poder da sua ressurreição e à participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:10-14).

²⁹² Aquilo que agora não alcança a perfeição, alcançá-la-á numa futura tentativa, ou numa outra ainda: nada do que a história capturou é efêmero, e volta a surgir de inúmeras metamorfoses, renovado em configurações cada vez mais ricas”.

Considerações Finais

Toda a história da Igreja, na qual estamos inseridos, glorifica Deus!

Ao observarmos os acontecimentos, tanto no âmbito dos dois mil anos da Igreja Cristã quanto no contexto das três décadas da Igreja de Cristo Internacional (ICI) no Brasil, constatamos a grandeza e o amor de Deus sobrepujando a fragilidade humana. O próprio advento do Messias demonstra essa dinâmica histórica, na qual o poder da graça sobrepuja e transforma a fraqueza humana. Cristo veio ao mundo como um pequeno broto de uma planta: *Um ramo surgirá do tronco de Jessé, e das suas raízes brotará um renovo* (Isaías 11:1). Mas, pela ação plena do Espírito Santo²⁹³ na vida de Jesus, a pequena criança de Belém, o jovem desconhecido de Nazaré, o homem rejeitado, despido e crucificado entre bandidos em Jerusalém, inspirou-se no temor do Senhor e tornou-se fonte de nossa redenção. Aquele “ramo” que surgiu em Belém, conforme a profecia, é o Filho de Deus, o primogênito entre nós!

Com base nessa obra redentora de Jesus, não apenas nós, mas todo o universo, está sendo restaurado pelo Pai. A criação, produto do amor de Deus e corrompida posteriormente pelo pecado, tem sido graciosamente restaurada para que, na consumação dos propósitos do Criador, ela seja “muito boa”²⁹⁴, tal como declarado no início dos tempos. E a Igreja detém um papel relevante no desenrolar desse plano.

Neste período da história, o Senhor trouxe cada um de nós à existência e gentilmente nos convida a participarmos desse enredo milenar como seus filhos. Os cristãos de cada geração são embaixadores de Cristo, agentes de reconciliação e restauração. Com isso, o grande tesouro do evangelho é guardado em vasos de barro na igreja do Senhor Jesus ²⁹⁵(2 Coríntios 4:7).

Dessa forma, nossa **esperança** está centrada em Deus e não em pessoas ou em circunstâncias históricas. **E essa verdadeira esperança jamais nos decepciona!**²⁹⁶ Mais

²⁹³ **Is 11:2-3a:** O Espírito do Senhor renousará sobre ele. o Espírito que dá sabedoria e entendimento. o Espírito que traz conselho e poder, o Espírito que dá conhecimento e temor do Senhor. E ele se inspirará no temor do Senhor.

²⁹⁴ **Gn 1:31:** E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado **muito bom** (grifo nosso).

²⁹⁵ **2 Co 4:7:** Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós.

²⁹⁶ **Rm 5:5:** *E a esperança não nos decepciona*, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu.

que isso, renovada a cada dia, ela torna-se a base inabalável de nossa **fé** e a fonte inesgotável de nosso **amor**, como Paulo afirma nas Escrituras: (...) *pois temos ouvido falar da fé que vocês têm em Cristo Jesus e do amor por todos os santos por causa da esperança que lhes está reservada nos céus* (Colossenses 1:4,5a).

A visão de um novo céu e uma nova terra, registrada por João no livro de Apocalipse²⁹⁷, ainda não foi consumada, mas está em curso. Essa, porém, não é uma visão utópica que nos leva a fugir da realidade. Ao contrário, é uma visão que nos desafia, pois Cristo nos convida a participarmos com ele dessa restauração. Hoje, participamos ativamente dessa história de redenção, na condição de embaixadores de Cristo e filhos de Deus, quando nos voltamos diariamente para o Pai Celestial, quando perdoamos o próximo, quando tratamos com respeito as pessoas, quando zelamos pela criação de Deus, quando nos esforçamos para fazer tudo com excelência, para a glória de Deus, quando confessamos nosso pecado e renunciamos a ele, quando buscamos fazer o que é correto aos olhos do Pai, quando vivemos livres, pela libertação que a graça nos proporciona, quando anunciamos as boas novas do evangelho aos nossos amigos e quando nos dedicamos com todo o coração para fazer novos discípulos de Cristo, quando nos doamos para amar e edificar nossa comunidade de fé, quando vivemos aprofundando a convicção do amor do Pai por nós; enfim, quando buscamos fazer a vontade do Pai por pura gratidão e amor a ele.

Que possamos cada vez mais compreender a história do universo, que abarca a Criação, a Queda, a Remissão e a Consumação, por meio das lentes da revelação de Deus. Que possamos também ter sempre diante de nós a história do povo de Deus, contada nas páginas do Antigo e do Novo Testamento, a ponto de entendermos nosso papel nessa grande jornada de fé.

O exercício de nos situarmos na história firma nossa **identidade** e nos dá **esperança**, base para construirmos a **fé** e exercitarmos o **amor**. Assim, compreendemos que o nosso Deus é o mesmo Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o mesmo Deus de Pedro, Tiago e João, e de tantos outros homens e mulheres, que cumpriram seu papel ao longo dos séculos, que é o Deus, Pai do Senhor Jesus Cristo. Amém!

²⁹⁷ **Ad 21:1-5**: Então vi um novo céu e uma nova terra. pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado: e o mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens. com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos: o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou". Aquele que estava assentado no trono disse: "Estou fazendo novas todas as coisas!" E acrescentou: "Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança".

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo-SP: Vida, 2009.
- ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da bíblia**. São Paulo-SP: Hagnos, 2004.
- BÍBLIA. **Bíblia de estudo McArthur**: versão Almeida revista e atualizada. São Paulo-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- _____. **Bíblia do ministro com concordância**: nova versão internacional. São Paulo-SP: Vida, 2007.
- _____. **Bíblia vida nova**: versão Almeida revista e atualizada. 16 ed. São Paulo-SP: Vida Nova, 1992.
- CÉSAR, Elben Lenz. **Práticas devocionais**. Viçosa-MG: Ultimato, 2005.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo-SP: Mundo Cristão, 2016.
- DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2015.
- FERGUNSON, Gordon. **Prepared to Answer**. Confronting Religious Doctrines with Biblical Teaching. Billerica-MA: DPI, 1998.
- FERREIRA, Franklin. **O Credo dos apóstolos**: as doutrinas centrais da fé cristã. São José dos Campos-SP: Fiel, 2015.
- GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**. Vol 1 e 2. Rio de Janeiro-RJ: CPAD, 2010.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Visão panorâmica da história da igreja**: um roteiro para a série história ilustrada do cristianismo. São Paulo-SP: Vida Nova, 1998.
- GREENMAN, Jeffrey P. **The pedagogy of praise**. Vancouver-BC: Regent College Publishing, 2016.
- GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e consumação**: o reino, a aliança e o mediador. Vol 1, 2 e 3. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2002.
- _____. **O progresso da revelação no antigo testamento**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2006.
- _____. **Revelação messiânica no antigo testamento**. 2 ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2003.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: atual e exhaustiva. São Paulo-SP: Vida Nova, 1999.

- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, 2001.
- HOUSTON, James. **Orar com Deus: desenvolvendo uma transformadora e poderosa amizade com Deus**. 2 ed. São Paulo-SP: Abba Press, 2003.
- ILLICH, Ivan. **Obras Reunidas**. Vol 1. 1 ed. Cuernavaca-MO: Fundo Economica Cultural, 2008.
- _____. **The Powerless Church**. 1 ed. State College-PE: Penn State University Press, 2018.
- JACOBY, Douglas. **A quick overview of the bible: understanding how all the pieces fit together**. Eugene-OR: Harvest House Publishers, 2012.
- _____. **Genesis, Science e history: a faith-building look at the opening chapters of genesis**. Billerica-MA: DPI, 2004.
- KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas filosóficas**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- LEWIS, C. S. **O peso da glória**. Rio de Janeiro-RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MATOS, Alderi Souza. **Os Avivamentos Norte-Americanos**. Disponível em <http://thirdmill.org/portuguese/35260~11_1_01_10-22-2_AM~Os_Avivamentos_Norte.html>. Acesso em 03 de nov 2018.
- MILLER, Darrow L. **Disciplining Nations: the power of truth to transform cultures**. 2 ed. Seattle-WA: Ywam Publishing, 2001.
- McGRATH, Alister. **Origens intelectuais da reforma**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2007.
- NOUWEN, Henri. **O caminho do coração: a espiritualidade de padres e madres do deserto**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- _____. **A formação espiritual**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.
- OAKES, John M. **The christian story: finding the church in church history**. Vol 1. Spring-TX: Illumination Publishers International, 2012.
- OUWENEEL, Willem. **Coração e alma: uma perspectiva cristã da psicologia**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2014.
- PÉREZ, Zaida M.; GONZÁLEZ, Justo L. **Introdução à teologia cristã**. São Paulo-SP: Hagnos, 2006.
- PESTANA, Álvaro César. **Curso de teologia livre: apostilas e vídeos da escola de teologia em casa**. Disponível em <<http://www.teologiaemcasa.com.br/>>. Acesso em 18 jan 2019.

- PIPER, John. **The value of learning history**: a lesson from Jude. Disponível em <http://www.desiringgod.org/articles/the-value-of-learning-history>. Acesso em 29 jul 2017.
- ROBERTSON, Palmer. **O cristo dos pactos**. 2 ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2011.
- SAWYER, James. **Uma introdução à teologia**: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo-SP: Vida, 2009.
- SCHAEFFER, Francis A. **A morte da razão**. 2 ed. São Paulo-SP: ABU; Viçosa-MG: Ultimato, 2014.
- _____. **Como viveremos?** 2 ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2013.
- _____. **Verdadeira espiritualidade**. 2 ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2008.
- SIRE, James W. **The universe next door**. 5 ed. Nottingham-England: IVP Academic, 2009.
- SMITH, James K. A. **Você é aquilo que ama**. São Paulo-SP: Vida Nova, 2017.
- SOUSA, Ricardo Barbosa. **Pensamentos transformados, emoções redimidas**. Viçosa-MG: Ultimato, 2016.
- _____. **O caminho do coração**: ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã. 5 ed. Curitiba-PR: Encontro Publicações, 2004.
- STANBACK, Foster. **Into all nations**. Newton Upper Falls-MA: Illumination Publishers International, 2005.
- STOTT, John. **Os cristãos e os desafios contemporâneos**. Viçosa-MG: Ultimato, 2014.
- _____. **Por que sou cristão**. Viçosa-MG: Ultimato, 2004.
- TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo-RS: Unissinos, 2010.
- TERTULIANO. **Apologia**. Disponível em <<http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html>>. Acesso em 21 jan 2019.
- TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4 ed. São Paulo-SP: Aste, 2007.
- WALTON, John. **O mundo perdido de adão e eva**: debate sobre a origem da humanidade e a leitura de gênesis. Viçosa-MG: Ultimato, 2016.
- WEBSTER, Douglas. **Em dívida com Cristo**: estudo sobre o significado da cruz. Porto Alegre-RS: Publicadora Ecclesia.
- WILSON, John F. **The international church of Christ**: a historical overview. Leaven (Pepperdine University), 2010.
- WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**: base bíblica para uma cosmovisão reformada. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2006.

Nota sobre os autores

Bruno Ochman: tornou-se cristão há 19 anos e é casado com Camila, com quem serve na Região Oeste da Igreja de Cristo Internacional de São Paulo. Tem interesses nas áreas de literatura, tradução, ensino e teologia. Há 15 anos trabalha como professor de língua inglesa no ensino público e, atualmente, está cursando mestrado em Estudos Bíblicos e Pastorais.

Denilson Campos: casado com Paula e pai de Ana Beatriz. Cursou Engenharia, Filosofia e Teologia. Trabalha com Auditoria Governamental e atualmente assessora a implementação de Programas de Integridade no âmbito do Governo Federal. Tornou-se cristão há cerca de 30 anos e desde 2005 serve na Igreja de Cristo Internacional de Brasília, cidade onde mora com a família.

Edson Nakashima: é discípulo há 30 anos, casado com Sandra e serve na Região do Campo Limpo, na Igreja de Cristo Internacional de São Paulo. É formado em Letras e tem mestrado em Educação. Tem interesse em Teologia, Comunicação e Edição de Livros. Atualmente atua em edição de livros, internet e mídias sociais.

Neto Leão: é discípulo de Cristo há treze anos, casado com Isabelle e vive em Campinas. Congrega na Igreja de Cristo Internacional de Campinas desde 2008. Tem interesse em história, filosofia e teologia. Atualmente está completando seus estudos de doutorado na Unicamp, onde estuda a obra de Ivan Illich, pensador cristão do século XX.

Sérgio Ricardo Costa: é discípulo de Cristo desde 1988. Casado com Stela e pai do Pedro, serve na Região Oeste da Igreja de Cristo Internacional de São Paulo. Formado em Engenharia Metalúrgica, possui mestrado em Engenharia de Materiais e especialização em Gestão de Projetos. Atualmente é servidor público federal e está cursando mestrado em Estudos Bíblicos e Pastorais.

Contato (e-mail): circuloaprendizagem@gmail.com